

Sobre Quantificadores Universais no Português de
Moçambique: uma proposta de análise comparativa com o
Português Europeu

Rufino Alfredo

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, sob orientação da
Professora Doutora Fátima Oliveira.

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Maria Brito
Faculdade de Letras - Universidade do Porto
Professor Doutor António Leal
Faculdade de Letras - Universidade do Porto
Professora Doutora Fátima Oliveira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores.

NOTA PRÉVIA

Não há palavras que possam exprimir o meu sentimento de gratidão a várias pessoas que me acompanharam neste caminho tão longo mas necessário, pelo que lhes devo muito. A minha gratidão vai, em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade que tive de realizar um dos maiores sonhos com muita saúde.

Agradeço especialmente à minha orientadora, a Professora Doutora Fátima Oliveira, pelo impulso didático e rigor científico na materialização do presente trabalho. Por toda a dedicação, disponibilidade, compreensão e orientação. Não me posso esquecer do seu calor humano, dos seus elogios que recebi mesmo sem os merecer.

Um agradecimento especial à Professora Ana Maria Brito, pela sua disponibilidade, acolhimento, orientação e esclarecimento de dúvidas aos estudantes do Curso de Linguística.

Aos meus professores do Mestrado em Linguística, nomeadamente os Professores Doutores João Veloso, Fátima Silva, Graça Pinto, Belinda Maia.

Agradeço aos membros do grupo de Semântica, em especial aos Professores Doutores António Leal, Luís Filipe Cunha, Purificação Silvano e Idalina Ferreira, pelas contribuições e discussões meramente semânticas, e por tudo o que convosco aprendi nos encontros do grupo e nas aulas de Temas de Semântica II, onde eram convidados especiais.

Agradeço também às instituições que me apoiaram diretamente durante a frequência do Mestrado em Linguística: a Fundação Calouste Gulbenkian, que me concedeu uma bolsa de estudo; a Universidade Pedagógica de Moçambique pela oportunidade e pela valorização de formação do corpo docente.

Agradeço à minha família e amigos todo o apoio que me deram. De um modo muito especial, agradeço aos meus pais, Alfredo Chiambo Chicuava e Ália Gochane Cossa por acreditarem em mim, meus mestres para a vida. Agradeço ao Fred Do Rosário Rufino Chicuava, Arge Da Ália Rufino Chicuava e Cailane Da Ália Rufino Chicuava, pela paciência que tiveram com um pai até aqui nem sempre presente. À Telma, pela compreensão, paciência e cumplicidade.

Aos meus colegas e amigos, especialmente a Valéria Caete Soares, a Milaydis Sosa, a Joana Carvalho, o Carlos Gomes, pela amizade, companheirismo e encorajamento, o meu “Khanimambo de coração”.

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	ii
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	ix
ÍNDICE DE QUADROS	xi
INTRODUÇÃO	12
1. Enquadramento histórico-social da formação da variedade moçambicana do português	12
2. A diversidade sociolinguística em Moçambique	15
3. Sobre a dissertação	18
CAPÍTULO I - ASPETOS GERAIS SOBRE A QUANTIFICAÇÃO NOMINAL	21
1.1 Introdução	21
1.2 A noção de quantificação	21
1.3 Para uma sistematização dos quantificadores	24
1.4 Processos semânticos de quantificação	27
1.4.1 Quantificação de contagem (ou quantificação descontínua, ou quantificação discreta)	27
1.4.1.1 Quantificação de contagem absoluta	28
1.4.1.2 A quantificação de contagem relativa	28
1.4.2 Quantificação de medição ou contínua	29
1.4.2.1 A quantificação de medição absoluta	29
1.4.2.2 A quantificação de medição relativa (ou mereológica)	29
1.4.3 A quantificação de medição escalar (ou de graduação)	30
1.5 Conclusão do capítulo	31
CAPÍTULO II – METODOLOGIA: A RECOLHA DE DADOS	32
2.1 Introdução	32
2.2 A natureza dos dados	35

2.2.1 O <i>Corpus</i> escrito	35
2.3 Material e procedimentos	38
2.3.1 Material e procedimento no teste de produção provocada	38
2.3.2 Material e procedimento na tarefa de juízo de gramaticalidade	39
2.4 Tratamento dos dados escritos	40
CAPÍTULO III: OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS NO PE E NO PB	42
3.1 Os quantificadores universais no PE	45
3.1.1 O quantificador universal “todos”	45
3.1.1.1 O quantificador “todo” / “todos” e os nomes contínuos ou massivos	48
3.1.1.2 “Todo”/“Todos” e o domínio sobre predicados	50
3.1.1.2.1 Predicados coletivos	51
3.1.1.2.2 Predicados simétricos	51
3.1.1.2.3 Predicados distributivos	52
3.1.2 O quantificador universal “cada”	54
3.1.3 O quantificador universal “ambos”	59
3.1.4 O quantificador universal “qualquer”	61
3.2 O pronome “tudo”	64
3.3 O tratamento de alguns quantificadores universais no PB	66
3.3.1 “Todo”/“todos”	66
3.3.2 “Tudo”	70
3.4 Síntese do capítulo	74
CAPÍTULO IV	
OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE:	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	76
4.1. Introdução	76

4.2 Os quantificadores universais do PM	76
4.2.1 Resultados de tarefa de produção provocada	77
4.2.1.1. Posições e contextos de realização de quantificadores universais do PM ..	77
4.2.1.1.1 “Todos”	78
4.2.1.1.2 “Todo”	78
4.2.1.1.3 “Ambos”	79
4.2.1.1.4 “Cada”	79
4.2.1.1.5 “Qualquer”	80
4.2.2 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade	83
4.2.2.1 “Todo” e “todos” no PM	83
4.2.2.2 “Ambos” no PM	88
4.2.2.3 “Cada” no PM	89
4.2.2.4 “Qualquer” no PM	92
4.3 Síntese do Capítulo	95
Conclusões	97
Referências bibliográficas	101
Anexos	109

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar os quantificadores universais (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*) no Português de Moçambique (doravante PM) comparando-os com os do Português Europeu (PE) e alguns casos do Português Brasileiro (doravante PB). Tendo em conta alguns estudos que revelam a existência de algumas especificidades do PB relativas à realização de quantificação nominal com quantificadores *todo* e *todos* relativamente ao PE, propomos, numa primeira fase da nossa pesquisa, analisar apenas a realização destes. Desta feita, para proceder à análise dos dados, construiu-se um *corpus* escrito que resultou da aplicação de dois testes distintos a 100 estudantes dos cursos propedêuticos da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Maputo (UP-Sede), falantes do PM: (i) uma tarefa de produção provocada, em que os falantes abrangidos pela nossa pesquisa tinham que produzir, individualmente, uma frase correta ao critério de cada um, tendo em conta um conjunto de elementos linguísticos desordenados fornecidos pelo investigador; (ii) uma tarefa de juízos de aceitabilidade. Igualmente nos servimos de dados extraídos de *corpus Moçambula* de Variedades Africanas do Português constituído no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e de jornais de notícias *online* de Moçambique, “O Jornal@Verdade”. Os dados analisados parecem sugerir a existência de algumas semelhanças na realização de quantificadores universais nas três variedades do Português: por exemplo, os falantes do PM realizam a quantificação nominal com quantificadores universais associados aos SN’s (definidos) em posição de sujeito, com interpretação meramente quantificacional, à semelhança do PE; e nota-se igualmente construções semelhantes às do PB: quando os quantificadores *todo* e *todos* ocorrem associados aos nomes sem determinante em posição de sujeito. A análise permitiu verificar que no PM há padrões de realização de quantificação nominal com quantificadores universais e ocorrem fenómenos linguísticos interessantes sob ponto de vista semântico de algumas construções em que são realizados os quantificadores universais do PM.

Palavras-chave: *PM, quantificadores universais, contextos, interpretação semântica.*

ABSTRACT

This work aims to study the universal quantifiers (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*) in Portuguese of Mozambique (hereinafter PM) in comparison with those of European Portuguese (EP) and with some cases of Brazilian Portuguese (henceforth PB). Considering that some studies reveal the existence of certain specifics of the nominal quantification realization with the quantifiers *todo* and *todos* in PB with respect to PE, we propose, in the first phase of our research, to analyze only the realization of such quantifiers. Consequently, to proceed to the data analysis, we built a written *corpus* obtained from the application of two different tests to 100 students of the propedeutics courses of the Pedagogical University of Mozambique, headquartered in the Maputo Delegation. The first test consisted of a caused production task, in which the speakers covered by the research had to produce individually and to their discretion, a correct sentence taking into account a set of disorderly linguistic elements provided by the researcher. The second test consisted of an acceptability judgment task. Also, material obtained from the *corpus Moçambula* of African Varieties of Portuguese constituted at the Centre of Linguistics of the University of Lisbon (CLUL) and from the *online* newspaper of Mozambique “O Jornal@Verdade”, were used. The analysed data suggest the existence of some similarities in the realization of universal quantifiers in the three varieties of Portuguese. For instance, similar to PE, PM speakers realize the nominal quantification using NS associated universal quantifiers (definite) in the subject position, with merely quantificational interpretation. We also observed constructions similar to those in PB as when the quantifiers *todo* and *todos* occur in association to nouns without determinants in the subject position. The analysis allow us to verify that PM exhibit nominal quantification realization patterns with universal quantifiers and that semantically interesting linguistic phenomena occur within certain constructions in which universal quantifiers of PM are realized.

Keywords: *PM, universal quantifiers, contexts, semantic interpretation.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

CPOM - *Corpus* do Português Oral de Maputo

DD – Determinante Definido

DD's – Determinante(s) Definido(s)

DI – Determinante Indefinido

i.e. – isto é

INDE - Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PM - Português de Moçambique

POM – Português Oral de Maputo

L1 – Língua 1 ou Língua materna

L2 – Língua 2

N – Número

NP – Noun Phrase/Nome sem determinante/quantificado

UP – Universidade Pedagógica

SN – Sintagma Nominal

SN's – Sintagmas Nominais

SV – Sintagma Verbal

SV's – Sintagmas Verbais

VD - Variáveis Dependentes

VI – Variáveis Independentes

% - Percentagem

' \forall ' - Quantificador universal

' \rightarrow ' - Indica a implicação material (que se lê: *se...então*)

' \exists ' - Quantificador existencial

'x' - Representa uma variável

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro (i) - Evolução da percentagem de falantes de português em Moçambique (1980 - 2007)	14
Quadro (ii) - Sistematização de classes de quantificadores	25
Quadro (iii) - Variável Independente: Números e Percentagens	36
Quadro (iv) – Número de frases por cada um dos quantificadores universais em estudo	38
Quadro (v) - Síntese das Propriedades dos Quantificadores Universais no PE	66
Quadro (vi) - <i>Todos</i> : Resultados da tarefa de produção provocada (%)	78
Quadro (vii) - <i>Todo</i> : Resultados da tarefa de produção provocada (%)	78
Quadro (viii) - <i>Ambos</i> : Resultados da tarefa de produção provocada (%)	79
Quadro (ix) - <i>Cada</i> : Resultados da tarefa de produção provocada (%)	79
Quadro (x) - <i>Qualquer</i> : Resultados da tarefa de produção provocada (%).....	80
Quadro (xi) - Distribuição comparativa de <i>todo/todos e ambos</i> em alguns <i>corpora</i> do PM	100

INTRODUÇÃO

A variedade moçambicana do Português tem merecido um campo privilegiado de investigação por parte de alguns linguistas, com maior destaque para os trabalhos realizados por Gonçalves (2013), Gonçalves & Stroud (1997), Firmino (2002) e outros autores. As abordagens tidas em conta, na sua maioria, circunscrevem-se a contextos multilingues. As variações e mudanças linguísticas são apontadas como resultado de uma convivência entre línguas bantu e a língua portuguesa. Moçambique, ainda que tenha um pouco mais de vinte línguas, tem o português como língua oficialmente privilegiada nas escolas moçambicanas e noutras instituições públicas.

Estudos atuais sobre o PM mostram que esta variedade do português possui algumas particularidades linguísticas em diferentes áreas linguísticas, nomeadamente no que se refere aos aspetos fónicos, lexicais, morfossintáticos, sintáticos e semânticos (cf. Gonçalves, 2013:148).

Neste contexto, são necessários estudos sobre as especificidades do Português de Moçambique, tendo em conta que, em parte, se trata de uma variedade que incorpora algumas características linguísticas diferentes relativamente às do Português Europeu.

No entanto, o Português é a língua oficial em Moçambique tal como em outros países que também têm o Português como língua oficial (Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola, o Brasil). Em segundo lugar, a língua portuguesa, caso particular para Moçambique, é falada por uma parte da população como L2, e por esta razão comporta aspetos que diferem do PE. Neste sentido, no parágrafo seguinte, apresentam-se alguns dados e tecem-se considerações sobre o Português de Moçambique.

1. Enquadramento histórico-social da formação da variedade moçambicana do “Português”

Nesta secção, importa-nos descrever, em pontos gerais, contextos atuais da realidade moçambicana do português, neste caso, do período pós-colonial (1975). A colonização de alguns países africanos, nomeadamente Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, por Portugal, condicionou o uso da língua portuguesa como língua oficial. Os colonizadores portugueses, tal como em outros casos, utilizaram a língua portuguesa como um meio de dominação, excluindo assim as línguas

africanas em todas as vertentes (socioculturais, socioeconómicas,) estabelecendo mitos que classificavam as línguas bantu como «incapazes de cumprir certas funções, sobretudo a de veicular as noções modernas, os conceitos abstratos e científicos (...)» - Zamparoni (2009:32). Todas as línguas africanas eram consideradas “dialetos” pela ideologia colonial, num sentido e sentimento de desvalorização destas excluindo até a possibilidade de serem usadas em muitos contextos de contacto obrigatório para com os portugueses. “Todo dialeto é uma língua, mas toda língua não é um dialeto” (Haugen, 2001:100)¹. “Toda a língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.” Alkmin (2001:41)².

Para expandir o uso obrigatório da Língua Portuguesa, o sistema colonial, em parte, impedia o uso de línguas bantu através de alguns procedimentos judiciais (leis, decretos,) em instituições públicas, incluindo nas escolas. Em segundo lugar, destacase igualmente estudos religiosos da igreja Católica, obrigatoriamente, através de catequese.

Em Moçambique, à semelhança de outros países africanos já referenciados, a Língua Portuguesa «constitui o principal veículo de comunicação usado na administração pública, no ensino formal e nos órgãos de comunicação social. Sendo ainda a língua preferida pela quase totalidade dos escritores» - Gonçalves (2013:157).

Dados do censo populacional de 2010 mostram que o português é ainda uma das línguas mais faladas em cidades de maior relevo (municípios e vilas distritais) de Moçambique. A ausência de pelo menos uma língua moçambicana capaz de unificar os moçambicanos de Norte-Centro-Sul faz com que o português sirva mais ainda como a única língua privilegiada em contextos orais de comunicação, sobretudo no meio urbano.

A definição de uma política educacional e difusão sistemática do português em Moçambique foi desencadeada através de processo “assimilacionista” francês (cf. Gonçalves, 2013:159). Historicamente, a colonização portuguesa (1500-1974) afetou seriamente a evolução linguística, ao encetar, através de uma política de assimilação, um processo de marginalização sistemática das línguas autóctones, enfraquecendo-as na

¹ Apud Zamparoni (2009)

² Apud Zamparoni (2009)

veiculação da cultura e da ciência, relegando-as para o plano familiar e cerimónias mágico-religiosas (Cumbane: 2008).

Assim sendo, a língua portuguesa tornou-se a única língua de ensino e de transmissão de saberes nas escolas. Enquanto, por outro lado, as línguas moçambicanas eram reservadas apenas para a instrução religiosa, e para fins de comunicação entre os falantes destas.

Desde logo na chegada dos portugueses a Moçambique (1498), reconhece-se que o português era ainda uma língua falada por um número inferior de moçambicanos. Estudos feitos por Mateus (1999:212) e partilhados em Gonçalves (2013:159) apontam que o ensino da Língua Portuguesa foi intensificada consideravelmente após independência (1975) devido à educação, gratuita, obrigatória e inclusiva incentivada pela política linguística, ou simplesmente à expansão de escolas em vários níveis de ensino, nomeadamente: primário, secundário e técnico-profissional, e mais tarde o ensino superior e passando, deste modo, a registar um número consideravelmente significativo de falantes que se encontram em zonas urbanas que se sirvam desta língua.

Segundo dados dos censos populacionais divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (2010), nos últimos anos, após a independência, a percentagem de falantes de português como L1 aumentou significativamente e o número de falantes desta língua como L2 também aumentou. Veja-se no quadro a baixo.

Quadro (i) – Evolução da percentagem de falantes de português em Moçambique

Falantes do português	1980	1997	2007
L1	1,2%	6,5%	10,7%
L2	24,4%	33%	39,7%
L1 e L2	25,6%	39,5%	50,4%

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (2010)

O quadro (i) mostra que, segundo os dados divulgados por Instituto Nacional de Estatística (2010), em 2007, apenas 10,7% de uma população total de 20 milhões fala português como língua materna, (L1), 39,7% falam-no como segunda (L2), e cerca de 49,6 % afirmam não terem absolutamente nenhuma competência nesta língua. Embora o uso de português tenha aumentado consideravelmente, é importante salientar que o português representa uma segunda (ou terceira) língua para a maioria (90%) dos moçambicanos, sendo o português tipicamente adquirido durante a infância por via

institucional - Chimbutane & Gonçalves (2002). Para esta maioria de moçambicanos, a língua falada com maior frequência em casa é uma língua bantu, quer nas zonas urbanas, quer nas zonas rurais.

Como consequência do estatuto de L2 do Português para a maior parte dos seus falantes, há condições criadas para que esta língua seja, pelo menos em parte, sujeita a mudanças e variação linguísticas relativamente ao padrão europeu do português. Estes fenómenos condicionam direta ou indiretamente uma mudança de natureza diferente do que se passa das línguas adquiridas como L1 em contextos monolíngues, o caso especial do PB (cf. Gonçalves, 2013:161).

Gonçalves (2013) considera ainda que o fator *contacto linguístico* com as línguas moçambicanas - as línguas maternas da maior parte da população, muitas das inovações relativamente à norma europeia do português resultam da interferência direta ou indireta da gramática destas línguas em vários campos do saber da gramática, nomeadamente na fonética e fonologia, morfologia e sintaxe do sistema gramatical do PE.

A variedade moçambicana do português tem-se revelado um vasto campo de investigação sobre as suas particularidades linguísticas. Contudo, quase não existem estudos sistemáticos sobre quantificadores universais no PM, destacando-se apenas o trabalho de Carvalho (1991) sobre quantificadores e ensino de língua oficial em Moçambique, publicado em Revista Internacional de Língua Portuguesa em que algumas propriedades sintáticas e semânticas são reveladas, e um trabalho de projeto de licenciatura de Tamele (1993) sobre a quantificação comparativa e as relações de ordem no *corpus* do Português Oral de Maputo (doravante CPOM).

2. A diversidade sociolinguística em Moçambique

Estudos realizados por Greenberg (1949 -1950) e Heine e Nurse, (2000) partilham a unanimidade de que em África há quatro grandes famílias de línguas:

- (i) Afro-Asiática com 371 línguas;
- (ii) Níger Kordofaniana com 1,436 línguas;
- (iii) Nilo Sahariana com 196 línguas;
- (iv) Khoisan com cerca de 35 línguas.

A família Níger – Kordofaniana é tida como a que possui um maior número de línguas. Sendo ela subdividida em dois ramos bastante desiguais em número de falantes e extensão geográfica. Em primeiro, *o Níger – congo*, que compreende grande parte da África ao sul do Sahara, incluindo quase toda a África Ocidental, partes do Sudão Central e Oriental. É neste ramo onde se encontram as línguas bantu - localizadas geograficamente na África Ocidental e Central, que se estende até à região austral do continente e que possuem características linguísticas comuns. Em segundo lugar, o *Kordofaniana* propriamente dito, estende-se a uma zona limitada e localizada da Kordofan no Sudão.

As línguas bantu, que nos interessam, são apontadas por Guthrie (1948), no seu método comparativo, como grupo de línguas que apresentam algumas semelhanças sob ponto de vista linguístico, nos seguintes aspetos:

- (i) uso extensivo de prefixos
- (ii) cada substantivo pertence a uma classe;
- (iii) cada idioma pode ter dez ou mais classes;
- (iv) a classe é indicada por um prefixo no substantivo, como também em adjetivos e verbos que concordam com aquele;
- (v) o plural é indicado por uma mudança de prefixo.

Moçambique é um dos países africanos, localizado na África Austral. Alguns estudos em Moçambique, incluindo os censos populacionais de 1997, 2007 revelam que existem, em Moçambique, um pouco mais de vinte milhões de habitantes, socioculturalmente divididos em várias etnias, cada uma delas caracterizada por uma diversidade linguística extensa. Para além das línguas bantu e do Português, há outras línguas faladas de origem estrangeira, é o caso do Inglês, e outras de origem asiática, como Hindi, Urdu ou Gujarati. (Firmino 2002:4). O Inglês é mais fluente na comunidade estrangeira ligada a organizações internacionais e embaixadas representadas em Moçambique, embora, devido aos contactos com os países vizinhos, como a República da África do Sul, haja muitos moçambicanos que usam frequentemente esta língua. As línguas de origem asiática são faladas entre membros da comunidade de emigrantes oriundos principalmente da Índia e Paquistão ou pelos seus descendentes. Uma vez que ainda não há dados adequados para se dimensionar o impacto destas línguas de origem estrangeira, não se podem tecer grandes considerações à volta do seu impacto.

Administrativamente, Moçambique divide-se em 10 Províncias com os respetivos grupos étnicos e linguísticos, nomeadamente Maputo – *Xirhonga e Xichangana*, Gaza – *Xichangana e Cicopi*, Inhambane – *Cicopi, Gitonga e Xitshwa*, Manica – *Cimanica e Cindau*, Sofala - *Cisena*, Zambézia - *Shuabo*, Tete - *Cinyúnguè*, Nampula - *Emakhuwa*, Cabo Delgado - *Shimakonde* e Niassa – *Ciyao, Cinyanja e Emakhuwa*, só para citar alguns exemplos. As 10 províncias estão subdivididas em três regiões: Maputo, Gaza, Inhambane - *Região do Sul de Moçambique*; Manica, Sofala, Zambézia e Tete – *Região Central* e Nampula, Cabo Delgado e Niassa – *Região do Norte*. (Sitoe & Ngunga, 2000).

Segundo o mapa linguístico de Moçambique, e conforme dissemos anteriormente, das Línguas Bantu acima descritas não existe sequer uma delas que seja falada em todas as regiões moçambicanas. Relativamente à Língua Portuguesa como língua oficial, o seu espaço linguístico é limitado, pois é mais influente nas zonas urbanas que rurais.

A maior parte da população é multilingue ou bilingue, falando duas ou mais línguas bantu ou uma combinação de uma ou duas línguas bantu com o português. Um número reduzido da população é monolinguê, quer numa língua bantu quer em português. Vários estudos realçam que existem duas situações sociolinguísticas distintas: uma nas zonas urbanas e outra nas zonas rurais (cf. Dias, 2002 e Silva, 1991). Um fenómeno também partilhado por Lindonde (2002:119), ao considerar que “no território moçambicano convivem provavelmente três tipos de falantes: (i) os que falam unicamente uma das línguas do grupo bantu; (ii) os que falam o Português e uma das línguas bantu; (iii) os que falam o Português como língua materna”.

O Português em Moçambique é ainda falado pela maioria como uma L2 num ambiente sociolinguisticamente caracterizado por um extenso multilinguismo (cerca de vinte línguas bantu - línguas maternas de grande maioria da população) e contacto linguístico. Entretanto, eis a razão pela qual a Língua Portuguesa em Moçambique, apesar de ser oficial, continua a distanciar-se de outras variedades do português devido, em parte, (i) à criatividade influenciadora dos seus falantes, o que tem um papel fundamental na construção ou formação da gramática do PM.

(ii) a nativização³ da Língua Portuguesa em Moçambique influenciada por prestígio social e político, i. e., o processo de transformação da norma-padrão europeia em PM - uma variedade que na base das línguas bantu adapta, integra na língua os seus valores culturais, a sua identidade, os seus símbolos, os seus objetos materiais, de tal forma que seja sentida como pertence dos moçambicanos. (cf. Firmino, 2002).

3. Sobre a dissertação

A presente dissertação faz uma abordagem semântica de quantificadores universais no Português de Moçambique, comparando-os com os do PE e do PB, em alguns casos. Assim, serão analisados os padrões de realização e propriedades semânticas de cinco quantificadores universais (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*), na base de um *corpus* escrito (inquérito) constituído por duas tarefas, nomeadamente (i) uma tarefa de produção provocada e (ii) de juízos de aceitabilidade de (100) estudantes de cursos propedêuticos universitários da UP – Maputo, falantes do PM, e outros dados extraídos do *corpus Moçambula* de Variedades Africanas do Português constituído no CLUL e Jornais de notícias *online* de Moçambique, “O Jornal@Verdade”.

Para além da escassez ou quase inexistência de estudos sistematizados sobre a quantificação nominal e quantificadores universais no Português falado em Moçambique, a pertinência e escolha deste tema como objeto de estudo advém de dois fatores fundamentais. Em primeiro lugar, por razões de investigação linguística, concretamente pela necessidade de analisar e compreender semanticamente produções com quantificadores universais de falantes do PM, visto que esta variedade do português vem sofrendo algumas mudanças linguísticas em resultado de fatores externos e internos. Em segundo lugar, os estudos efetuados para o PE e PB têm mostrado que existe uma diferença entre a realização e interpretação semântica de quantificação nestas duas variantes, sobretudo no que se refere aos quantificadores universais *todo* e *todos*. Por estas razões, interessou-nos uma análise (semântica) comparativa deste fenómeno nas variedades referenciadas, tentando responder às seguintes questões:

³ Termo utilizado por Firmino (2002); Vilela (1995); Gonçalves (2014) e mais autores para distinguir variedades do português, algumas formadas por transposição linguística irregular (TLI): crioulização e pidginização.

- (i) como se realiza a quantificação nominal com quantificadores universais nesta variedade do Português?
- (ii) que padrões são preferencialmente usados na realização de quantificação nominal com quantificadores universais por falantes do PM?
- (iii) em que contextos são realizados os quantificadores universais por falantes do PM?

De modo a responder às questões que se colocam, foram elaborados cinco inquéritos correspondentes ao número de quantificadores universais propostos por Sánchez López (1999) e Leonetti (2007) para o Espanhol e Peres (2013), Duarte & Oliveira (2006) para o Português, e outros dados extraídos do *corpus Moçambula* de Variedades Africanas do Português constituído no CLUL e Jornais de notícias *online* de Moçambique, “O Jornal@Verdade”. Cada inquérito inclui duas tarefas: uma tarefa de produção provocada, em que os estudantes deviam produzir uma frase correta, tendo em conta os elementos linguísticos fornecidos pelo investigador, e outra tarefa de juízos de aceitabilidade. Os resultados mostram não só semelhanças relativamente à realização de quantificadores universais das outras variedades comparadas (PE e PB), como também assimetrias que revelam algumas diferenças interessantes sob ponto de vista sintático e semântico do Português de Moçambique.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, seguido de conclusões, referências bibliográficas e anexos.

O capítulo I corresponde ao enquadramento teórico, composto por uma descrição geral sobre a noção de quantificação (nominal) e dos quantificadores e a sua importância nas línguas naturais, desde a distribuição dos quantificadores pelas suas classes e subclasses baseada na proposta de classificação do PE e do Espanhol, onde se destacam Sánchez López (1999), Peres (2013), Raposo (2013) e mais autores.

No segundo capítulo, procede-se à apresentação das questões metodológicas que envolveram a recolha de dados.

No capítulo III apresenta-se uma análise dos quantificadores universais e suas propriedades comuns e distintivas entre si no PE e o tratamento de *todo e todos* no PB, tendo em conta algumas abordagens de linguistas portugueses e brasileiros sobre quantificadores universais nas duas variedades do Português, com mais destaque para Peres (2013), Oliveira (1996), Duarte e Oliveira (2006), Peres & Branco (1989) em

Português Europeu, Müller, Negrão e Gomes (2007) e ainda Pires de Oliveira (2003) em PB.

No quarto capítulo, faz-se uma abordagem semântica dos dados, analisando os diferentes padrões, propriedades semânticas de realização de quantificadores universais em PM, comparando-os com os do PE e PB. Nesta última variedade (PB), em alguns casos de *todo* e *todos*.

Finalmente, esta dissertação inclui as conclusões gerais da pesquisa, as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO I - ASPETOS GERAIS SOBRE A QUANTIFICAÇÃO NOMINAL

1.1 Introdução

O capítulo I destina-se à descrição geral referente à quantificação nominal em algumas línguas naturais. Por este motivo, importa, em primeiro lugar, fazer-se uma breve apresentação sobre a noção de quantificação e dos quantificadores e a sua importância nas línguas naturais (1.2). Tendo em consideração que o tema central do presente trabalho é analisar de que forma a quantificação nominal é concebida em algumas línguas naturais, em particular atenção para o PM em comparação com PE e PB, em segundo lugar, vamos descrever alguns processos semânticos de quantificação (1.3). Pretende-se também, na secção (1.4), estudar a distribuição dos quantificadores pelas suas classes e subclasses baseadas na proposta de classificação do PE e do Espanhol, para, deste modo, perceber onde se enquadram os quantificadores em estudo.

1.2 A noção de quantificação

Segundo Peres (2013:770), “a noção de quantificação, em sentido lato, engloba todos os processos de determinação de quantidades. Em sentido restrito, porém, o termo “quantificação” é usado apenas para uma parte dos vários processos matemáticos que podem estar envolvidos na determinação de quantidades”. De um modo geral, as línguas naturais apresentam dispositivos variados para quantificar o que nos rodeia desde indivíduos a objetos (*dois cadernos, poucos livros, muitos estudantes*). A quantificação expressa a quantidade mas possibilita algo ainda mais extraordinário, como seja, determinar a quantidade de indivíduos que possuem uma determinada propriedade ou em que medida uma propriedade é detida por uma entidade⁴, permitindo fazer generalizações.

Os quantificadores, elementos representativos da quantificação, desempenham um papel fundamental em todo este processo. Atente-se nos exemplos que se seguem:

- (1) Três crianças jogaram a neca.
- (2) O Pedro tomou um copo de leite.
- (3) A Maria correu duas vezes (durante o jogo de futebol salão).

⁴ Chierchia e McConnell-Ginet (1990:91), é feito o seguinte comentário sobre as expressões quantificadas «It is quantificational expressions that introduce the power to move beyond talk about properties of named individuals to saying what quantity of a given domain have a given property.». Cf. também com Oliveira (1996:357).

- (4) Os adeptos chegaram ao estádio muito cedo.
(5) O Pedro é muito inteligente.

Os exemplos (1)-(5) mostram que, por um lado, a quantificação é um fenómeno linguístico que indica quantas coisas existem ou têm uma dada propriedade. Por outro lado, os exemplos em referência evidenciam o facto de a expressão quantificada ocorrer em domínios distintos, sob ponto de vista sintático.

Os exemplos (1) e (2) ilustram a quantificação no domínio nominal: em (1), “três” está a quantificar sobre o nome “crianças”; em (2), “um copo de” está a quantificar sobre o nome “leite”. (3) Ilustra a quantificação no domínio verbal: “duas vezes” está a quantificar sobre a situação “a Maria correr (durante o jogo de futebol salão)”. Nesta construção, (3), estamos a indicar a quantidade de situações que consistem em “correr durante o jogo de futebol salão”.

Em (1), contamos entidades. Em (2), não estamos a contar entidades, mas sim a extrair, medindo, uma porção de uma entidade que é denotada por “leite”. O Pedro tomou não toda a entidade que é “leite”, mas sim uma porção delimitada dessa entidade (“um copo de”).

Em (4) e (5), verificamos uma quantificação no domínio adverbial e adjetival, respetivamente, em que se expressa a quantidade de uma propriedade em relação a escalas: “ser cedo” e “ser inteligente”.

Os quantificadores manifestam ainda uma outra propriedade, por exemplo, que os distingue dos determinantes. Atente-se nos exemplos que se seguem.

- (6) Ambos os meninos brincavam com o seu carrinho.
(7) Cada aluno entregou o seu exame.
(8) Todo o criminoso acredita que o perseguem. (Sánchez López (1999:1031))

Os quantificadores nestas frases para além de possuírem uma leitura quantitativa, afetam outros elementos que estão contidos no predicado, forçando-os também a obter uma leitura quantitativa. Este tipo de quantificadores denomina-se de *quantificadores intrínsecos* (cf. Sánchez López, 1999:1031).

Em (6) - (8) o sintagma nominal quantificado estende o seu domínio ao predicado da oração afetando todos os pronomes que são correferentes do sujeito. Os pronomes correferentes serão multiplicados pelo número de indivíduos denotados pelo conjunto da expressão quantificada.

Assim, os exemplos que se seguem, segundo a autora, estabelecem uma diferença entre os elementos quantificados:

- (9) Cada estudiante cumplimentó su examen.
- (10) Todo psicópata cree que le persiguen.
- (11) Ambos niños jugaban con su coche.
- (12) Muchos políticos creen que les persiguen.
- (13) Los políticos creen que les persiguen.
- (14) Juan y Pedro creen que les persiguen. (Sánchez López (1999:1031-1032))

Em (9), (10) e (11), os quantificadores nestas frases, para além de possuírem uma leitura quantitativa, afetam outros elementos que estão contidos no predicado, forçando-os também a obter uma leitura quantitativa. Este tipo de quantificadores, segundo Sánchez López (1999:1031), denomina-se de quantificadores intrínsecos⁵.

Os exemplos (12), (13) e (14), demonstram, segundo Sánchez López, que os sintagmas nominais plurais quer pela sua morfologia de plural, quer através da coordenação, exibem o mesmo tipo de ambiguidade que o quantificador ‘muitos’. Os quantificadores focais ou pressuposicionais também se classificam como quantificadores não intrínsecos.

Em suma, os quantificadores apresentam essencialmente duas propriedades, que os distinguem dos restantes determinantes por (cf. Sánchez López, 1999:1031):

- a. denotarem sempre a quantidade do elemento que modificam;
- b. poderem despoletar a leitura quantificada de outros elementos presentes na oração em que estão integrados.

1. 3 Para uma sistematização dos quantificadores

Nas gramáticas tradicionais, os quantificadores encontram-se distribuídos por diferentes classes: determinantes, advérbios, numerais e pronomes. Estas gramáticas não colocam a possibilidade de agrupar todos estes elementos numa classe mais extensa: os quantificadores. Sánchez López (1999:1036) agrupa os quantificadores em duas grandes classes⁶ obedecendo a dois critérios diferentes: (i) o tipo de informação quantificacional

⁵ “A aquellos que obligatoriamente tienen interpretación cuantitativa, lo que se muestra en que extienden su ámbito más allá del elemento al que cuantifican” (Sánchez López, 1999:1031).

⁶ Brito (2006:356) divide os quantificadores em três grupos: quantificadores existenciais, quantificadores discretos e quantificadores universais.

que os quantificadores veiculam e (ii) o facto de os quantificadores poderem determinar ou não a interpretação de outros elementos que ocorram no interior do seu âmbito (escopo) (cf. Quadro (ii)).

O quadro (ii), abaixo apresentado, sugere uma possível sistematização dos quantificadores em classes e subclasses baseada em Sánchez López (1999:1036) para o Espanhol, Peres (2013), Oliveira (1996), Duarte e Oliveira (2006), Peres & Branco (1989) em Português Europeu, Müller, Negrão e Gomes (2007), Pires de Oliveira (2003) e Neves (2000:511) em PB. Entretanto, reconhece-se falta de unanimidade em classificar exaustivamente os quantificadores nas línguas naturais dado que cada língua possui suas especificidades diferenciando-as de outras línguas ou até variedades. A título de exemplo, para o PB, segundo Neves (2000) consideram-se quantificadores universais os seguintes: *todo, todos, cada, ambos* e *nenhum*. Já para o PE, segundo Duarte e Oliveira (2006:231), são considerados universais os operadores “todo, todos”, “cada”, “ambos” e “qualquer”. O quantificador “qualquer”, como veremos no terceiro capítulo, nem sempre se comporta como universal em estruturas nominais onde opera.

Tendo em conta os objetivos do presente trabalho, procederemos de seguida a um esboço de sistematização dos quantificadores baseando-nos em autores referidos. Seguidamente desenvolver-se-á com mais profundidade os quantificadores universais tradicionalmente considerados no PE.

Quadro (ii) –Sistematização de classes de quantificadores

(i) Tipo de quantificadores		
1. Quantificadores Próprios		
Subclasse	Subtipo	Exemplos
Numerais	Cardinais	um/dois/mil...
	Ordinais	primeiro/trigésimo ...
	Partitivos ⁷	metade/um terço...
	Multiplicativos	duplo/triplo ...
	Coletivos ⁸	Par/parelha/trio/quinteto/década,....
Indefinidos	Universais	todo/cada/cada um/qualquer/ambos
	Não Universais	algo/alguém/um/algum
	Afirmativos	vários/poucos/muitos/bastantes/demasiados
	Negativos	ninguém/nenhum
Gradativos	Comparativos	mais/menos/tanto
	Proporcionais	algo/(um) pouco(s)/muito(s)/bastante(s)/demasiado/tudo
2. Quantificadores Focais ou Pressuposicionais		
Subclasse	Exemplos	
Inclusivos	também/inclusive/até/nem sequer	
Exclusivos	só/apenas	
(ii) Classificação de acordo com o âmbito de quantificação		
1. Intrínsecos	cada, todo, ambos...	
2. Não intrínsecos	‘muitos’ e quantificadores focais ou pressuposicionais (também/inclusive/até/tão pouco(s)/nem sequer, só/ao menos/apenas)	

Os quantificadores próprios indicam explicitamente uma quantidade. Em oposição, os quantificadores focais ou pressuposicionais não expressam quantidade, mas implicam (ou pressupõem) a leitura quantificada dos elementos que estão incluídos no seu âmbito.

Tendo em conta o tipo de quantidade expressa, fazem parte da classe dos quantificadores próprios os Numerais, os Indefinidos e os Gradativos.

Os quantificadores gradativos indicam o «...grau de quantidade, número ou intensidade com que se toma uma determinada realidade.»⁹. Nesta subclasse estão os quantificadores comparativos (cf. 15) e *os quantificadores proporcionais* (cf. 16).

(15) Há *mais* praias na minha cidade do que na tua.

(16) Já produziste *bastante*.

⁷ Em Vicente (2013:926) são designados de numerais fracionários.

⁸ *Apud* Vicente (2013:926).

⁹ Cf. Sanchez López (1999:1031).

Por seu lado, *os numerais* inserem-se nesta classe por denotarem a quantidade de forma exata ou precisa. Neste contexto, estão *os cardinais* (17) e *os ordinais* (18). Vejam-se os seguintes exemplos.

(17) O Pedro tem *duas* mulheres.

(18) Os *dois anos* de Mestrado foram de aprendizagem.

Contrariamente à expressão da quantidade exata, há os quantificadores indefinidos que referem a quantidade de modo impreciso, sem especificar número. Esta classe subdivide-se em quantificadores indefinidos universais e não universais, quantificadores indefinidos de afirmação e de negação. Nas gramáticas tradicionais estes quantificadores pertencem todos à classe dos pronomes indefinidos e determinantes. Nestas gramáticas surgem definições como: ¹⁰

«As palavras que indicam quantidades indeterminadas de pessoas, qualidades, etc., de um modo vago, chamam-se pronomes indefinidos» (Cunha e Cintra, 2013).

Os quantificadores indefinidos denominados pronomes indefinidos, são, posteriormente, analisados nestas gramáticas de acordo com os parâmetros:¹¹

- a) forma dos pronomes indefinidos: os pronomes são apresentados como tendo formas variáveis e invariáveis;
- b) pronomes indefinidos substantivos e adjetivos: distinguem-se as situações em que os indefinidos adquirem valor pronominal ou de determinante.
- c) oposições sistemáticas: estudam-se os indefinidos com base nas dicotomias afirmação/negação; totalidade inclusiva/totalidade exclusiva e presença/ausência de pessoa;
- d) valores de alguns indefinidos: aborda-se o valor dos quantificadores mediante a sua anteposição ou posposição a nome, verbo, numeral cardinal, pronome pessoal, etc.

Os quantificadores *todo* e *todos* apresentam-se em Sánchez López (1999) como quantificadores próprios pertencentes à subclasse dos quantificadores indefinidos universais. Estes quantificadores, por evidenciarem a possibilidade de afetarem outros

¹⁰ Veja-se também as definições de Cunha e Cintra (2013:356).

¹¹ Vide Cunha e Cintra (2013).

elementos na oração em que se inserem, também são denominados de quantificadores intrínsecos.

Nas gramáticas tradicionais faz-se uma breve distinção entre os quantificadores *todo* e *todos* mas aparecem sempre inseridos na categoria de pronome indefinido, sem se estudarem em detalhe as suas peculiaridades.

Sánchez López (1999:1036) acrescenta uma outra classificação de acordo com o âmbito de quantificação. Nesta classificação, destacam-se quantificadores intrínsecos e não intrínsecos. Os quantificadores intrínsecos têm obrigatoriamente interpretação quantitativa e estendem o seu âmbito para além do elemento que eles modificam (19).

(19) Cada jogador conquistou o seu prémio.

Quanto aos quantificadores inclusivos, pressupõem a existência de outros indivíduos (20) e os quantificadores exclusivos pressupõem um conjunto que quantificadores como ‘só’ excluem (21).

(20) O silêncio é *também* uma forma de julgar em pensamentos. (Fernando Lapolli, *in* Autoajuda, 2011)

(21) Eles trarão *só* os documentos amanhã.

1.4 Processos semânticos de quantificação

Segundo Peres (2013:769), os processos de quantificação realizados pelas línguas naturais reduzem-se, em última análise, ao exercício de duas capacidades básicas da cognição humana: contar entidades e medir valores. Assim, segundo Peres, os processos de quantificação organizam-se em dois modos, que passamos a descrever em seguida: (i) o modo da quantificação de contagem (ou quantificação descontínua, ou quantificação discreta) e (ii) o modo de quantificação de medição (ou quantificação contínua).

1.4.1 Quantificação de contagem (ou quantificação descontínua, ou quantificação discreta)

A quantificação de contagem ou descontínua “associa-se à noção de quantidade ‘discreta’, que se aplica a domínios de objetos como *pessoas, livros, cadeiras ou países*” (Peres, 2013:770). Este tipo de quantificação, segundo Peres, consiste em aplicar uma propriedade a membros de um dado conjunto, concretamente a propriedade expressa pelo domínio da quantificação (ou domínio de restrição) e os membros de um conjunto do

escopo identificável no contexto. O processo de quantificação de contagem de entidades, segundo Peres (2013:779), não é uniforme, podendo variar consoante os membros de um conjunto de entidades. Por um lado, em termos absolutos, ou tendo em conta algum outro conjunto, i. e., em termos relativos. Ou ainda, a variedade de operadores de contagem requer que se caracterizem com precisão os seus valores semânticos.

1.4.1.1 Quantificação de contagem absoluta

Este tipo de quantificação, segundo Peres (2013:779), é exemplificada por numerais como *vinte* ou *mais de cem* e verifica-se quando a verdade da fórmula a avaliar depende apenas do número de entidades que são membros tanto do conjunto denotado pelo grupo nominal (i. e., o nome e, se existirem, complementos ou modificadores) como do conjunto denotado pela expressão predicativa relevante (ou seja, que são membros da intersecção desses dois conjuntos). Veja-se o seguinte exemplo.

(22) Três reclusos fugiram da cadeia.

Na frase (22), é apenas necessário saber se o conjunto que resulta da intersecção do conjunto dos reclusos e do conjunto dos “seres que fugiram da cadeia” é constituído por três entidades.

1.4.1.2 A quantificação de contagem relativa

Depende não só do cardinal do conjunto que resulta da intersecção do conjunto denotado pela expressão nominal e do conjunto denotado pela expressão predicativa, mas também o cardinal do conjunto denotado pela expressão nominal não intersectado pelo conjunto da expressão predicativa. Ou seja, é necessário conhecer o cardinal de dois conjuntos.

Este tipo de quantificação, segundo Peres, é exemplificado por quantificadores, nomeadamente *a maioria*, *mais de dois terços*, *mais de metade* ou *todos*.

(23) Fugiram *mais de metade* dos reclusos da cadeia.

Na frase (23), temos quantificação de contagem relativa, uma vez que, neste caso, é necessário saber, num contexto específico, se o conjunto dos reclusos está incluído no conjunto dos indivíduos que fugiram da cadeia, mas também saber se não há pelo menos

um elemento do conjunto dos reclusos que não pertence ao conjunto dos seres que fugiram da cadeia.

1.4.2 Quantificação de medição ou contínua

A quantificação de medição ou contínua “associa-se à noção de quantidade ‘contínua’, que se aplica ao domínio de substâncias como o *ar* ou *água* e ao domínio das subpartes de entidades discretas” (Peres, 2013:770). Ou seja, envolve, como o próprio nome indica, a medição de uma ou mais entidades, tomadas como um todo contínuo, às quais se aplica a predicação em causa. À semelhança do processo de quantificação de contagem, também o processo de medição (de quantidades de substâncias ou de partes de entidades) não é uniforme, podendo variar consoante uma quantidade é medida tendo-a apenas a ela em conta, i. e., em termos absolutos, por um lado e em termos relativos, por outro. Igualmente, as expressões de quantificação de medição também se requer uma caracterização precisa dos seus valores semânticos.

1.4.2.1 A quantificação de medição absoluta

“Permite determinar uma porção da entidade em termos absolutos, isto é, não em função da entidade tomada como um todo, mas antes a um valor-padrão independente da entidade concreta em causa” (Peres, 2013:784). Este subtipo de quantificação, segundo Peres, é legitimada por expressões que designam valores de medidas de comprimento, área, volume, capacidade e massa: *centímetro, metro, litro, quilo, grama*, etc. Atente-se no exemplo que se segue:

(24) Comprei dois metros de tecido.

Na frase (24), a expressão “dois metros de” está a medir “tecido”, tomado como um todo contínuo. Essa medição é feita por referência a uma unidade de medida, “metro”.

1.4.2.2 A quantificação de medição relativa (ou mereológica)

“Permite definir uma porção de uma entidade relativamente à totalidade dessa entidade e não acontece na quantificação de medição absoluta, em função de um valor-padrão independente da entidade das entidades medidas” (Peres, 2013:784). As partes envolvidas neste subtipo de quantificação, segundo Peres, podem ir da parte vazia ou nula (cf. 25), à parte total (cf. 26), ou passando pelas partes não vazias nem totais (cf. 27). São

igualmente operadores típicos deste subtipo de quantificação de medição relativa: *parte, uma parte, grande parte, uma (pequena/grande), um terço, uma terça parte ou metade*, etc.

(25) *Nenhuma água se evaporou.*

(26) *Bebi todo o leite que estava na mesa.*

(27) *Parte da reunião não foi produtiva.*

Em (25), a expressão “*nenhuma água se evaporou*” expressa a quantificação de medição relativa. Contudo, neste caso, não se usa uma expressão que designa um valor de medida, para além do que a medição tem um carácter vago.

Em (26), a expressão “*todo o leite que estava na mesa*” determina uma quantificação de porções totais de substâncias.

Em (27), a expressão “*parte da reunião*” remete para uma quantificação de uma parte indeterminada de uma situação.

1.4.3 A quantificação de medição escalar (ou de graduação)

Peres (2013:772) refere ainda um terceiro tipo de quantificação, que designa por quantificação escalar ou de graduação, ou mais, simplesmente, graduação que se constitui como um possível subtipo da quantificação de medição.

Este tipo de quantificação consiste num valor em determinada escala, envolvendo predicados aplicados a nomes (tendo como núcleo da predicação escalar adjetivos como: *melhor, alto, estranho, estudioso*), quer em função atributiva (28), quer em função predicativa (29-31). As escalas podem ser de diferentes tipos: escala numérica descontínua (os valores das notas) (28), escala de uma propriedade física (no caso, a intensidade do som) (30).

(28) O Paulo teve *as melhores notas da turma*.

(29) Este filme é *estranhíssimo*.

(30) O rádio está *muito alto*.

(31) O Paulo é *mais estudioso do que a Ana*. (Peres (2013:772))

Como se pode verificar, em todas as frases, a quantificação é legitimada pelos predicados escalares, *melhores notas da turma* em (28), filme *estranhíssimo* em (29),

muito alto em (30), *mais estudioso do que* em (31), o que nos remete para uma quantidade baseada em categorias semânticas.

1.5 Conclusão do capítulo

Os quantificadores sistematizados no presente capítulo apresentam algumas diferenças entre si em vários aspetos: na denotação das entidades que quantificam, nas diferentes leituras que possibilitam e no tipo de nomes e predicados com que podem ocorrer. A partir da leitura deste capítulo depreende-se que os quantificadores, apesar de agrupados em classes e subclasses, são bastante diferentes, o que pode levar à elaboração de futuros estudos nesta área. Após a leitura deste capítulo fica-se com a sensação de que há falta de unanimidade e pouca clareza na classificação dos quantificadores. Como vimos, em algumas abordagens para o PE (cf. Peres, 2013) não fazem uma proposta de classificação sistemática dos quantificadores, tal como é feito, por exemplo, para o Espanhol (Sánchez López, 1999). Contudo, em capítulos que se seguem fazer abordagens sobre os quantificadores que farão parte do *corpus* (*todo, todos, cada, qualquer, e ambos*) sob ponto de vista semântico.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA: A RECOLHA DE DADOS

2.1 Introdução

A necessidade da pesquisa sobre a realização de quantificadores universais (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*) por falantes do PM implicou a adoção de certas técnicas sobre a natureza dos dados a recolher e sobre os materiais, procedimentos e tratamento dos dados recolhidos. Dada a insuficiência de *corpora* específicos sobre quantificadores universais, a utilização de inquéritos afigurou-se como uma metodologia adequada para os propósitos do trabalho.

No *corpus* do Português Oral de Maputo (CPOM) constituído no INDE de Moçambique (Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação) sistematizado em Cadernos de Pesquisa, por exemplo, são anotados, apenas, alguns casos de ocorrência de quantificadores universais *todo* e *todos* em falantes do PM, língua segunda (cf. Gonçalves e Stroud, 1997:52). Vejam-se alguns exemplos:

- (1) Todo terreno tem dono.
- (2) Todos detalhes eram dados a ele.
- (3) É suficiente para tudo mês¹. (Gonçalves e Stroud, (1997:52))

Em (1) e (2), verificam-se ocorrências dos quantificadores universais *todo* e *todos*, em posição de sujeito frásico, com nomes sem determinante (NP's). Ao contrário do PE, os quantificadores universais *todo* e *todos*, em posição de sujeito, são sempre seguidos de determinantes definidos (DD's), concordando sempre em género e número com o nome que quantifica: *todo/todos o(s)/ aquele(s)/ todo/todos ele(s)*. No PB, *todo*, na sua forma singular, surge anteposto a um SN sem artigo definido e confere uma leitura genérica de uma situação não episódica (cf. Pires de Oliveira, 2003b:199), 2003 a:364)).

No *corpus Moçambula* de Variedades Africanas do Português constituído no CLUL, igualmente, encontram-se algumas ocorrências, com menor frequência, de

¹ Tendo em conta os objetivos da presente pesquisa, não se fará uma análise de frases sobre a realização de *tudo* no PM.

quantificadores universais, em contextos interessantes sob ponto de vista semântico. Confrontem-se os exemplos seguintes:

(4) Qualquer transportadora será interdita. (*Corpus Moçambula*)

Em (4), nota-se, em primeiro lugar, a ocorrência do quantificador “qualquer” com um nome que denota conjunto de entidades (*transportadora*). Em segundo lugar, verifica-se, no entanto, a simples presença do tempo frásico Futuro. No PE, segundo Mória (1999), quando o quantificador “qualquer” se aplica a nomes que denotam (conjuntos de) indivíduos, parece ser necessária a presença de estruturas que reforcem o valor de eventualidade, como sejam uma relativa restritiva com modo Conjuntivo ou uma subordinada condicional. Comparem-se os seguintes exemplos em (5) e (6):

(5) a. *Qualquer criança será levada ao hospital.

b. *Qualquer objeto será entregue à polícia.

(6) a. Qualquer criança que tenha problemas de saúde será levada ao hospital.

b. Qualquer objeto que for encontrado na rua será entregue à polícia. (Mória (1999:16))

Alguns jornais de notícias *online* de Moçambique, em particular, “O Jornal@Verdade”, escrito e editado por moçambicanos, revela algumas especificidades referentes ao uso de quantificadores universais no PM. Vejam-se alguns exemplos em (7) e (8).

(7) Ambos os governantes se reuniram ontem à tarde. (*Política, @Verdade, 02 de Março*)

(8) Havia cada gestor das zonas de reassentamento dos afetados pelas enxurradas. (*Sociedade, @Verdade, 11 de Fevereiro*)

Em (7), observa-se a ocorrência do quantificador “*ambos os*” combinando com um predicado coletivo (*reunir-se*). Para o PE, segundo Peres (2013:806-808), o quantificador “ambos” tem um valor quase exclusivamente distributivo. Esta propriedade bloqueia a possibilidade de “ambos” coocorrer com o predicado coletivo *reunir-se* no PE.

O exemplo em (8) mostra a ocorrência do quantificador “cada” como complemento de “haver”. Em PE, uma expressão com “cada”, à semelhança de outros

quantificadores universais, não pode ocorrer em contextos que exijam sintagmas indefinidos, tendo em conta o efeito de definitude. No entanto, há casos em que tal é possível (*há cada uma!*).

Assim, dada a escassez de dados em *corpora* já existentes, procedeu-se à recolha de dados através da realização de inquéritos feitos a falantes de PM em Moçambique.

A opção por inquéritos foi igualmente motivada tendo em conta as seguintes finalidades:

- (i) obter informações detalhadas sobre o domínio e o uso de quantificadores universais, em vários contextos, por falantes do PM, a partir de tarefas de produção escrita provocada;
- (ii) identificar as diferentes estruturas e contextos refletidos por falantes de variedade moçambicana do português em relação ao uso de quantificadores universais;
- (iii) levar os informantes a emitir um juízo de aceitabilidade relativamente ao uso de quantificadores universais no PM.

Cientes das limitações que um inquérito pode implicar, nomeadamente, na dificuldade na sua execução, tivemos, à partida, como base:

- a. privilegiar uma amostra constituída por frases simples e complexas (coordenadas e subordinadas) obtidas a partir de tarefas de produção escrita provocada, justamente para identificarmos as posições e contextos ocupados pelos quantificadores universais em informantes do PM;
- b. ajuizar o valor de aceitabilidade relativamente à ocorrência de quantificadores universais (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*) por falantes do PM perante algumas frases fornecidas pelo investigador.

Em seguida, apresentamos a metodologia usada relativa ao tratamento dos dados.

2.2 A natureza dos dados

O uso de quantificadores universais e os seus contextos de ocorrência por parte de falantes do PM constituem o nosso foco de interesse. Os poucos dados anotados em *corpora* desta variedade do português parecem dar conta de existirem algumas especificidades relativamente ao uso de quantificadores universais e ao domínio das propriedades que lhes estão associadas.

Assim, o *corpus* em estudo é constituído por inquéritos obtidos através de um teste de produção provocada e de outro teste de juízos de aceitabilidade realizados junto de 100 estudantes universitários moçambicanos, falantes do PM. O estudo conta, adicionalmente, com alguns dados do *corpus Moçambula* de Variedades Africanas do Português, constituído no CLUL, e ainda com dados de jornais de notícias *online* de Moçambique, como, por exemplo, “O Jornal@Verdade”. A escolha deste jornal deveu-se ao facto de ser um dos jornais *online* que concede espaço aos seus leitores para exprimirem suas sensibilidades a nível político, económico, desportivo, social, cultural, inclusive a reclamações e sugestões de ordem diversa do dia-a-dia dos mesmos, com a responsabilidade total de conteúdos ou informações dos seus autores.

2.2.1 O *Corpus* escrito

Uma das finalidades dos inquéritos era de verificar qual é o domínio dos informantes relativamente ao uso de quantificadores universais. Deste modo, identificámos e inquirimos cem (100) estudantes dos cursos iniciais da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Maputo (UP-Sede), falantes do PM. Os sujeitos inquiridos apresentam perfis diversificados. O quadro, (iii), abaixo apresentado, apresenta os números e a percentagem das variáveis analisadas:

QUADRO (iii): VARIÁVEL INDEPENDENTE: NÚMEROS E PERCENTAGENS

Variável Independente		Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)	
Género	Masculino	50	50%	
	Feminino	50	50%	
Idade	18 – 24	31	31%	
	25 – 45	53	53%	
	+45	16	16%	
Nível de escolaridade	12º Ano	100	100%	
Naturalidade	Norte de Moçambique			
	Nampula	7	7%	
	Cabo Delgado	1	1%	
	Niassa	5	5%	
	Centro de Moçambique			
	Tete	5	5%	
	Manica	4	4%	
	Sofala	11	11%	
	Zambézia	10	10%	
	Sul de Moçambique			
	Maputo	29	29%	
	Gaza	13	13%	
	Inhambane	15	15%	
	Língua materna	Língua Portuguesa	21	21%
Língua Bantu		79	79%	
Língua de uso corrente	Família e Amigos			
	Língua Portuguesa	Família	39	39%
		Amigos	77	77%
	Língua(s) Bantu	Família	61	61%
		Amigos	33	33%
Línguas moçambicanas faladas	Xichangana	60	60%	
	Cisena	20	20%	
	Emakhuwa	10	10%	
	Outras línguas	10	10%	
Línguas moçambicanas compreendidas	Xichangana	60	60%	
	Cisena	20	20%	
	Emakhuwa	10	10%	
	Outras línguas	10	10%	

Resumidamente, a amostra foi recolhida de forma aleatória e selecionada de acordo com a conveniência do investigador e de acordo com os objetivos do trabalho. Quanto ao perfil sociolinguístico dos sujeitos falantes do PM inquiridos, verificamos que, relativamente à variável sexo, 50% são do sexo masculino, e 50%, do sexo feminino.

Uma análise geral à estrutura etária da amostra permite observar que a distribuição das idades apresenta uma configuração assimétrica positiva, resultante de

uma população bastante jovem. Os informantes situam-se entre os 18 e mais de 45 anos de idade.

Mais da metade da população está na faixa etária jovem adulta entre 25 e 45anos (53%). A restante população distribui-se entre população jovem com idade compreendida entre 17 e 24anos (31%) e uma população adulta com mais de 45anos (16%).

Quanto ao grau de escolarização, os sujeitos falantes do PM inquiridos, (100), são estudantes dos cursos iniciais da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Maputo (UP-Sede) com o mesmo nível de escolaridade, portanto nível médio com 12º ano concluído.

No que se refere à naturalidade, os sujeitos inquiridos são, na sua maioria, 57%, da zona sul de Moçambique, com mais destaque para a cidade de Maputo com 29%, seguido de Inhambane, com 15% e de Gaza com 13%. Destaque-se ainda alguns informantes da zona centro de Moçambique, com 30%, e do norte do país com 13%.

Relativamente à língua materna, apenas 21% dos sujeitos inquiridos têm o Português como língua materna, e os restantes (79%) têm uma língua moçambicana como sua L1.

Dos 100 sujeitos inquiridos, apenas 39, que correspondem a 39%, falam o Português em casa com a família. Os restantes 61, correspondentes a 61%, falam uma língua moçambicana com a família, onde se destaca a Língua Xichangana, com cerca de 60%.

Em oposição, com os amigos, verifica-se que 77% dos sujeitos falantes do PM inquiridos comunica usando o Português e apenas 33% recorre às Línguas Bantu nas suas conversações.

2.3 Material e procedimentos

2.3.1 Material e procedimento no teste de produção provocada

O teste de produção provocada foi precisamente aplicado a cem (100) sujeitos falantes do PM inquiridos, com o objetivo de elicitare algumas estruturas linguísticas, em particular quantificadores universais (*todo, todos, qualquer, cada e ambos*), em diferentes contextos de realização:

- a. pré-posição do núcleo nominal;
- b. posposição do núcleo nominal (adjacente ou posterior ao núcleo nominal);
- c. pós-verbal (posterior ao verbo e anterior ao complemento).

As frases selecionadas para a produção provocada distribuem-se em dois grupos: frases simples e frases complexas. Ambos os grupos contêm palavras desordenadas em que os sujeitos inquiridos deviam produzir uma frase com a seguinte instrução: *A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério*. O quadro que se segue ilustra resumidamente o número frases para cada um dos quantificadores.

Quadro (iv) - Número de frases por cada um dos quantificadores universais em estudo

Quantificadores universais		Todo	Todos	Qualquer	Ambos	Cada
Frases simples		11	13	6	12	6
Frases complexas	Subordinadas	2	6	2	2	2
	Coordenadas	1	2	1	2	1
Total das frases		16	21	9	16	9

Para exemplificar a forma como procedemos para a produção provocada, apresentamos, a título ilustrativo, algumas das perguntas colocadas aos informantes, constituídas por um conjunto de elementos linguísticos desordenados entre parênteses.

A partir destes, os sujeitos abrangidos pela nossa pesquisa produziram, individualmente, uma frase correta ao critério de cada um. Vejam-se alguns exemplos:

(9) (moderna, tem, cidade, suas, qualquer, regras) *Frase simples com “qualquer”*

(10) (estudos, quando, todos, há, os, interessantes, são, novidades) *Frase complexa com “todos os”*

2.3.2 Material e procedimento na tarefa de juízos de aceitabilidade

O teste de juízos de aceitabilidade é constituído por frases diversificadas, tendo em conta os objetivos da presente pesquisa e algumas propriedades semânticas, principalmente, de cada tipo de quantificador universal analisado com a seguinte instrução: *Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical).*

Assim, para cada tipo de quantificador universal foram aplicadas várias possibilidades de escolha livre por parte de sujeitos inquiridos. Segundo Duarte (2009:179), “o teste de juízos de aceitabilidade permite aceder com relativa fidelidade ao conhecimento intuitivo do falante”, embora nem sempre corresponda diretamente aos enunciados produzidos pelos falantes. Veja-se a título ilustrativo os exemplos que se seguem:

- (11) a. Havia qualquer livro na biblioteca. ()
b. Qualquer livro havia na biblioteca. ()
c. O livro qualquer havia na biblioteca. ()
d. Na biblioteca o livro qualquer havia. ()
e. Qualquer livro está disponível na biblioteca. ()
f. Há qualquer novidade na biblioteca. ()

Na tarefa em (11), para além das posições e contextos ocupados pelo quantificador “qualquer”, pretendemos, principalmente, testar nos sujeitos inquiridos o valor de aceitabilidade relativamente à possibilidade de este quantificador aparecer em contextos que exijam sintagmas não definidos (efeito de definitude) no PM.

- (12) a. Ambos os dirigentes se reuniram na manhã de hoje.

b. Os dirigentes reuniram-se ambos na manhã de hoje.

Em (12), pretendemos, principalmente testar nos sujeitos inquiridos o valor de aceitabilidade relativamente à possibilidade de o quantificador “ambos os” ocorrer com predicados coletivos no PM.

(13) a. Um de cada três estudantes fez o teste de semântica. ()

b. Cada um destes três estudantes fez o teste de semântica. ()

Com o exemplo em (13), pretendemos, principalmente, testar nos sujeitos falantes do PM inquiridos o valor de aceitabilidade relativamente à possibilidade de o quantificador “cada” se combinar com numerais no PM.

(14) a. Todo televisor é pesado. ()

b. O televisor todo é pesado. ()

c. Todo o televisor é pesado. ()

d. O televisor é todo pesado. ()

e. Todo o televisor ficou raspado. ()

Na tarefa em (14), foi possível testar nos sujeitos falantes do PM inquiridos o valor de aceitabilidade relativamente à combinação do quantificador “todo o” ocorrer com predicados distributivos no PM.

(15) a. Todos ouros são extraídos em Moçambique. ()

b. Os ouros são extraídos todos em Moçambique. ()

c. Todos os ouros são extraídos em Moçambique. ()

d. Os ouros todos são extraídos em Moçambique. ()

e. Todos os vinhos de origem portuguesa são exportados com sucesso ()

Em (15), pretendemos, principalmente, testar nos sujeitos falantes do PM inquiridos o valor de aceitabilidade relativamente à combinação de quantificador “todos os” ocorrer com nomes contínuos ou massivos no PM.

2.4 Tratamento dos dados escritos

Após a realização das tarefas de produção provocada e de juízos de aceitabilidade realizou-se uma primeira leitura dos dados fornecidos por sujeitos

falantes do PM inquiridos para a verificação da fiabilidade das respostas e, seguidamente, procedeu-se à composição e ao tratamento estatístico dos mesmos numa base de dados através do programa SPSS (*Statis Package for the Social Sciences*), versão 13.0. A inserção de dados neste programa, em *software* computacional deve-se à sua rapidez e potência de cálculo. Desta feita, organizámos os dados em duas variáveis, nomeadamente as variáveis dependentes (VD) e as independentes (VI). Nas variáveis dependentes, colocámos as respostas dos sujeitos inquiridos relativamente ao conjunto de frases sobre os juízos de aceitabilidade (“✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical)).

Nas variáveis independentes, agrupámos os dados inerentes aos sujeitos falantes do PM inquiridos. Finalmente, relacionámos alguns dados das duas variantes para verificarmos a possível influência de algumas variáveis independentes nas variáveis dependentes. Dos dados obtidos, foram elaborados quadros (cf. Capítulo IV) a partir dos quais procedemos às conclusões.

CAPÍTULO III: OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS NO PE E NO PB

Este capítulo é constituído por quatro secções. Na secção (3.1), procedemos à descrição dos quantificadores universais no PE baseada em Peres (2013) e outros autores. A secção (3.2) que se ocupa da descrição do pronome *tudo*. A secção (3.3) Faz abordagem de alguns quantificadores universais (*todo* e *todos*) e realização de *tudo* no PB, baseando-se em Müller, Negrão e Gomes (2007), e na secção (3.4) apresenta-se a síntese deste capítulo. No final espera-se conseguir abordar de forma detalhada a realização de quantificadores universais no PE e o tratamento de alguns quantificadores universais (*todo* e *todos*) no PB.

Os quantificadores universais apresentam-se como uma subclasse dos quantificadores próprios indefinidos. No quadro (ii) (cf. capítulo I sobre proposta de classificação de quantificadores) identificam-se como quantificadores universais *todo*, *todos*, *ambos*, *cada* e *qualquer*. Observem-se os exemplos seguintes:

- (1) Todo o aluno é engraçado.
- (2) Todos os alunos são engraçados.
- (3) Cada aluno comprou um livro.
- (4) Qualquer lei tem de ser interpretada.
- (5) Ambos os alunos são engraçados.

Desde logo, nas frases (1)-(5) as expressões quantificadas têm uma leitura distributiva, isto é, por exemplo, a propriedade *ser engraçado* em (1) e (2) aplica-se a cada um dos membros que fazem parte do conjunto individualmente¹. Na lógica de predicados as expressões nominais quantificadas de (1)-(5) são constituídas por um elemento quantificado. À variável (x) atribui-se um predicado que é o nome. Um quantificador universal correspondente ao operador lógico (\forall). A interpretação lógica obtida para (5) resultaria, por exemplo, em (6):

- (6) $\forall x, x = \text{aluno}$
(leia-se: Para todo o x, tal que x é aluno).
 $\forall x (\text{aluno}(x) \rightarrow \text{engraçado}(x))$.

¹ Acerca da definição de leitura distributiva e leitura coletiva consultar Oliveira (1996:346) ou Saeed (2003:29).

Segundo esta interpretação, o operador lógico universal (\forall) multiplica o valor da variável (x) denotando a totalidade dos valores que a expressão quantificada pode adquirir.² Nestas frases a expressão quantificada tem domínio sobre a expressão predicada que é o seu escopo, colocado entre parêntesis reto.

Por isso, a representação em (6) encontra-se incompleta sem o seu escopo. Então a interpretação lógica completa para a frase (5) é a que se vê em (7).

(7) $\forall x$ [aluno (x) \rightarrow é engraçado (x)].
(leia-se: para todo o x , se x é aluno, então (\rightarrow) x é engraçado).

Estes quantificadores, por serem intrínsecos, podem, como já foi referido, afetar elementos correferentes com o sujeito que estão inseridos no escopo.³ Os elementos que se encontram no escopo do quantificador (devido à extensão do quantificador para além do sintagma nominal que o contém) chamam-se variáveis ligadas. Na frase (3) o indefinido *um* é exemplo de uma variável ligada cuja denotação se multiplicará pelo número de indivíduos denotados pelo conjunto da expressão nominal quantificada.⁴ Consequentemente, podemos interpretar que existe um livro para cada um dos alunos denotados pelo conjunto.

Os quantificadores universais têm caráter definido (Sánchez López 1999:1038). Esta propriedade os distingue dos quantificadores não universais. Em consequência disso, os universais não podem aparecer em contextos que exigem sintagmas não definidos (efeito de definitude) (Milsark 1977). Trata-se de uma construção com o verbo *haver* que exige como seu complemento um sintagma nominal indefinido. A inserção de um

² Sobre este assunto consultar Sánchez López (1999:1038), Saeed (2003:298/300) e Oliveira (1996:358).

³ Para a definição de escopo ver: Sánchez López (1999:1059), Oliveira (1996:357/9), Saeed (2003: 300).

⁴ Há sintagmas nominais que nunca podem ser variáveis ligadas, ou seja, a sua denotação nunca poderá resultar multiplicada, por denotarem entidades singulares. Nesta situação encontram-se os nomes próprios, pronomes pessoais singulares, sintagmas nominais definidos precedidos de artigo definido ou de demonstrativo - e sintagmas indefinidos - precedidos por *certo, tal, outro*, etc. (Sánchez López 1999:1081).

(i) Todos os rapazes adoram uma certa rapariga loira.

(ii) Todos os meninos jantaram com a Ema.

Acrescente-se que se, por exemplo, um indefinido ou um possessivo estiver dentro do sintagma nominal quantificado, nunca será interpretado como variável ligada.

quantificador universal ou de um determinante definido resulta numa frase agramatical⁵.

Veja-se:

(8) *Há o/ qualquer /todo o/ cada livro na biblioteca.

(9) *Havia os /todos os/ ambos os livros na biblioteca.

Assim, os exemplos (8) e (9) mostram que os quantificadores universais, sendo elementos que se realizam sobre um domínio (domínio de restrição ou variável) partilham algumas propriedades, entre elas:

- (i) uma quantificação sobre um domínio determinado em leitura distributiva;
- (ii) relações de escopo a partir do operador lógico \forall , que opera sobre uma variável mas que também pode afetar outros elementos da frase (domínio de restrição/variável);
- (iii) as variáveis ligadas.

Apesar destas propriedades comuns, os quantificadores universais diferem entre si desde logo na forma como denotam os elementos quantificados: – *cada* denota um dos elementos de um conjunto pré construído; – *tudo* denota a totalidade dos elementos de um conjunto virtual; – *qualquer* pode ser tratado como um universal em virtude do seu valor de indistinção que atribui um caráter generalizador ao conjunto virtual; – *ambos* denota a cardinalidade, dois, de um conjunto construído de elementos. O quantificador *todos* detém propriedades muito específicas, como veremos em secções subsequentes com mais pormenor.

⁵ O teste do efeito de definitude não resulta da mesma forma nestas construções: (1) Há cada homem! (2) Há qualquer coisa de estranho naquele homem. (3) Naquele mercado havia toda a fruta que consigas imaginar. Sánchez López (1999:1038) explica que isto acontece porque em (1) *cada* denota apenas uma parte do conjunto; em (2) *qualquer* tem um valor idêntico ao do indefinido *algum*; em (3) a frase é gramatical pois o sintagma quantificado está modificado por uma oração relativa com conjuntivo. Sánchez López (1999), recorrendo a Enç (1991), acrescenta que nestas frases em causa está a especificidade do sintagma nominal e não a sua definitude.

3.1 Os quantificadores universais no PE

Oliveira (1996, 2006) e Peres (2013) são unânimes em considerar para o PE a existência de cinco quantificadores universais: “todo, todos”, “cada”, “ambos” e “qualquer”.

Os quantificadores universais, como dissemos anteriormente, denotam a totalidade dos valores que a expressão quantificada pode ter e apresentam uma distribuição sintática que coincide parcialmente com os determinantes definidos já que ambos estão sujeitos às mesmas restrições de definitude. É por essa razão que alguns autores como Leonetti (2007) para o Espanhol e Negrão (2002) para o PB, entre outros, consideram os quantificadores universais como Q fortes, em oposição aos Q fracos ou indefinidos.

Apesar destas propriedades comuns, como nos referimos anteriormente, os quantificadores universais “todo, todos”, “cada”, “ambos” e “qualquer” distinguem-se entre si desde logo na forma como denotam os elementos quantificados, inclusivamente em alguns aspetos morfológicos, sintáticos e semânticos.

3.1.1 O quantificador universal “todos”

No PE, contrariamente ao inglês, o quantificador *todos* apresenta uma particularidade em relação a uma língua como o inglês, por exemplo, no que diz respeito à posição em que pode ser realizado dentro do SN. As frases (10) e (11) mostram que, ao contrário do inglês (*all*), *todos* pode ocorrer tanto à direita como à esquerda do núcleo nominal no PE, em posição de sujeito. Vejam-se os exemplos:

- (10) a. Todos os estudantes.
b. Os estudantes todos.

- (11) a. all the students.
b.* the students all.

O contraste entre (10) e (11) mostra que a ocorrência do quantificador *todos* no PE, em posição pós-nominal, é mais livre do que a expressão (*all*) para o inglês⁶. Este facto é legitimado pelo carácter sintático que este operador tem no PE relativamente à possibilidade de ocupar várias posições (flutuação) numa frase, o que não é possível com

⁶ Sobre o assunto, recomendam-se Bošković (2004) e Sportiche (1988).

a expressão (*all*) para o inglês, excetuando casos como do exemplo (11'), em que o quantificador *all* ocupa uma posição pós-verbo-lexical exigindo que haja propriedade(s) que remete(m) a uma interpretação quantificacional.

- (11') a. *The students arrived all.
b. The students arrived all at the same time.

O quantificador *todos*, do ponto de vista morfológico, em PE, flexiona em gênero e número. Em ambos os casos combinam-se com DD's⁷ (cf. (12) e (13)) ou pronome (14)⁸. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (12) a. Todo o aluno.
b. Toda a aluna.
c. Todos os alunos.
d. Todas as alunas.

(13) Todos esses livros são interessantes.

(14) Todos eles são interessantes.

No entanto, a oposição entre *todo* e *todos* acarreta consequências importantes para a leitura das frases e para o domínio do quantificador.

Note-se que «o domínio sobre o qual o quantificador universal projeta o seu significado de totalidade pode ser absoluto ou irrestrito, ou ser um domínio restrito, e portanto, definido.»⁹ Vejam-se os exemplos:

- (15) Todo o homem é mortal.
(16) Todos os homens são mortais.
(17) Todos os escritores se reuniram no anfiteatro.

Em (15) o domínio da quantificação é não restrito, ou seja, o SN quantificado denota o conjunto de qualquer indivíduo com a característica ser homem. Isto faz com que o SN nesta expressão quantificada seja não específico, pois não faz referência a nenhum homem ou homens em particular, mas a toda uma espécie. Por este motivo, tem uma leitura distributiva.

⁷ Determinante(s) Definido(s).

⁸ Apud Brito (2006:358).

⁹ Esta citação é de Sánchez López (1999:1039). A tradução é da total responsabilidade do autor deste trabalho.

Pelo contrário, no caso de (14) e (17) estamos perante um domínio claramente restrito, uma vez que *todos* quantifica sobre um conjunto determinado e específico. Em consequência, o SN quantificado é específico aludindo a vários indivíduos em particular (16) ou a um SN com uma leitura coletiva (17).

É a especificidade ou não especificidade do SN que distingue (15) de (16). A primeira observação resultante desta análise conduz à seguinte conclusão: *todo* tem uma leitura distributiva, ocorre num domínio não restrito, com um SN não específico. Por seu lado, *todos* pode ter uma leitura não distributiva ou distributiva, mas ocorre num domínio restrito e com um SN específico¹⁰. Nos exemplos (18)-(23) verifica-se que os quantificadores *todo* e *todos* podem surgir antepostos ou pospostos a um determinante definido.

- (18) Todo o livro deve ser lido.
- (19) Todos os livros devem ser lidos.
- (20) Todo o livro é interessante.
- (21) Todos os livros são interessantes.
- (22) Os livros todos são interessantes.
- (23) O livro todo é interessante.

Nas frases (18) e (23) as expressões nominais quantificadas têm leitura genérica e nas frases (19) e (20) uma leitura distributiva. Estas leituras não são as únicas. De facto, em (20) e (22) podemos ainda ter uma leitura holística ou mereológica¹¹, isto é, em que se denotam todas e cada uma das partes do indivíduo (Sánchez López 1999:1040). Porém, esta leitura é a única disponível em (23): existe uma única entidade, que é denotada em toda a sua extensão¹².

Segundo Peres e Branco (1989), o quantificador *todo* só pode ter uma das seguintes leituras: distributiva em contextos genéricos (cf. 20) ou mereológico (cf. 23). O quantificador *todos* parece ser o único a desempenhar o papel de quantificador flutuante com leituras de distributividade e coletividade, uma vez que em posição de sujeito se combina com predicados distributivos ou com predicados coletivos e em posição pós-

¹⁰ Bustos (1986 citado em Sánchez López 1999:1040), diz que a especificidade ou não especificidade do SN depende das propriedades referenciais do elemento quantificado e não é determinada pelo quantificador universal, uma vez que este só denota a totalidade.

¹¹ Sobre este assunto consultar Sánchez López (1999:1073/6) e Brito (2006:358). Relativamente a este assunto torna-se interessante comparar este quantificador com o quantificador parte que também possui leitura holística ou mereológica (ver Silva: 2005).

¹² O quantificador flutuante não será analisado em detalhe neste trabalho, tendo em conta que o propósito é analisar o quantificador *todo/ todos* em posição sujeito.

verbal apresenta apenas a leitura distributiva²⁸. O quantificador *todo* também pode surgir em posição pós-verbal mas apresenta uma leitura mereológica ou é interpretado como um quantificador de grau. (Sánchez López 1999:1102). Veja-se ainda o exemplo que se segue:

(24) Todos os alunos escreveram dois poemas.

(i) Há dois poemas que foram escritos pelo conjunto dos alunos (leitura coletiva) (“ou grupal¹³”).

Forma lógica: $\exists y \forall x (x \text{ são alunos} \ \& \ y \text{ são poemas}) \rightarrow x \text{ escreveu } y$)

(ii) Para cada um dos alunos, existem dois poemas escritos (leitura distributiva).

Forma lógica: $\forall x \exists y (x \text{ são alunos} \ \& \ y \text{ são poemas}) \rightarrow x \text{ escreveu } y$)

Na leitura coletiva, expressa em ((24) (i)), o escopo é do operador \exists sobre o operador \forall , fazendo com que a leitura não seja distributiva, mas, sim uma “interpretação de pressuposição de existência”. Na leitura distributiva, expressa em ((24) (ii)), o quantificador *todos* tem escopo sobre o operador \exists , fazendo com que a leitura seja distributiva, ou seja, os átomos da denotação de \exists são distribuídos entre os átomos da denotação de \forall .

3.1.1.1 O quantificador “todo”/“todos” e os nomes contínuos ou massivos

O comportamento de *todo o* e *todos os* tem diferentes leituras consoante a possibilidade de se poder pluralizar ou não um nome massivo¹⁴. Os nomes contínuos ou massivos denotam entidades não delimitadas que mesmo quando separadas conservam sempre a sua natureza e as suas características, isto é, a sua divisão, por exemplo, em pequenas porções continua a resultar na substância¹⁵. É por este motivo que estes nomes também são designados de contínuos porque denotam um todo *continuum* «sem variação qualitativa ou quantitativa» (Duarte e Oliveira 2006:236).

¹³ Termo usado em Peres (2013).

¹⁴ Esta hipótese é avançada por Duarte e Oliveira (2006:241).

¹⁵ Veja-se sobre este assunto em Bosque (1999:8/9).

Mediante esta explicação, facilmente se entende por que razão as frases (26), (27) e (29) resultam agramaticais: não há variação qualitativa, nem quantitativa, nem é possível pluralizar nomes de matéria como *ouro*. A explicação para a agramaticalidade da frase (29) deriva de dois fatores. Em primeiro lugar, o complemento *desta região* permite referir *uma parte da matéria* denotada pelo conjunto. Em segundo lugar «essa parte pode ser encarada universalmente de uma forma não distributiva» (Duarte e Oliveira 2006:240).

A leitura que se obtém é uma leitura mereológica, em que se interpreta o sintagma nominal quantificado como um todo *continuum* em concordância com a conceção de Quine (1960)¹⁶ para estes nomes: «x é um nome de matéria se a soma dos componentes de x produz x».

- (25) O ouro é extraído em Moçambique.
- (26) *Todo o ouro é extraído em Moçambique.
- (27) *Todos os ouros são extraídos em Moçambique.
- (28) Todo o ouro desta região é extraído em Moçambique.
- (29) *Todos os ouros desta região são extraídos em Moçambique.

Veja-se agora o que se passa com os nomes massivos que admitem uma recategorização¹⁷ em contáveis:

- (30) Todo o queijo dessa região é caro.
- (31) Todos os queijos dessa região são caros.

¹⁶ O autor é citado em Bosque (1999).

¹⁷ Segundo Raposo (2013:959), a recategorização determina alterações de sentidos em nomes que se sintetizam em dois casos:

(i) nomes massivos em contáveis:

- Porções discretas convencionalizadas. Vejam-se exemplos:

(1) *dois 'whisks'* > duas garrafas/ dois cálices/.....

(2) *dois carapaus* > dois pratos/duas doses/.....

- Tipo ou variedade de substância. Vejam-se exemplos:

(3) *dois vinhos* > dois copos de vinho ou variedades de vinhos/.....

- Nomes abstratos interpretados como eventos ou como entidades concretas

(4) *poucas ajudas* > o nome denota eventos ou pessoas

(5) *vários amores* da minha vida > o nome denota pessoas

(ii) nomes contáveis recategorizados em não contáveis

- espécies biológicas e nomes de alimentos

(6) uma criação de coelhos > espécie animal

(7) adoro coelho > produto comestível

- Sintagmas preposicionais classificadores introduzidos por *de*:

(8) arrendamento *de imoveis* > modificadores nominais

(9) arrendamento *é de imoveis* > predicado de uma frase copulativa.

Em (30) regista-se, novamente, a leitura mereológica, tal como em (28) mas em (31) o nome contínuo encontra-se pluralizado e admite o quantificador universal *todos os*. A leitura resultante é uma leitura não distributiva, pois estamos a falar de tipos de matéria. O nome massivo foi recategorizado e comporta-se como um nome contável. Os nomes coletivos não contáveis também só admitem leitura mereológica como se pode ver no exemplo retirado de Duarte e Oliveira (2006:240):

(32) Ele estudou toda a fauna da Península Ibérica.

No entanto, nomes coletivos como *família* permitem a pluralização e portanto a ocorrência dos quantificadores *todo* e *todos*.

(33) Toda a família construiu uma jangada.¹⁸

(34) Todas as famílias construíram uma jangada.

A frase (33) apresenta uma leitura mereológica, dado que o conjunto denotado é singular, portanto, o que se pretende dizer é que todos e cada um dos membros que constituem o núcleo familiar construíram em conjunto uma jangada. Neste caso, o predicado *uma jangada* não resulta multiplicado. No caso de (34) estamos perante uma leitura distributiva. O sintagma nominal quantificado denota várias entidades que formam um conjunto singular. O predicado *uma jangada* será multiplicado por cada uma das famílias que fazem parte do conjunto referido.

3.1.1.2 “Todo”/“todos” e o domínio sobre predicados

Os quantificadores *todo* e *todos* podem estender o seu domínio a outros elementos da oração. Os elementos das orações que caem sob o domínio deste quantificador podem ser predicados ou sintagmas nominais que sofrem alterações em termos interpretativos. Nesta secção estudam-se os predicados coletivos e simétricos e o modo como são afetados por estes quantificadores.

¹⁸ O quantificador universal *todo* seguido de nome coletivo pode aparecer com ou sem determinante em PB (Müller e Negrão 2007:72):

(i) Toda família construiu uma jangada.

(ii) Toda a família construiu uma jangada.

As frases diferenciam-se pela sua leitura. Na frase (i) temos uma leitura distributiva (uma jangada por família); na frase (ii), segundo Müller e Negrão, para além da ambiguidade entre uma leitura coletiva ou distributiva, o SN posposto ao quantificador é um determinante definido.

3.1.1.2.1 Predicados coletivos¹⁹

Link (1983), Dowty (1986), e Taub (1989) (*apud* Müller, Negrão e Gomes, 2007) mostram que *all*, à semelhança de *todo* e *todos* no PE, é compatível com alguns predicados coletivos²⁰, mas não com *todos*. Vejam-se os seguintes exemplos:

(35) *Todos os livros são numerosos.

(36) *Toda a família é numerosa.

(37) Todos os estudantes formaram um grupo.

(38) Todo o grupo se reuniu.

Os exemplos (35) e (36) mostram que *ser numeroso*, em ambos os exemplos, segundo Taub²¹ (1989), trata-se de um predicado coletivo que denota estado ou *achievement*. Por essa razão todos os predicados membros da categoria *estado* ou *achievement* são incompatíveis com *todo* e *todos*. Já para os exemplos (37) e (38), nota-se que *formar um grupo* e *reunir-se* são compatíveis com *todos*, por estes predicados coletivos denotarem atividades ou *accomplishment*.

3.1.1.2.2 Predicados simétricos

Os predicados simétricos²² podem ter expressões quantificadas apenas com o quantificador universal *todos*:

(39) *Todo o professor está de acordo com a reforma curricular.

(40) Todos os professores estão de acordo com a reforma curricular.

¹⁹ São exemplos de predicados coletivos os seguintes: *ser numeroso*, *crescer em número*, *formar um grupo*, *ser incontável*, *ser inumerável*, *empacotar*, *reunir*, *contar*, *dissolver* (Sánchez López 1999:1062).

²⁰ A única exceção é o verbo *reunir* que permite a ocorrência de uma expressão de quantificação em posição pós-verbal com a função de complemento direto (ex.: Reuniu-se toda a equipa./ Reuniram-se todas as equipas./ Reunimos todos os livros.) ou em posição de sujeito (todo o grupo de Semântica se reuniu na biblioteca).

²¹ Citado em Müller, Negrão e Gomes (2007).

²² Entre os predicados simétricos estão: *ser pais*, *ser irmãos*, *ser sócios*, *colaborar*, *parecer-se*, *discutir*, *casar-se*, *estar de acordo*, etc. (Sánchez López 1999:1063). Estes predicados também são denominados de semidistributivos por denotarem «vários eventos múltiplos que não são independentes entre si mas que estão mutuamente relacionados» (Schein 1993 citado em Sánchez López: 1999).

(41) Todos os linguistas discutem as propriedades linguísticas.

(42) *Todo o linguista discute as propriedades linguísticas.

Os exemplos em (39) e (42) mostram agramaticalidade pelo facto de *estar de acordo* e *discutir* nos exemplos acima respetivamente serem predicados simétricos que denotam vários eventos múltiplos que não são independentes entre si mas que estão mutuamente relacionados (Sánchez López, 1999:1063). Em oposição de *todo o*, os exemplos em (40) e (41) são aceitáveis com *todos os*, devido à possibilidade de multiplicidade de eventos.

3.1.1.2.3 Predicados distributivos:

Os predicados distributivos dividem-se em dois grupos. O primeiro grupo refere-se a um conjunto de predicados que «requieren la interpretación no conjuntiva del sujeto por denotar eventos que sólo pueden afectar a un sujeto individual» (Sánchez López, 1999:1066). O segundo grupo de predicado deste tipo engloba alguns verbos reflexivos (ex.: *inclinarse*, *arrependerse*, etc.) que têm forçosamente uma leitura distributiva.

Os quantificadores universais *todo* e *todos* podem ocorrer com estes predicados, como se pode verificar nos exemplos (15) e (16) aqui repetidos em (43) e (44) presentes numa oração com o predicado distributivo *ser mortal*:

(43) Todo o homem é mortal.

(44) Todos os homens são mortais.

Os exemplos (43) e (44) são possíveis porque estes predicados distributivos denotam eventos independentes (que podem ser entendidos como simultâneos ou não simultâneos), surgindo com entidades singulares e com sujeitos plurais percebidos como um conjunto.

Segundo Peres e Branco (1989:188), o quantificador “todo” pode ocorrer em certas construções enquanto operador holístico²³ – «quando a entidade envolvida é tomada como um todo na sua inteireza» (cf. (45) e (46)).

(45) O artista pintou o quadro todo.

²³ ‘Holístico’ tem o mesmo significado que ‘mereológico’.

(46) Todo o texto foi revisto. (Peres e Branco (1989:189))

As duas frases em (45) e (46), por um lado, denotam a existência de uma entidade: “quadro” pintado em (45) e “texto” que foi revisto em (46), ambos tomados como um todo na sua inteireza. Por outro lado, a frase em (46) é ambígua entre uma leitura distributiva – na medida em que há uma entidade que constitui um conjunto contextualmente determinado: “texto” foi revisto, e uma leitura holística - “texto” foi revisto na sua totalidade. Em contrapartida, a frase em (45) só é possível com a última leitura (holística).

Por outro lado, segundo Peres e Branco (1989:190), a leitura holística pode ser determinada por diversos operadores holísticos – «variantes lexicais que exprimem a mesma operação semântica». Veja-se (47).

(47) O Pedro limpou o quarto todo / inteiro/ integralmente/ na íntegra/ na (sua) totalidade.

Segundo os autores já referenciados (Peres e Branco (1989)), podemos distinguir predicados que possam determinar a leitura holística: predicados que exigem a consideração de partes estruturais totais das entidades (predicados totalizantes) (48.a.), de predicados que admitem partes estruturais não totais (predicados não totalizantes) (48.b.).

(48) a. O soldado *matou os inimigos todos*.

b. O soldado *molhou os inimigos todos*. (Peres e Branco (1989:190))

Em (48 a.), “matar” é um predicado verbal totalizante, com apenas uma leitura distributiva. Na frase (48 b.), “molhar” é um predicado não totalizante contendo duas leituras: uma leitura distributiva e outra holística.

Note-se ainda que, em frases como (49) e (50) em que os quantificadores universais *todo* e *todos* gozam de flutuação, segundo Raposo e Miguel (2013:789), nestes contextos podem ocorrer ambiguidades sob ponto de vista de interpretação de contagem e medição. Vejam-se os exemplos seguintes:

(49) a. Todo o edifício será restaurado.

b. O edifício todo será restaurado.

c. O edifício será todo restaurado.

- (50) a. Todos os edifícios foram restaurados.
b. Os edifícios todos foram restaurados.
c. Os edifícios foram todos restaurados.

Segundo Raposo e Miguel (2013:789), em (49.a.), onde o quantificador *todo* aparece na sua posição canónica, pode ter interpretação de medição e interpretação de contagem. Em (49 b. e c.), onde o quantificador *todo* não aparece na sua posição canónica, antecedendo o artigo definido, apenas está disponível uma leitura de medição. Nas frases (50 a. e b.) só se obtém uma leitura de quantificação de contagem, mesmo com a posição assumida pelo quantificador “*todos*” que se verifica na frase (50 b.)

Em (50 c.) está obrigatoriamente presente a leitura de contagem e pode ou não emergir a de medição. Em (50 c.), segundo Raposo e Miguel (2013:789), foi restaurada a totalidade dos edifícios, podendo cada um deles tê-lo sido integral ou parcialmente.

Em síntese, nesta secção descrevemos as diferentes propriedades relativas à ocorrência dos quantificadores *todo* e *todos* com nomes massivos e predicados distributivos, simétricos e coletivos. Como se pode verificar, em primeiro lugar, são quantificadores que gozam de flutuação, ocupando deste modo diversas posições: antes ou depois do nome, ou ainda em posição pós-verbal.

Note-se ainda que os mesmos quantificadores são passíveis de ambiguidades entre leituras: distributiva e coletiva ou grupal (Peres 2013), distributiva e holística (Peres e Branco 1989:189), medição e contagem (Raposo e Miguel 2013:789).

3.1.2 O quantificador universal “cada”

O quantificador “cada” denota «todos e cada um» dos elementos de um conjunto pré construído. Este quantificador possui uma forma invariável que se combina com nomes simples no singular, ao contrário de outros operadores de quantificação universal, como “todo, todos” e “ambos”, que se combinam com DD’s²⁴.

- (51) Cada aluno possui um livro / *todo aluno possui um livro / *ambos alunos possuem um livro

²⁴ Determinante(s) Definido(s).

O quantificador universal “cada”, em oposição a outros quantificadores universais, não pode ocorrer sem um nome explícito (cf. (52)), a não ser em contexto de flutuação, caso em que pode também coocorrer com a forma “um” (cf. (53)).

- (52) a. O menino leu dois romances. Ambos eram interessantes
b. O menino leu alguns romances. {Todos eram/ */??? Cada era} interessante(s).

(53) Os romances eram interessantes {cada/ cada um}.

O quantificador universal “cada”, de acordo com Duarte e Oliveira (2003:231), pressupõe um conjunto pré construído e não pode operar sobre um conjunto virtual, pelo que não pode ocorrer modificado por uma oração relativa no modo conjuntivo. Vejam-se os exemplos seguintes (cf. (54 a.), (54 b.) e (54 c.)) em que no mesmo contexto se admite a ocorrência do quantificador “qualquer”.

- (54) a. Cada aluno – o João, o Pedro, o Luís... – teve uma boa nota.
b. * Cada teoria que sustente essa hipótese é absurda.
c. Qualquer teoria que sustente essa hipótese é absurda. (Duarte e Oliveira (2003:231))

O quantificador “cada” tem uma caracterização complexa, pois, segundo Peres (2013:782), este quantificador exprime um valor de quantificação universal, uma vez que impõe que a propriedade expressa pelo SV (escopo) se aplique a todos os membros de um dado conjunto (cf. (55) – (57)). Em (55), denota-se o conjunto de pessoas, em (56), denota-se o conjunto de amigos de um determinado doente, em (57) o conjunto de convidados de um acontecimento social.

- (55) a. * Cada pessoa é simpática.
b. Cada pessoa é simpática à sua maneira.

- (56) a. *Cada amigo foi visitar o doente.
b. Cada amigo foi visitar o doente quando pôde.

- (57) a. *Cada convidado bebeu vinho do Porto.²⁵
b. Cada convidado bebeu um cálice de vinho do Porto.
c. Cada convidado bebeu o que lhe apeteceu. (Peres (2013:782))

²⁵ Alguns falantes nativos do PE aceitam esta frase.

O facto de a denotação dos SV's das frases (55 a.), (56 a.) e (57 a.) não envolver entidades com as quais se possa estabelecer a correspondência requerida torna as frases agramaticais (cf. Peres (2013:782)). Assim, em (55 b.), a *cada pessoa* corresponde a sua própria maneira de ser simpática, em (56 b.), a *cada amigo* de um dado doente corresponde o seu momento próprio em que o pôde visitar, em (57 b.), a *cada convidado* corresponde o seu cálice de vinho, em (57 c.), a *cada convidado* corresponde o que lhe apeteceu beber.

O quantificador “cada” não se combina tipicamente com nomes não contáveis (massivos ou não). Mas há casos em que isso acontece. No entanto, neste caso, os nomes sofrem um processo de recategorização, passando a nomes contáveis. Vejam-se os exemplos que seguem:

- (58) a. * Cada cristal é mineral.
b. Cada cristal custa 50 euros. (Leal (2009:126))

Assim, em (58 b.), a expressão “cada pescado” denota o conjuntos de mariscos em questão.

Uma expressão com “cada” não pode ocorrer em contextos que exijam sintagmas indefinidos, o mesmo que acontece com os outros quantificadores universais, por exemplo, o facto de não poderem ocorrer como complemento de “haver” (efeito de definitude). Veja-se (59).

- (59) a. * Há cada estudante na sala.
b. Há poucos estudantes na sala.

Mas há contextos em que podemos ter um SN com “cada” complemento de “haver”, com um valor intensivo e a frase em que ocorre é de tipo exclamativo. Veja-se (60).

- (60) Há cada estudante na sala!

O valor intensivo em expressões com “cada” está relacionado com a coocorrência de orações consecutivas²⁶, como se pode verificar no exemplo seguinte.

²⁶ Apud Leal (2009: 126).

(61) Disse cada asneira que a namorada deitou as mãos à cabeça. (Leal (2009:126)).

Na frase (61), *asneira*, a quantificação é feita é sobre alguma propriedade das entidades denotadas (por exemplo, asneiras tão grandes, tão disparatadas) (cf. Leal (2009:126)).

O quantificador “cada” distingue-se dos demais quantificadores universais pela possibilidade de se combinar com numerais e com DI²⁷. Comparem-se os exemplos em (62).

- (62) a. Cada três horas.
b. *todas três horas.

Note-se ainda que «o operador “cada” pode ocupar a posição interna (cf. 63)) e posição externa (cf. (64)) de uma construção partitiva» - Leonetti (2007:16)²⁸.

- (63) Uma de cada três crianças [também funciona “uma em cada três”].
(64) Cada uma destas crianças.

Sendo um quantificador distributivo, “cada” não é compatível com predicados que têm uma leitura coletiva obrigatória (cf. “reunir-se”, em (65 a.)), a não ser que o nome no escopo do operador seja, por exemplo, um nome coletivo, como em (65 b.).

- (65) a. *Cada militar reuniu-se.
b. Cada exército reuniu-se.

Em Espanhol, Sánchez López (1999) e Leonetti (2007) consideram que o Q “cada” pelo facto de requerer a existência de um elemento quantificado dentro do seu âmbito, a sua interpretação absoluta é impossível já que se exige a multiplicação dos elementos quantificados. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (66) a. Cada artista pintou dois quadros.
b. * Cada artista pintou este quadro.

Sobre este assunto, recomendam-se Cunha, Leal e Silvano (2008a, 2008b), onde são explorados alguns dos *triggers* das orações consecutivas em PE (Leal (2009:126)).

²⁷ Determinante(s) Indefinido(s).

²⁸ Tradução nossa. Uma abordagem para o Espanhol.

Uma outra propriedade que se atribui ao quantificador “cada” é a de que, uma vez que opera sobre um conjunto pré-construído impede que possa ser interpretado como genérico. Atentem-se nos exemplos que se seguem:

- (67) a. * Cada tartaruga marinha está extinta.
b. Cada tartaruga marinha foi descoberta por um banhista africano.

Leal (2009:128) considera que o operador “cada” pode ocorrer em outras construções, de forma mais ou menos fixa, como no caso das construções comparativas seriais²⁹, ou como expressão adverbial de quantificação sobre a frequência das eventualidades³⁰. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (68) a. Cada vez a TV mostra mais sexo.
b. Cada vez mais a TV mostra sexo.
c. A TV mostra cada vez mais sexo. (Leal (2009:129))

Em (68 a.)), segundo Leal, a expressão “cada vez” comporta-se como um adverbial de frequência que tem toda a frase no seu escopo, enquanto “mais” quantifica sobre o objeto direto “sexo”, o que resulta numa leitura em que sempre que há uma verificação do predicado “a TV mostrar mais sexo”, aparentemente a quantidade de sexo mostrada aumenta em cada ocorrência, o que corresponde à leitura de construção comparativa serial.

Em (68 b.), sempre que há uma verificação do predicado “a TV mostrar sexo”, a TV não mostra mais sexo, “cada vez mais” veicula a informação de que a verificação de ocorrências que na vez anterior, mas possivelmente a mesma quantidade. O adverbial do predicado está a aumentar. Em (68 c.), há ambiguidade entre uma e outra leitura”.

As frases acima (68) mostram justamente que a expressão “cada vez” pode ocupar posições diversificadas numa frase. Porém, quando este assume a posição canónica (pré nominal), como se vê em (68 a.) e (68 b.), simplesmente temos duas construções sem ambiguidades, a primeira em (68 a.) e a segunda em (68 b.), em relação à sua interpretação semântica. Em oposição, em (68 c.) pode haver ambiguidade entre as duas leituras.

²⁹ Leal (2009 *apud* Marques 2003).

³⁰ Sobre este assunto recomenda-se Leal (2006b).

Observe-se, por fim, que o operador “cada vez” não combina com “quase”, na interpretação relevante, facto que o distingue, também, de outros quantificadores universais, em particular o Q “todos”. Vejam-se os exemplos:

- (69) a. */# Um artista pintou quase cada quadro.
b. Um artista pintou quase todos os quadros.

3.1.3 O quantificador universal “ambos”

O quantificador “ambos” denota a cardinalidade, dois, de um conjunto construído de elementos entendidos como a soma de tais elementos. Este quantificador possui um valor inerentemente distributivo para fazer referência a um grupo. Tal propriedade o distingue de outros quantificadores universais, a exemplo de “todos” (em alguns contextos) e “qualquer”.

O quantificador “ambos”, à semelhança dos quantificadores *todo* e *todos* ocorrem com determinantes definidos (artigo definido ou demonstrativos) (70) e nomes contáveis ou recategorizados em contáveis (71).

- (70) a. *Ambos os alunos* adoram a fantasia / *Todos os alunos* adoram a fantasia.
b. *Ambos estes alunos* adoram a fantasia³¹ / *Todos estes alunos* adoram a fantasia.
c. **Ambos alunos* adoram a fantasia / **Todos alunos* adoram a fantasia.

- (71) a. Ambos os clientes adoram beber.
b. Ambas as águas estão fresquinhas.
c. Ambas as águas são de Nascente.

Assim, em (71 b.), consideram-se porções delimitadas de água (tipicamente garrafas), enquanto em (71 c.), consideram-se tipos de águas (na leitura mais usual).

O quantificador “ambos”, à semelhança de quantificadores *todo* e *todos*, segundo Raposo e Miguel (2013:723), em PE, quando quantifica sobre o sujeito pode ocorrer em

³¹ Alguns falantes do PE consideram estranha a combinação de *ambos* com um determinante demonstrativo (?*Ambos estes alunos* adoram a fantasia).

posição pós verbal, numa construção designada flutuação do quantificador. Vejam-se os exemplos que se seguem:

- (72) a. Ambos os meninos tomaram um lanche.
b. Os meninos tomaram ambos um lanche.

Em (72 a.) apenas admite uma leitura distributiva, em que cada menino tomou um lanche individualmente. Na frase (72 b.), em que o quantificador “ambos” precede a forma verbal, nota-se uma ambiguidade entre uma leitura distributiva e coletiva. Sendo, na primeira, *cada menino tomar um lanche* individualmente, ao passo que, na segunda, os dois meninos partilharam o mesmo lanche.

Em (72), independentemente da posição ocupada pelo quantificador “ambos”, está obrigatoriamente presente a leitura de contagem. Assim, o tipo de quantificação operado por “ambos” é o de contagem.

Em relação às leituras em que pode estar envolvido, o quantificador “ambos”, Peres (2013:806-808) chama a atenção para o facto de a variação de interpretações distributivas e coletivas dos DD’s depender não só do tipo de especificador envolvido na expressão quantificada de carácter grupal ou coletivo de nome nuclear da estrutura quantificada, mas também há que ter em conta algumas propriedades semânticas da estrutura predicativa, determinada pelo verbo ou outros predicadores. Segundo o autor referido, o quantificador “ambos” tem, por conseguinte, um valor quase exclusivamente distributivo, salvo alguns casos excepcionais de uma classe restrita de alguns verbos. Observem-se os exemplos que seguem:

- (73) a. Ambos os estudantes alugaram um carro.
b. *Ambos os estudantes se reuniram ontem à tarde.
c. Ambos os volumes cabem na pasta (Peres (2013:807-808))

Em (73 a.), com o predicado individual *alugar*, o quantificador “ambos” exhibe o mesmo comportamento do quantificador “todos”, bloqueando a leitura coletiva. A mesma leitura é bloqueada em (73 b.) quando coocorre com o predicado coletivo *reunir-se*.

Em contrapartida, o mesmo predicado coletivo (*reunir-se*) pode coocorrer com o quantificador “todos” (cf. 74). Na frase (73 c.), podemos ter duas leituras: uma distributiva e outra coletiva. Na leitura distributiva: cada um de dois volumes cabe

sozinho numa determinada pasta. Na leitura coletiva, os dois volumes em causa cabem conjuntamente nessa mesma pasta.

(74) Todos os estudantes se reuniram ontem à tarde.

Em (74), a propriedade de *reunir-se* não se pode aplicar a cada estudante individualmente. A única leitura possível é a coletiva.

Uma outra propriedade aplicada ao quantificador “ambos” é a de ter a possibilidade de ocorrer como objeto direto de predicados coletivos. Veja-se o exemplo:

(75) O Juiz do tribunal supremo vai reunir ambas as partes para um diálogo sobre o cessar-fogo.

Na frase (75), verifica-se, portanto, ambiguidade entre uma leitura distributiva, em que o Juiz do tribunal supremo vai reunir os elementos que constituem as entidades ou partes em separado (uma reunião por cada uma das partes), e uma leitura coletiva, em que a reunião dos elementos que constituem ambas as partes ou entidades é feita ao mesmo tempo no mesmo espaço físico, ou seja numa mesma reunião.

3.1.4 O quantificador universal “qualquer”

O quantificador “qualquer” é tratado como um universal em virtude do seu valor de indistinção que atribui um carácter generalizador ao conjunto virtual. «Tradicionalmente, este quantificador é classificado como um pronome indefinido, com a variação em número» (cf. Peres, 2013:796). O tratamento de *qualquer*, sob ponto de vista de interpretação semântico tem suscitado muita complexidade em estruturas nominais onde opera. De tal modo que pode estar associado a valores diversificados de quantificação nominal: (i) universal (cf. (76)), (ii) existencial (cf. (77)) e (iii) incógnita (cf. (78)) (cf. Mória (1992), Peres (2013))³². Outros ainda em que tem um valor de “escolha livre” (cf. (79-81)) (cf. Pires de Oliveira (2005)).

(76) a. *Qualquer estudante* pode combater a corrupção.

b. Os Deputados valorizam *qualquer instrumento legal*.

³² Sánchez López (1999) apresenta para o Espanhol uma proposta com algumas semelhanças as de Peres (2013).

- (76') a. *Todo o estudante* pode combater a corrupção.
- b. Os Deputados valorizam *todo o instrumento legal*.
- c. Todos os *estudantes* podem combater a corrupção.
- d. Os Deputados valorizam *todo o instrumento legal*.

As frases apresentadas em (76') legitimam o facto de que a possibilidade de denotação de uma entidade do conjunto relevante em (76) (*qualquer pessoa* – que seja e *qualquer instrumento* – que for legal)) induz a escolha livre ou aleatória de alternativas pelo interlocutor, tomadas do domínio mais amplo, o que nos levará à modalidade (no sentido formal do termo, quantificação sobre mundos possíveis), e que estão em disjunção conjuntiva (o que acaba por produzir uma implicatura de possibilidade). Assim, diz-se que as entidades do conjunto em (76) estão em “escolha livre”³³ com “valor de equivalência” (Cf. Peres, 2013: 798) e Pires de Oliveira, 2005:2)).

- (77) a. O Pedro comprou *qualquer livro de linguística*.
- b. O Rui não conhece qualquer obra do Mia Couto.
- c. Se houver qualquer dificuldade, diz-me.

Em (77 a.), pode ser interpretada no sentido de que ‘o Pedro tenha comprado pelo menos um livro de linguística e não interessa qual foi’. Na frase (77 b.), a presença de operador de negação associado ao quantificador “qualquer” legitima o valor existencial.

Em (77 c.), por um lado, o quantificador “qualquer”, nesta frase, comporta-se como não universal, com a possível interpretação ou substituição do quantificador não universal “algum” (cf. (77')). Neste caso, com valor de equivalência. Esta equivalência deve-se ao facto de «ambos os operadores (*qualquer e algum*), por exemplo, serem passíveis de entrarem em relação de escopo» (cf. Peres, 2013:810) ou ainda Oliveira (1996:343). Por outro lado, a presença do condicional nesta frase, segundo Peres, tem a particularidade de, alternativamente, admitir ser interpretado contendo um valor universal, caso se dê escopo largo à estrutura nominal com *qualquer*, com possibilidades

³³ “Free choice” em inglês - termo proposto por Vendler (1967) ao observar que ‘any’ em inglês possui valores semânticos especiais em determinados contextos onde opera, distinguindo-se, deste modo, de outros universais ‘all’, ‘each’ e ‘every’.

de obter representações abstratas, tais como: ‘para toda a dificuldade, se a houver, diz-me’.

(77’) Se houver *qualquer dificuldade*, diz-me/ Se houver *alguma dificuldade*, diz-me.

(78) a. Ele já comprou *qualquer obra dessa editora* (não sei qual).

b. Os linguistas não compram *qualquer livro que aparece na livraria*.

Em (78 b.), de entre o conjunto dos livros que aparecem na livraria, existe um subconjunto menos quantificado ou restrito que os linguistas não compram.

Móia (1992:13), ao analisar o comportamento de *qualquer* em PE, à semelhança de Pires de Oliveira (2005:2) para o PB, considera que o quantificador universal *qualquer* exhibe especificidades de “escolha livre” legitimado sob o escopo de (pelo menos) três tipos de operadores: *genericidade* (cf. (79)), *comparação* (cf. (80)) e *operadores de eventualidade* (cf. (81)).

(79) a. *Qualquer estudante chegou à biblioteca.

b. Qualquer estudante chega à biblioteca.

c. Qualquer estudante do Curso de Linguística chegou à biblioteca.

A agramaticalidade da frase (79 a.) está associada, por um lado, à impossibilidade de o operador *qualquer* ocorrer com o passado, o qual induz a uma interpretação afirmativa. Em oposição, a frase (79 b.) é semanticamente aceitável pelo facto de exprimir o valor genérico determinado pelo presente do indicativo do predicativo verbal *chegar*.

Em (79 c.), observa-se, por um lado, o uso de ‘qualquer’ em posição de sujeito com predicados episódicos através de procedimentos de restrição de domínio (Qualquer estudante *do Curso de Linguística*). Daí resulta a aceitabilidade da frase em causa.

(80) a. O Rui domina mais português que qualquer outra língua.

b. O Rui escreveu legivelmente os poemas que qualquer outro aluno.

Nas frases (80 a.) e (80 b.), por um lado, observa-se a aceitabilidade em ambas as frases. Por outro lado, em ambas as frases não se verifica um valor [Tempo/Aspeto: Genérico].

Na frase (80 a.), a aceitabilidade é motivada pela presença do presente do indicativo com um valor temporal precisamente presente. Em (80 b.), encontra-se um valor temporal Pretérito e um valor aspectual Perfeito.

- (81) a. Qualquer pessoa te teria ajudado, se tivesses pedido.
b. Qualquer pessoa a quem tivesses pedido ajuda te teria ajudado.
c. Qualquer contratempo que surja (ou surgir) será comunicado. (Moia (1992:15))

Na frase (81 a.), a expressão '*se tivesses pedido*' legitima uma ocorrência do quantificador universal *qualquer* sob o escopo do operador de eventualidade (modo Condicional do verbo principal). Na frase (81 b.), a expressão '*a quem tivesses pedido ajuda*' legitima uma ocorrência do quantificador universal *qualquer* sob o escopo do operador de eventualidade (Pretérito Imperfeito do verbo principal com valor equivalente ao do modo Condicional).

Em (81 c), '*qualquer contratempo que surja (ou surgir) será comunicado*' legitima uma ocorrência do quantificador universal *qualquer* sob o escopo do operador de eventualidade (tempo Futuro na predicação da matriz (*será comunicado*) e modo Conjuntivo na predicação da relativa encaixada (*que surja (ou surgir)*)).

Nas frases em (81), verifica-se em comum a partilha do mesmo valor (eventualidade) associado a diferentes situações determinadas por tempo-aspeto.

3.2 O pronome *tudo*

O tratamento do pronome *tudo* no PE e no PB apresenta algumas especificidades interessantes sob ponto de vista de interpretação semântico em algumas vezes até sintático. A operação deste pronome apresenta semelhanças de operadores de quantificação, restringindo um determinado domínio e um escopo nuclear.

Raposo (2013:895) considera que, em primeiro lugar, este pronome possui uma componente semântica nominal extremamente geral com todas as categorias ontológicas da realidade associadas a nomes com as seguintes características: [+humano] (cf. (82)), e [+concreto] (cf. (83)). Em segundo lugar, segundo Peres, o pronome *tudo* incorpora o quantificador universal *todos* em alguns contextos (cf. (84)).

- (82) a. Estava *tudo* cheio de fome, esperando pelas sardinhas que nunca mais vinham.

b. Tanto na vila como nas aldeias, *tudo* veio para a rua exteriorizar o seu entusiasmo revolucionário.

(83) a. *Tudo* me agrada nesta loja: as camas, os sofás e os tecidos.

b. *Tudo* me deprime: o amor, a justiça, a honestidade, sobretudo o Barcelona ter ido à final da Liga dos Campeões Europeus em vez do Real Madrid.

(84) a. Estavam *todos* cheios de fome, esperando pelas sardinhas que nunca mais vinham.

b. Tanto na vila como nas aldeias, *todos* vieram para a rua exteriorizar o seu entusiasmo revolucionário. (Raposo (2013:895-896))

Sobre a possibilidade de cobrir as características [+humano], a exemplo de (82), Raposo considera que esta operação deve-se ao facto de o pronome *tudo* não ter uma contra parte com a qual forme um par, como acontece com (*algo-alguém*) ou com (*nada – ninguém*). Neste contexto, em frases como a (85), que se verifica o contraste entre *tudo* com *nada*, o pronome *tudo* parece ter apenas o valor [-humano].

(85) *Tudo ou nada!* (Raposo (2013:896))

Segundo Raposo (2013:895), em PE, esta particularidade que se verifica com o pronome *tudo* (ausência de contra parte) também é possível ser utilizada com o quantificador *todos*, isoladamente, para designar seres humanos quantificados universalmente, a exemplo de (84) correspondendo a (82).

Apesar de ambas as expressões linguísticas (*tudo* e *todo/todos*) partilharem algumas características, em contrapartida distinguem-se pelo facto de o pronome *tudo*, «sendo um verdadeiro pronome com a componente nominal, não se pode combinar com SN's ao contrário de quantificadores *todo* e *todos*» (cf. Raposo, 2013:896). Confrontem-se os seguintes exemplos (86) e (87).

- (86) a. *Tudo (os) homens.
- b. *Tudo eles.
- c. *Tudo (os) dinossauros.

- (87) a. Todos os homens.
- b. Todos eles.
- c. Todos os dinossauros.

QUADRO (v): SÍNTESE DAS PROPRIEDADES DOS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS NO PE

Propriedades	Quantificadores universais				
	Todo	Todos	Ambos	Cada	Qualquer
Domínio restrito	-	+	+	+	-
SN específico	-	+	+	+	-
Leitura distributiva	+	+	+	+	-
Leitura não distributiva	-	+	-	-	-
Leitura mereológica	+	+ (?) ³⁴	-	-	-
Contextos genéricos	+	-	-	-	+
Quantificador flutuante	-/+(?) ³⁵	+	+	-/+(?) ³⁶	-

3.3 O tratamento de alguns quantificadores universais no PB

A classificação e o tratamento de quantificadores universais no PB distancia-se em alguns aspetos do PE. Nesta variedade do Português, por exemplo, «são considerados quantificadores universais, nomeadamente *todo*, *todos*, *cada*, *ambos* e *nenhum*» (cf. Neves, 2000).

3.3.1 “Todo”/“todos”

O quantificador *todos* no PB, à semelhança do PE, pode ocupar várias posições dentro da frase. Vejam-se os exemplos que se seguem.

(i) Em posição de sujeito (pré-nominal, em (88 a. e b), pós-nominal em (88 c.) e pós-verbal em (88 d)):

³⁴ A sinalização que aparece no quantificador *todo* chama atenção ao facto de este quantificador poder ter uma leitura mereológica em alguns casos, nomeadamente *ele visitou os museus todos*:

(i) cada um dos museus – leitura distributiva

(ii) cada um na sua totalidade – leitura mereológica.

³⁵ *Todo* no PE pode flutuar apenas em contextos mereológico.

³⁶ *Cada* pode aparecer em posição final, mas não implica que este esteja a concordar com o sujeito frásico (*Os meninos leram um livro cada*).

- (88) a. Todos os alunos pintaram os três desenhos.
 b. Todos os alunos se molharam com a chuva.
 c. Os alunos todos se molharam com a chuva
 d. Os alunos molharam-se todos com a chuva.

Em (88 a.), o quantificador “todos” denota, por um lado, o conjunto de *alunos* que pintaram os três desenhos (leitura coletiva), e, por outro lado, denota individualmente a cada um dos *alunos* que pintaram os três desenhos (em leitura distributiva). Aparentemente a interpretação semântica de totalidade é mantida em ambos os casos.

Na frase (88 b.), “*todos*” só tem uma leitura distributiva em virtude do predicado desta frase ser diferente do da anterior. Essa leitura não se altera em (88 c.), mas altera-se em (88 d.) em que uma leitura mereológica está acessível.

Segundo Müller, Negrão e Gomes (2007:2), o quantificador *todo* no PB pode preceder DD (cf. (89 b. e c.)) e nomes sem determinante (NP)³⁷ (cf. (89 a.)), contáveis, em singular (89 a. e b.) e plural (89 c.) com interpretações semânticas diferentes. Vejam-se os exemplos:

- (89) a. Toda família construiu uma jangada. **PB *PE**
 b. Toda a família construiu uma jangada. **PB PE**
 c. Todas as famílias construíram uma jangada. **PB PE** (Müller, Negrão e Gomes (2007:2))

Em (89 a.), segundo Müller, Negrão e Gomes (2007:72), a única interpretação possível é a distributiva, sendo uma jangada por família.

Essa distributividade deve-se à limitação de que um NP, segundo as autoras referidas, não denota uma entidade mas um predicado, o qual não pode remeter para um grupo em ação coletiva. Ou seja, os predicados associados à expressão nominal *todo*+NP não têm leitura coletiva.

No PB, em contextos de (89 a.), em que o quantificador *todo* surge anteposto a um NP (*todo*+NP), Pires de Oliveira (2003b:199 e (2003a:364) considera uma leitura genérica de uma situação episódica. A autora acrescenta que nos casos de (89 b.), por exemplo, em que o quantificador *todo* associa-se a um DD (*todo*+DD), pressupõe-se a

³⁷ Termo usado em Müller, Negrão e Gomes (2007) para se referir a nomes sem determinante.

existência das entidades referidas pelo locutor e a situação será episódica. Ou seja, «há conhecimento mútuo que tanto falante quanto ouvinte sabem individualizar o referente (e sabem que eles sabem isso) gera implicaturas» (Pires de Oliveira 2005:7).

Em (89 b. e c.), à semelhança do PE, podem ser interpretadas, com ambiguidade, duas leituras, nomeadamente uma leitura distributiva e uma coletiva. Nas leituras coletivas: há uma única jangada para uma família inteira em (89 b.), e há somente uma jangada para o grupo de famílias em (89 c.). A distributividade de *todo*+DD em (89 b. e c.) deve-se ao facto de *todo* operar sobre as partes da entidade denotada pelo DD (singular em (89 b.) ou plural em (89 c.)). Assim, na leitura distributiva em (89 b.), significa que cada membro da família construiu a sua própria jangada; em contrapartida, a frase (89 c.) significa que cada família, individualmente, construiu separadamente uma jangada para si.

Como se pode ver em (89), o quantificador *todo* no PB, em posição de sujeito, pode seleccionar diferentes tipos de argumentos:

(i) sintaticamente pode ocorrer com um nome sem determinante (NP) em oposição ao PE (cf. (89 a.)), e, igualmente, pode seleccionar um DD (cf. (89 b. e.)). Em PE, como se pode verificar ao longo deste trabalho, os quantificadores universais *todo* e *todos*, em posição de sujeito, surgem sempre antepostos a um DD.

(ii) Em termos semânticos, *todo* aparentemente é capaz de transformar a entidade que toma por argumento num predicado (única leitura distributiva em (89 a.)), num conjunto feito de partes daquela entidade (ambíguas entre uma leitura distributiva e coletiva em (89 b. e c.)).

O quantificador *Todo*+NP no PB goza de algumas propriedades semânticas à semelhança de *Todo*+DD no PE e ainda em outras línguas como o inglês, quando combinado com nomes contínuos ou massivos (cf. (90)) e com predicados: simétricos (cf. (91)), distributivos (cf. (92)) e coletivos (cf. (93)). Comparem-se os exemplos que seguem:

(90) a. *Todo* ouro é extraído em Moçambique. *PB

b. *Todo* o ouro é extraído em Moçambique. *PE

c. *Every* the gold is mined in Mozambique. *Inglês

A agramaticalidade que se verifica em (90), como dissemos em secções anteriores, tem a ver com facto de que os nomes contínuos ou massivos denotam entidades não delimitadas que mesmo quando separadas conservam sempre a sua natureza e as suas características e bloqueiam a possibilidade de variação qualitativa e quantitativa de matéria como ouro (Cf. Duarte e Oliveira (2006:236)).

(91) a. Todo aluno estava de acordo entre si. ***PB**

b. Todo o aluno estava de acordo entre si. ***PE**

As expressões quantificadas em (91) resultam agramaticais essencialmente porque os predicados simétricos implicam uma leitura não distributiva por denotarem um evento que afeta «a uma pluralidade de objetos ou indivíduos de forma que cada um exerce a ação ou mantém uma relação com os restantes, mas não consigo mesmo.»³⁸ (Sánchez López, 1999:1063). Em contrapartida, o quantificador *todo* só pode ter uma leitura distributiva em contextos genéricos ou mereológicos.

(92) a. Todo estudante dormiu bem.³⁹ **PB**

b. Todo o estudante dormiu bem. **PE**

c. Every student slept well.⁴⁰ **Inglês**

Na frase (92), o predicado '*dormiu bem*' denota um evento que só pode afetar a um sujeito individualmente (Cf. (Sánchez López, 1999:1066)). Veja-se a representação em forma lógica "clássica" em (92').

(92') a. Todo estudante dormiu bem/todo o estudante dormiu bem/Every student slept well.

b. $\forall x$ (estudante' x \rightarrow dorme.bem' x) / $\forall x$ (student' x \rightarrow sleep.well x)

Apesar de *every* e *todo* partilharem algumas propriedades, porém, ambos diferem pelo facto de *todo* «tomar um DD como argumento, o que afeta a partição em átomos

³⁸ Tradução nossa.

³⁹ Frase adaptada de Müller, Negrão e Gomes (2007:73).

⁴⁰ Frase adaptada de Müller, Negrão e Gomes (2007:73).

ou pluralidades das situações em sua restrição e em seu escopo nuclear» (cf. Müller, Negrão e Gomes, 2007:75)).

- (93) a. Todo aluno se reuniu. ***PB**
b. Todo o aluno se reuniu. ***PE**
c. Every student met. ***Inglês**

A frase (93) mostra a incompatibilidade que o operador *todo* no PB e no PE, e mesmo a expressão *every* para o inglês, tem com predicados coletivos.

3.3.2 “Tudo”

Em PB, o pronome indefinido *tudo*, tradicionalmente tratado em algumas gramáticas do português, a exemplo de Cunha e Cintra (2013), Neves (2000) e mais autores, funciona como quantificador universal, incidindo sobre a totalidade dos elementos de um conjunto. À semelhança do PE, *tudo* pode dominar diferentes propriedades que lhe estão associadas: valor semântico do quantificador, domínio de restrição e escopo, como se pode confrontar no exemplo seguinte em (94).

- (94) a. Tudo aquilo era a mesma coisa. **PB PE**

Apesar de possuir estas propriedades semelhantes às do PE, *tudo* em PB distingue-se do PE pelo facto de *tudo*, em realizações recentes do PB, combinar com DD em posição do sujeito ao contrário do PE que se assume como «um verdadeiro pronome com a componente nominal)» (Raposo, 2013:896). Veja-se o exemplo (95).

- (95) a. Tudo (o) menino leu um poema interessante. **PB *PE**
b. O menino tudo leu um poema interessante. **PB *PE**
c. O menino leu tudo interessante. **PB PE⁴¹**

Em (95 a.), observa-se que operador *tudo*, para além de ocorrer com DD's em posição de sujeito, também pode ocorrer em posição pós-verbal. Neste último caso com

⁴¹ Alguns falantes do PE estranham esta frase.

a função de objeto direto. Esta particularidade para o PB, segundo Cançado (2006:157), tem consequências semânticas que nos remetem a dois tipos de operador *tudo*:

(i) *tudo* “tradicional”, que pode ser traduzido pela expressão “todas as coisas” (*tudoI*),

(ii) *tudo* “específico ou típico” usado informalmente no PB, que é bem traduzido e parafraseado pelo quantificador “todos” (*tudoQ*). Confrontem-se os exemplos (96) e (97).

(96) a. Os menino *tudo* leram o livro do Harry Potter. **PB *PE**

b. Os menino *todas as coisas* leram o livro do Harry Potter. ***PB *PE**

c. Os meninos *todos* leram o livro do Harry Potter. **PB PE**

(97) a. Os meninos comeram *tudo* que havia no prato. **PB PE**

b. Os meninos comeram *todas as coisas* que havia no prato. **PB PE** (Cançado (2006:157-158))

Note-se que, primeiro, nas frases (96 a.) e (96 b.), ao invés de *tudo* em PB ter a possibilidade de combinar com DD's em posição do sujeito, ao contrário ao do PE, como dissemos anteriormente, observam-se alguns aspetos morfológicos que distinguem as duas variedades do português. Neste caso, o núcleo nominal (sujeito frásico) não concorda com o artigo definido, em número. A frase (96 a.) é aceitável para o PB e inaceitável para o PE. Em (96 b.), a inaceitabilidade desta nas duas variedades do português tem a ver com o facto de *tudo*, por um lado, segundo Cançado (2006:157-158), bloquear a possibilidade de ser parafraseado ou traduzido pela expressão “todas as coisas” em posição de sujeito. Nesta posição, como se pode ver em (96 c.), a paráfrase é aceitável com o quantificador “todos”. Por outro lado, é legitimado pelo facto de *tudo*, segundo a autora referida, ter carácter massivo, pois não dá visibilidade aos átomos da sua restrição. Já a expressão “todas as coisas” não é massiva, mas contável, pois cada “coisa” pode ser visualizada.

Em (97), a ocorrência de *tudo* em (97 a.) e parafraseada em (97 b.), mostra claramente a combinação perfeita com “todas as coisas” em situações de paráfrase dentro do escopo. Uma operação também aceitável em PE.

Cançado (2006:171), ao relacionar o comportamento de *tudo* e *todo* no PB, distingue ainda outras propriedades interessantes:

a. uma delas tem a ver com facto de o quantificador *tudo*_Q quando quantifica um DD no plural com valor “existencial” à semelhança de operador *todo* admitirem flutuação em contextos específicos dentro de uma frase. Cançado (2006:171) considera que a flutuação em ambos os quantificadores só se pode legitimar quando coocorrerem com os DD’s e não com NP’s⁴². Vejam-se os seguintes exemplos:

(98) a. Toda mulher é chorona/ *Mulher é toda chorona.

b. Mulher é tudo chorona / *Tudo mulher é chorona. (Cançado (2006:171))

Em (98 a.), verifica-se que a ocorrência do quantificador *todo*+ NP é mais natural nesta posição e inaceitável quando ocorre na posição pós-verbal. Já o operador *tudo*_Q está preso na posição pós-verbal com interpretação de genericidade.

b. A outra propriedade diz respeito à possibilidade de *tudo* à semelhança de operador *todo* não combinar com predicados coletivos (99), mas sim com distributivos ou cumulativos⁴³ (100), ou ainda com um predicado genérico (101). Atente-se nos exemplos que se seguem:

(99) a. *Os aluno tudo lotaram o auditório/*Todos os alunos lotaram um auditório.

b. Os aluno tudo chegaram ao auditório/Todos os alunos chegaram ao auditório.

(100) a. *Tudo aluno chegou ao auditório/*Todo aluno chegou ao auditório.

b. Tudo aluno chega ao auditório/Todo aluno chega ao auditório.

(101) a. Mulher é tudo chorona /Toda mulher é chorona. (*verbo de ligação*)

b. *Aluno chega tudo tarde /Todo aluno chega tarde. (*verbo intransitivo*)

(Cançado (2006:171-174))

A agramaticalidade de (99 a.) deve-se ao facto de *tudo*, à semelhança de *todo* e *todos*, exigir que o predicado seja distributivo por cada unicidade do sujeito, não sendo,

⁴² Sobre flutuação dos quantificadores *todo* e *todos* no PB veja-se Gomes (2004 e 2006).

⁴³ Segundo Gomes (2004:24-25), o predicado cumulativo é aquele que pode ser “verdadeiro das partes mínimas do sujeito”, que pode “ser distribuído pelos constituintes internos da coletividade denotada pelo sujeito”.

por isso, compatível com o predicado *lotaram o auditório*, já que este é coletivo e não distributivo ou cumulativo.

Em (99 b.), o predicado *chegaram ao auditório* é um predicado distributivo. *Cada aluno do grupo de alunos chegou ao auditório*, individualmente. A aceitabilidade desta frase, por outro lado, segundo Cançado (2006) tem a ver com o facto de «*chegaram ao auditório* tratar-se de um predicado plural atómico que pode ocorrer junto a DD's no plural e sendo verdadeiro das partes mínimas da denotação da entidade».

No PB, segundo Cançado (2006), *TudoQ* pode ainda combinar-se com um predicado singular atómico, mas com sentido plural. Veja-se o exemplo (99').

(99') Os aluno tudo chegou ao auditório. (Cançado (2006:174))

No exemplo (99'), Cançado (2006) explica que, *chegou ao auditório* é um predicado singular atómico, mas com sentido plural. «Apesar de o verbo chegar não conter a flexão plural explicitamente marcada em sua morfologia, como no exemplo (101'), seu sentido é de plural».

As frases em (100 a.) mostram que, para além do predicado *chegou ao auditório* ser distributivo não ocorre com *tudo* +NP à semelhança de *todo* +NP, já que não é um predicado verdadeiro das partes mínimas da denotação da entidade. O predicado *chegou ao auditório* denota apenas as entidades determinadas num único elemento espaço temporal (passado) do conjunto “alunos”.

Em (100 b.), o predicado *chega ao auditório* é um predicado distributivo. A sua aceitabilidade em (100 b.) deve-se ao facto de possuir o carácter genérico legitimado pelo presente do indicativo, podendo ser distribuído pelas partes mínimas da denotação genérica de *todo* +NP.

Em (101 a.), observa-se que, no PB, apesar de *tudoQ* genérico possuir algumas propriedades de semelhança às do quantificador *todo*+NP, em alguns contextos são distintos. Não obstante, «parece que *tudoQ* genérico só pode ocorrer em frases com verbos de ligação» (Cançado (2006:173)).

c. Outra propriedade ainda é relativamente ao tipo de denotação que o *tudoQ* à semelhança de *todo* incide no PB, quando estes ocorrem com DD's singular e plural e NP's. A autora, baseando-se em análises de Gomes (2004) sobre a distribuição e

denotação de *todo* no PB, considera que *tudoQ* quando ocorre com predicados que têm como sujeito DD's no singular e no plural ou NP's são sempre predicados distributivos.

Assim, no exemplo (101), à semelhança de *todo +NP*, *tudoQ*, segundo Cançado (2006) tem a função de marcar o grau absoluto da denotação do nome sem determinante, sem exceções, pois não tem pressuposição de existência. Como consequência, *todo +NP* e *tudoQ* genérico só podem combinar com predicados genéricos (cf. (100) e (101)). Um nome não determinado, a exemplo de *mulher* em (101) denota, sem exceção, todos os indivíduos do gênero feminino que são mulheres.

Numa construção do tipo *Todo +DD* plural, o quantificador *todo* realiza a marcação de grau absoluto da denotação de um SN plural (cf. (99 b.)). O que determina a existência das entidades (alunos), em algum ponto espaço-temporal, denotadas pelo quantificador *todos* e *tudo*, neste caso, é o artigo definido (*os*)⁴⁴. Em *Todo +DD* singular, há semelhança do *Todo +DD* plural, pressupondo-se à existência dos indivíduos referidos pelo locutor e, no primeiro caso, a situação será episódica.

3.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo fizemos uma descrição dos quantificadores universais (*todo*, *todos*, *ambos*, *cada* e *qualquer*) baseada em literatura de vários autores com especial incidência no PE e alguns casos particulares de quantificadores universais (*todo* e *todos*) em PB.

Verificámos que, no PE, os quantificadores universais apresentam um leque de possibilidades de ocorrência bastante diversificada. O tratamento de “qualquer” como quantificador universal suscita falta de unanimidade em diversos autores, devido à complexidade deste quantificador. O quantificador “ambos” apresenta uma particularidade clara, na medida em que só se pode combinar obrigatoriamente com DD's, nomes contáveis ou recategorizados. O quantificador “cada” distingue-se dos outros quantificadores universais, por exemplo, pela possibilidade de combinar com nomes simples no singular.

Analisámos, de forma particular, o tratamento de quantificadores *todo/todos* e *tudo* no PB. A descrição destes quantificadores e realização de *tudo* baseou-se em algumas das

⁴⁴ Gomes (2004:28) considera “ancoragem dêitica” – o determinante responsável pela pressuposição de existência.

abordagens semânticas principalmente, de autores portugueses e brasileiros sobre estes quantificadores universais nas duas variedades do Português. Os autores referenciados, em ambas as variedades, são unânimes em apontar as seguintes diferenças entre os quantificadores universais, em especial a realização de *todo/todos* e de *tudo* no PE e no PB:

(i) No PE, as expressões linguísticas (*tudo e todo/todos* distinguem-se pelo facto de o pronome *tudo*, sendo um verdadeiro pronome com a componente nominal, que não se pode combinar com DD's ao contrário de quantificadores *todo e todos*. No PB, o pronome *tudo* pode combinar com DD's em posição do sujeito.

(ii) A realização de quantificadores *todo e todos* em ambas as variedades do Português, em posição de sujeito, pode comportar-se de diferentes formas. Em PE, sintaticamente, estes quantificadores, em posição de sujeito, surgem sempre antepostos a um DD. Para o PB, *todo e todos* podem ocorrer com um NP.

(iii) O quantificador *Todo+NP*, no PB, goza de algumas propriedades semânticas à semelhança de *Todo+ DD* no PE e ainda em outras línguas como o inglês, quando combinado com nomes contínuos ou massivos e com predicados simétricos, distributivos e coletivos.

(iv) Raposo (2013) e Peres (20013), para o PE, Vicente (2006), Cançado (2006) e Gomes (2004 e 2006) para o PB mostram que em ambas as variedades do Português, os quantificadores *todo e todos* apresentam um comportamento semelhante em relação à coocorrência destes com um DD. Porém, as duas variedades se contrastam com o inglês (cf. Bošković (2004), Sportiche (1988)) pela impossibilidade de *todo e todos* aparecerem adjacentes ao DD em posição de sujeito ou em posição pós-verbal. Confrontem-se os exemplos em (102).

(102) a. *Todos os estudantes/os estudantes todos/all the students/*students all.*

b. *Ontem vimos todos os estudantes/Ontem vimos os estudantes todos/Yesterday we saw all the students/*Yesterday we saw the students all.*

(v) Vimos igualmente que os quantificadores universais no PE, apesar de partilharem algumas propriedades semânticas também se distinguem em alguns aspetos relativos ao

domínio de restrição, em particular a possibilidade de alguns combinar com DD's específicos em detrimento de outros, possibilidade de flutuação, relação de escopo e as possíveis interpretações que assumem quando associados a diferentes predicados.

CAPÍTULO IV

OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE:

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Introdução

O estudo sobre quantificadores universais reveste-se de grande importância, não só em si, como também numa perspectiva comparativa entre as variedades do Português Contemporâneo. Atualmente, alguns estudos sobre quantificadores têm revelado que há variação relativamente aos quantificadores universais. No presente capítulo, apresentamos, em primeiro lugar, os resultados dos inquéritos aplicados aos sujeitos falantes do PM inquiridos, o que constitui o conjunto de dados fundamentais com que trabalhamos. Numa segunda parte, faz-se análise semântica dos fenómenos encontrados.

4.2 Os quantificadores universais do PM

À partida, nota-se que a realização dos quantificadores universais pelos sujeitos falantes do PM inquiridos, estudantes dos cursos iniciais da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Maputo (UP-Sede) obedece, por um lado, a padrões paralelos aos do PE, quando ocorrem:

- a) associados aos DD's em posição de sujeito, com interpretação meramente quantificacional (cf. (1));
- b) em frases genéricas de situações não episódicas (cf. (2));
- c) em contextos de leitura mereológica ou holística (cf. (3));
- d) em contextos de leitura de habitualidade/ de iteração/ de frequência (cf. (4)).

(1) a. Todo o carro ficou espatifado.

b. Todos os turistas que viajaram a Moçambique se divertiram.

c. Ambos os funcionários protestavam contra alheamento dos serviços.

d. Cada estudante fez um teste.

e. Um qualquer cidadão pode denunciar uma fraude.

- (2) a. Todo o homem adora o futebol.
b. Todos os homens adoram o futebol.
- (3) a. O carro ficou todo espatifado.
b. Ela faz compras o mês todo.
- (4) a. O Pedro compra livros todos os dias.
b. O Pedro ensaia todos os Domingos.

Entretanto, nota-se igualmente construções paralelas às do PB: quando os quantificadores universais *todo* e *todos* ocorrem associados aos nomes sem determinante (NP's) em posição de sujeito (cf. (5)). Vejam-se os exemplos seguintes.

- (5) a. Todo verão reserva surpresas.
b. Todos moçambicanos prometeram que iam votar no dia 15 de Outubro.

Para além destas características, encontrámos, no PM, realizações de quantificadores universais com outros padrões distintos dos do PE, como se pode ver na secção seguinte em resultado da tarefa de produção provocada.

4.2.1 Resultados de tarefa de produção provocada

Os resultados da tarefa de produção provocada mostram que os sujeitos do PM inquiridos realizam quantificadores universais em contextos diversificados.

4.2.1.1. Posições e contextos de realização de quantificadores universais do PM

Dada a tarefa de produção provocada, que consistia na formulação de uma frase correta, ao critério de cada um dos sujeitos falantes inqueridos do PM, a partir dos elementos linguísticos disponibilizados pelo investigador (cf. Anexos), os resultados globais obtidos, entre frases simples e complexas, são os que se apresentam nos quadros que se seguem.

4.2.1.1.1 “Todos”

Quadro (vi): Resultados da tarefa de produção provocada (%)

Frases	Posições			
	Pré-nominal		Pós-nominal	Pós-verbal
	Contextos			
Simplex	Todos+ NP ¹	Todos+DD ²	DD (N) ³ Todos	SV+Todos
(1- 13) ⁴ a.	39%			
(1- 13) b.			30%	
(1- 13) c.		19.5%		
(1- 7, 9-12) d.				11.5%
Complexas	Todos+ NP	Todos+DD	DD (N) Todos	SV+Todos
(14 - 21) a.	39%			
(14- 21) b.			29%	
(14- 21) c.		20%		
(14- 21) d.				12%
Total	39%	19.7%	29.5%	11.7%

4.2.1.1.2 “Todo”

Quadro (vii): Resultados da tarefa de produção provocada (%)

Frases	Posições			
	Pré-nominal		Pós-nominal	Pós-verbal
	Contextos			
Simplex	Todo + NP	Todo+DD	DD (N) Todo	SV+Todo
(1- 11) a.	38%			
(1- 11) b.			29%	
(1- 11) c.		19%		
(1- 11) d.				14%
Complexas	Todo + NP	Todo+DD	DD (N) Todo	SV+Todo
(12- 14) a.	38%			
(12- 14) b.			30%	
(12- 14) c.		20%		
(12- 14) d.				12%
Total	38%	19.5%	29.5%	13%

¹ Nome sem determinante.

² Determinante Definido.

³ Usa-se “(N)” para assinalar que nesta posição surge um nome.

⁴ Todos os exemplos referidos na esquerda da coluna do quadro referido referem-se aos exemplos do anexo.

4.2.1.1.3 “Ambos”

Quadro (viii): Resultados da tarefa de produção provocada (%)

Frases	Posições				
	Pré-nominal			Pós-nominal	Pós-verbal
	Contextos				
Simplex	Ambos+DD	DD+Ambos+NP	Ambos+NP	DD (N) Ambos	SV+Ambos
(1- 12) a.	36%				
(1- 12) b.				27%	
(1- 12) c.					19%
(1- 12) d.		14%			
(1- 12) e.			4%		
Complexas	Ambos+ DD	DD+Ambos+NP	Ambos+NP	DD (N) Ambos	SV+Ambos
(13- 16) a.	38%				
(13- 16) b.				20%	
(13- 16) c.					19%
(13- 16) d.		16%			
(13- 16) e.			7%		
Total	37%	15%	5.5%	23.5%	19%

4.2.1.1.4 “Cada”

Quadro (ix): Resultados da tarefa de produção provocada (%)

Frases	Posições		
	Pré-nominal		Pós-verbal
	Contextos		
Simplex	Cada+ NP	Cada+DI ⁵	SV+Cada+NP
(1- 5) a.	38%		
(1- 5) b.			31%
(1, 2, e 3) c. e d.		31%	
	Pré-nominal	Pós nominal	Dentro do SV
Complexas	Cada+ NP	DI+Cada	SV+Cada+DI
(6 - 8) a.	49%		
(6 - 8) b.			32%
(6 - 8) c.		19%	
Total	43.5%	20%	31.5%

⁵ Determinante Indefinido.

4.2.1.1.5 “Qualquer”

Quadro (x): Resultados da tarefa de produção provocada (%)

Frases	Posições			
	Pré-nominal	Pós-nominal	Pós-verbal	
Simples	Contextos			
	Qualquer+ NP	NP+ Qualquer	NP+ Qualquer+Modificador	SV+Qualquer
(1-6) a.	56%			
(1-6) b.		35%		
(2,4) c.			7%	
(6) c.				2%
Complexas	Qualquer+ NP	NP+ Qualquer	NP+ Qualquer+Modificador	SV+Qualquer
(7 - 9) a.	48%			
(7, 8) c.		36%		
(9) c.				1% ⁶
(8,9) d.			15%	
Total	52%	35.5%	11%	1.5%

Como se pode ver, os resultados apresentados nos quadros (vi)-(x) mostram realização de quantificadores universais do PM em posições e contextos diversificados. Em todos os casos, verifica-se que estes quantificadores no PM:

(i) em parte, partilham a possibilidade de flutuação dentro da frase, à exceção de “*cada*” que parece não ocorrer em posição pós-nominal. Os quantificadores *todo*, *todos*, *ambos* e *qualquer* parecem realizar-se em pré e pós - posição do núcleo nominal do sujeito frásico e pós-verbal (posterior ao verbo e anterior ao complemento).

(ii) Relativamente aos contextos de realização, os sujeitos falantes do PM inquiridos parecem usar os quantificadores *todo* e *todos* com padrões distintos do PE e com alguma semelhança com o PB.

Tendo em consideração a tarefa da produção provocada, os dados recolhidos mostram que a realização de *todo* e *todos* obedece ao padrão semelhante (cf. Quadros (vi) e (vii)). Em posição pré-nominal, à semelhança do PB, *todo* e *todos* ocorrem preferencialmente com nomes sem determinante (Todos+ NP (39%)) e (Todo+ NP (38%)). Em segundo lugar, os sujeitos falantes do PM inquiridos parecem optar pela realização de *todo* e *todos* em posição pós – nominal, adjacentes aos Determinantes Definidos ((DD (...))Todos (29.5%)) e (DD+Todo (29.5%)) que se assumem geralmente

⁶ Parecem-nos se tratar de casos excepcionais que apenas são considerados neste quadro porque correspondem respostas dos sujeitos inquiridos.

numa interpretação mereológica. Em terceiro lugar, à semelhança do PE, verifica-se que os sujeitos inquiridos realizam quantificação de *todo* e *todos* em posição pré-nominal com DD's (Todos+DD) (19.7%) e ((Todo+DD) (19.5%)). Apesar da pouca percentagem, os dados mostram ainda que os sujeitos falantes do PM inquiridos também realizam *todo* e *todos* em posição pós-verbal (SV+Todos (11.7%) e (SV+Todo (13%)). Vejam-se alguns exemplos agrupados tendo em conta a sequência sintaticamente assumida por sujeitos inquiridos do PM.

- (6) a. Todo verão reserva surpresas.
b. O verão todo reserva surpresas.⁷
c. Todo o verão reserva surpresas.
d. O verão reserva todo surpresas.
- (7) a. Todos meninos escreveram um poema.
b. Os meninos todos escreveram um poema.
c. Todos os meninos escreveram um poema.
d. Os meninos escreveram todos um poema.

Em contrapartida, os dados recolhidos, e de acordo com o quadro (viii), mostram que os falantes do PM parecem optar por um padrão diferente de *todo* e *todos* quando realizam o quantificador *ambos* em posição pré-nominal. Atentem-se os exemplos seguintes.

- (8)⁸ a. Ambos os filhos nasceram na madrugada.
b. Os ambos filhos nasceram na madrugada.⁹
c. Os filhos nasceram ambos na madrugada.
d. Os filhos ambos nasceram na madrugada.
e. Ambos filhos nasceram na madrugada.

O exemplo em (8 a.), e de acordo com o quadro (viii), parece exibir um comportamento sintático diferente quanto à realização do quantificador *ambos* em

⁷ Esta frase apresenta uma interpretação mereológica. Ou seja, o verão na sua totalidade. Enquanto a (6 a.) refere-se vários tipos de verão.

⁸ Os exemplos em (9), apesar de *ambos* ocupar posições diferentes não há diferenças de interpretação.

⁹ Os exemplos de *ambos* revelarem um paralelismo com o PE, sendo que (8 b.) uma exceção. Admite-se uma possibilidade de construção *os dois filhos nasceram na madrugada*.

posição pré-nominal oposta à de *todo* e *todos*. Em posição pré-nominal, os sujeitos inquiridos parecem realizar preferencialmente o quantificador *ambos* associado a um nome determinado em oposição de *todo* e *todos* (Ambos + DD (37%)). Em segundo lugar, à semelhança de *todo* e *todos*, os sujeitos inquiridos parecem optar pela realização de *ambos* em posição pós-nominal, adjacentes aos DD's ((DD (...)) ambos (23.5%)). Em terceiro lugar, verifica-se que os sujeitos inquiridos admitem que *ambos* surge em posição pós-verbal (SV+ambos (19%)). Em quarto lugar, nota-se igualmente a realização de *ambos* precedido de artigo definido (Art.+Ambos+NP) (15%). Em quinto e último lugar, identificam-se poucos registos de ocorrência do quantificador *ambos* associado a um nome sem determinante ((Ambos+NP) (5.5%)).

Relativamente à realização do quantificador *cada*, os dados recolhidos e apresentados no quadro (ix) ilustram que os sujeitos falantes do PM inquiridos, preferencialmente, usam este quantificador em posição pré nominal e em contextos de Cada+NP (43.5%).

Nota-se igualmente que o quantificador *cada* é realizado em posição pós-verbal (31.5%), em contextos de SV+Cada+DD (com 32% de ocorrências) em frases complexas e, por outro lado, em contextos SV+Cada+NP (31% de ocorrências) em frases simples. Vejam-se os exemplos ilustrativos em (9).

- (9) a. Cada criança destas uma é feliz.
b. Uma destas crianças é cada feliz.
c. Cada uma destas crianças é feliz.

Os dados da tarefa de produção provocada mostram que o quantificador *qualquer*, é realizado em três posições. Sendo a pré-nominal a que mais ocorre (48%) em contextos de Qualquer+NP. Em segundo lugar, *qualquer* é realizado em posição pós-nominal (com 21.5% de ocorrências), com mais frequência em contextos de NP+Qualquer (com 36%) e (15%) em contextos de NP+Qualquer+Modificador. Nota-se ainda a realização do quantificador 'qualquer' em posição pós-verbal (com 1%), em contextos de SV+Qualquer. Atentem-se os seguintes exemplos:

- (10)¹⁰ a. Qualquer ministério tem seu plano estratégico.

¹⁰ As frases (10 c. e d.) são excepcionais e não são aceitáveis. Contudo, consideramo-las porque fazem parte das construções feitas por sujeitos inquiridos, resultado da tarefa de produção provocada.

- b. Apoio qualquer é válido.
- c. Medida qualquer punitiva tem consequências.
- d. Exercício físico e uma alimentação equilibrada fazem qualquer o bem-estar.

4.2.2 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade

Nesta subsecção, tendo como base a tarefa de juízo de aceitabilidade aplicada ao nosso público-alvo (sujeitos inquiridos), os quantificadores universais (*todo, todos, cada, ambos e qualquer*), no PM, exibem algumas propriedades que se descrevem em seguida.

4.2.2.1 “Todos” e “todo” no PM

Os dados revelam que:

(i) Há grande aceitabilidade por parte dos sujeitos falantes do PM inquiridos em relação à realização de Todo+NP e Todos+NP ocorrer com predicados coletivos (cf. (11)), predicados distributivos (cf. (12)), predicados simétricos (cf. (13) e (14)).

(11) a. Todo aluno se reuniu com o seu orientador. [“✓” – 79%] [? – 21%] [* - 00]

b. Todos livros são numerosos. [“✓” - 69%] [? - 31%] [* -00]

(12) a. Todo grupo de finalistas apresenta-se bem. (*Sociedade, @Verdade, 17 de Fevereiro*)

b. Todos jogadores se arrependeram pela decisão da FIFA. [“✓” - 100%] [? - 00] [* - 00]

Os exemplos em (11) parecem mostrar que os quantificadores universais (*todo e todos*) no PM podem ocorrer com predicados coletivos (*reunir-se e ser numeroso*). *Ser numeroso*, em (11 b.), é um predicado coletivo que denota estado (*achievement*), porém não é compatível com *todo e todos* e bloqueia a possibilidade de genericidade (cf. Taub¹¹ (1989)). *Reunir-se com o orientador* denota uma atividade (*accomplishment*). Sendo que neste exemplo, os sujeitos inquiridos parecem admitir uma leitura de contagem, em que se quantifica universalmente sobre o conjunto de entidades relevantes no contexto (equivalente a *todos os* lexicalmente).

(13) Todo linguista discute as propriedades linguísticas. [“✓”- 80%] [? - 20%] [* - 00]

¹¹ Citado em Müller, Negrão e Gomes (2007).

(14) Todos professores estão de acordo com a reforma curricular. [“✓”- 73%] [? - 27%]
[* - 00]

Em (13) e (14), verifica-se aceitabilidade por parte dos sujeitos inquiridos em relação à realização dos quantificadores *todo* e *todos* com predicados simétricos. A aceitabilidade de (13) por sujeitos inquiridos parece revelar um paralelismo com o PB, pela possibilidade de admitir uma leitura de contagem (equivalente a *todos os* lexicalmente).

Em PE, à semelhança do Espanhol, o exemplo em (13), é estranho, essencialmente porque o quantificador *todo* só admite uma leitura distributiva em contextos genéricos ou mereológicos. Como dissemos anteriormente, os predicados simétricos admitem quantificação universal com *todos*, devido à obrigatoriedade da ocorrência de sujeitos plurais, a exemplo ilustrativo de (14).

(ii) quando este quantificador ocorre com nomes contínuos ou massivos que não admitem a recategorização não há aceitação de *todos* em grande percentagem. Em contrapartida, com *todo*, quando ocorre nos mesmos contextos, os falantes parecem exprimir dúvida ou maior hesitação. Confrontem-se os exemplos em (15) e (16).

(15) a. Todos ouros são extraídos em Moçambique. [“✓”- 00] [? - 11%] [* -89%]

b. Todos os ouros são extraídos em Moçambique. [“✓”- 00] [? - 00] [* -100%]

(16) a. Todo ouro é extraído em Moçambique. [“✓” - 20%] [? - 61%] [* -19%]

b. Todo o ouro é extraído em Moçambique. [“✓” - 21%] [? - 48%] [* - 31%]

O facto de *todo* e *todos* terem diferentes leituras consoante a possibilidade de se poder pluralizar ou não um nome massivo, em PE, faz com que estes quantificadores estejam limitados na coocorrência com nomes contínuos ou massivos que não admitem a recategorização, já que estes nomes denotam, por outro lado, um todo *continuum* «sem variação qualitativa ou quantitativa» (Duarte e Oliveira 2006:236).

(iii) Existe grande aceitação de *todo*, com uma grande percentagem, quando este quantificador ocorre com nomes contínuos ou massivos que admitem uma recategorização para nome contável. Em contrapartida, *todos*, quando ocorre nos mesmos

contextos, os falantes parecem exprimir dúvida ou maior hesitação. Confrontem-se os exemplos em (17) e (18).

(17) a. Todo café¹² dessa cidade é diferente.¹³ [“✓” - 74%] [? - 26%] [* - 00]

b. Todo o café dessa cidade é diferente. [“✓” - 42%] [? - 58%] [* - 00]

(18) a. Todos cafés dessa cidade são deliciosos. [“✓” - 40%] [? - 60%] [* - 00]

b. Todos os cafés dessa cidade são deliciosos. [“✓” - 31%] [? - 69%] [* - 00]

Em (18), *todo* associado a um nome não contável propicia uma leitura mereológica. No entanto, tal não é o caso da leitura de *todo* neste exemplo com leitura meramente quantitacional. O nome (*cafés*) encontra-se pluralizado e por isso categorizado, admitindo o quantificador universal *todos*.

(iv) Há grande aceitabilidade pelos sujeitos falantes do PM inquiridos relativamente à realização de *todos* aparecer em contextos que exijam sintagmas indefinidos, o que é comum a outros quantificadores universais: por exemplo, não podem ocorrer como complemento de “haver” (efeito de definitude). Em contrapartida, *todo*, quando ocorre nos mesmos contextos, os falantes estranham-no. Confrontem-se os exemplos em (19) e (20).

(19) a. Havia todos os livros na biblioteca. [“✓” - 78%] [? - 22%] [* - 00]

b. Todos os livros havia na biblioteca. [“✓” - 45%] [? - 55%] [* - 00]

(20) a. Havia todo livro na biblioteca. [“✓” - 11%] [? - 30%] [* - 59%]

b. Todo o livro havia na biblioteca. [“✓” - 15%] [? - 25%] [* - 60%]

O facto de *todo* e *todos*, em PE, terem carácter definido, o que é comum a outros quantificadores universais, isto tem a consequência de não poderem aparecer em contextos em que se exigem sintagmas indefinidos (efeito de definitude), mas o exemplo (19) parece indicar uma tendência de aceitação pelos sujeitos do PM inquiridos.

¹² Em PM raramente se usa o termo café para se referir um recinto (físico), mas sim substância.

¹³ Ver este respeito Quine (1960) *apud* Sánchez López). «x é um nome de matéria se a soma dos componentes de x produz x».

(v) Não há aceitação de *todo*, em grande percentagem, quando este quantificador ocorre em posição pós-verbal. Em contrapartida, *todos*, quando ocorre nos mesmos contextos, os falantes exprimem dúvidas (veja-se a percentagem em cada um dos exemplos). Confrontem-se os exemplos em (21) e (22).

(21) a. O café dessa cidade é todo diferente. [“✓”- 21%] [? - 19%] [* - 60%]

b. O estudante chega à biblioteca todo. [“✓”- 5%] [? - 17%] [* - 78%]

(22) a. Os cafés dessa cidade são deliciosos todos. [“✓”- 25%] [? - 75%] [* - 00]

b. Os campos serão todos guarnecidos. [“✓”- 33%] [? - 67%] [* - 00]

O exemplo em (21 a.), para o PE, é aceitável se o mesmo for interpretado numa leitura holística (em Peres e Branco (1989:190) ou de medição (em Peres, 2013:789) em que se remete para a totalidade de uma dada substância e sobre ela se predica. Sendo a frase, nesta leitura, equivalente a *o café dessa cidade é na sua totalidade diferente*.

Em (21 b.), assim como em PE, é estranha. Em (22 a. e b.), para o PE, está obrigatoriamente presente a leitura de contagem e pode ou não emergir a de medição. Sendo que, em (22 b.), por exemplo, será guarnecida a totalidade dos campos, podendo cada um deles tê-lo sido integral ou parcialmente.

(vi) Há grande aceitabilidade de *todo* ocorrer com pronomes numa leitura mereológica, ou seja, em posições: pós nominal (cf. (23 a.)), pós-verbal (cf. (23 b. e c.)), e maior hesitação em posição pré-nominal (cf. (23 d.)). Em contrapartida, na realização de *todo* parece não haver aceitabilidade por parte dos sujeitos falantes do PM inquiridos quando este quantificador é realizado em posição pós-verbal (cf. (24)).

(23) a. Aqueles campos todos serão guarnecidos. [“✓” - 86%] [? - 14%] [* - 00]

b. Aqueles campos serão todos guarnecidos. [“✓”- 83%] [? - 17%] [* - 00]

c. Aqueles campos serão guarnecidos todos. [“✓” - 69%] [? - 31%] [* - 00]

d. Todos aqueles campos serão guarnecidos. [“✓”- 39%] [? - 61%] [* - 00]

(24) a. Todo aquele campo será guarnecido. [“✓”- 90%] [? - 10%] [* - 00]

b. Aquele campo todo será guarnecido. [“✓”- 55%] [? - 45%] [* - 00]

c. Aquele campo será todo guarnecido. [“✓”- 39%] [? - 61%] [* - 00]

d. Aquele campo será guarneecido todo. [“✓”- 11%] [? - 26%] [* - 63%]

(vii) Há maior hesitação em realizar *todos*, em grande percentagem, numa leitura mereológica, com pronomes (eles) (cf. (25 c. e d.)). O mesmo quantificador, quando aparece em posições pré nominal e em posição pós-verbal, os sujeitos inquiridos assumem aceitabilidade (cf. (25 a. e b.)). De igual modo, à semelhança de *todos*, o quantificador *todo* quando aparece associado ao pronome (ele) em posição pré-nominal, há grande aceitabilidade pelos sujeitos falantes do PM inquiridos (cf. (26 a.)). Contudo, verifica-se que, em leitura mereológica, a realização de *todo* parece ser aceitável em posição pós nominal (cf. (26 b.)), ao contrário de *todos*. Já em contextos em que é realizado em posição pós-verbal, há maior hesitação (cf. (26 c.)), e pouca aceitabilidade quando *todo* aparece deslocado do núcleo nominal (cf. (26 d.)).

(25) a. Todos eles (os campos) serão guarneecidos. [“✓”- 89%] [? - 11%] [* - 00]

b. Eles (os campos) serão guarneecidos todos. [“✓”- 60%] [? - 40%] [* - 00]

c. Eles (os campos) todos serão guarneecidos. [“✓”- 47%] [? - 53%] [* - 00]

d. Eles (os campos) serão todos guarneecidos. [“✓”- 39%] [? - 61%] [* - 00]

(26) a. Todo ele (o campo) será guarneecido. [“✓” - 87%] [? - 13%] [* - 00]

b. Ele (o campo) será guarneecido todo. [“✓”- 17%] [? - 27%] [* - 56%]

c. Ele (o campo) todo será guarneecido. [“✓”- 51%] [? - 49%] [* - 00]

d. Ele (o campo) será todo guarneecido. [“✓”- 42%] [? - 58%] [* - 00]

(viii) Há grande aceitabilidade por parte dos sujeitos falantes do PM inquiridos relativamente à ocorrência de *todos* com cardinais (numerais), em posição preferencialmente pré-nominal (cf. (27 a.)). Noutras posições, verifica-se maior hesitação por parte dos sujeitos inquiridos (27 b., c. e d.)).

(27) a. Todos dois anos foram de sacrificio. [“✓”- 60%] [? - 40%] [* - 00]

b. Os dois anos todos foram de sacrificio. [“✓” - 35%] [? - 65%] [* - 00]

c. Todos os dois anos foram de sacrificio. [“✓”- 30%] [? - 70%] [* - 00]

d. Os dois anos foram todos de sacrificio. [“✓”- 27%] [? - 73%] [* - 00]

Em PE, à semelhança do Espanhol, a possibilidade de combinar com numerais é restringida ao quantificador *cada*, ao contrário dos outros quantificadores universais têm a particularidade de combinar com indefinidos.

(ix) Há aceitabilidade, em grande percentagem, de *todo* quando coocorre com sintagmas não específicos, em posição pré-nominal (cf. (28 a., b, e c.)).

(28) a. Todo animal bovino tem 4 patas. [“✓” - 71%] [? - 29%] [* - 00]

b. Todo livro é interessante. [“✓” - 72%] [? - 28%] [* - 00]

c. Todo livro deve ser lido. [“✓” - 69%] [? - 31%] [* - 00]

Em (28), nota-se que, à semelhança do PE, *todo* pode coocorrer com sintagmas não específicos. Uma particularidade de *todo* e *qualquer* que os distinguem dos outros quantificadores universais.

4.2.2.2 “Ambos” no PM

Dada a tarefa de juízos de aceitabilidade aos sujeitos inquiridos, os dados analisados mostram que a realização do quantificador *ambos*, em posição de sujeito no PM:

(i) ocorre aceitavelmente com predicados distributivos (cf. 29) e coletivos (*ou binário*) (cf. 33) e (34).

(29) a. Ambos os dirigentes defenderam o aumento salarial na manhã de hoje. [“✓” - 88%] [? - 22%] [* - 00]

b. Os dirigentes defenderam ambos o aumento salarial na manhã de hoje. [“✓” - 55%] [? - 45%] [* - 00]

(30) a. Ambos os dirigentes se reuniram na manhã de hoje. [“✓” - 79%] [? - 21%] [* - 00]

b. Os dirigentes reuniram-se ambos na manhã de hoje. [“✓” - 53%] [? - 47%] [* - 00]

Em (29), a realização de *ambos os* com o predicado *defender* exhibe propriedades semelhantes às de quantificador *ambos os* do PE, i.e., aceitabilidade de licenciar uma leitura distributiva ao combinar com predicados distributivos. Em (30), parece haver tendência de aceitação pelos sujeitos do PM inquiridos. Para o PE, a mesma leitura é bloqueada com o predicado coletivo (ou binário) *reunir-se*. Esta situação deve-se ao facto de a propriedade *reunir-se* ser aplicável aos *dois dirigentes* simultaneamente.

(ii) há maior hesitação, em grande percentagem, de “ambos” aparecer em contextos que exijam sintagmas não definidos (efeito de definitude). Veja-se o exemplo (31).

(31) a. Havia ambos os estudantes na sala de aulas. [“✓” - 9%] [“?” - 61%] [“*” - 30%]

b. Os estudantes havia ambos na sala de aulas. [“✓” - 11%] [“?” - 52%] [“*” - 37%]

Os exemplos em (31) mostram mais hesitação relativa ao uso do quantificador *ambos* em contextos que exijam sintagmas não definidos (efeito de definitude), o que é comum a outros quantificadores universais. Uma das propriedades que distingue os universais dos não universais. Veja-se o seguinte exemplo.

(32) Havia alguns estudantes na sala de aulas.

4.2.2.3 “Cada” no PM

Tendo em conta a tarefa de juízos de aceitabilidade feita pelos sujeitos inquiridos e outros dados extraídos de jornais de notícias *online* verificámos o seguinte relativamente ao quantificador *cada*, em posição de sujeito no PM:

(i) há, por um lado, aceitabilidade, em grande percentagem, de “cada” em contextos de efeito de definitude¹⁴. Confrontem-se os exemplos (33) e (34).

(33) a. Há cada estudante na sala. [“✓” - 71%] [“?” - 29%] [“*” - 00]

b. Há cada estudante! [“✓” - 63%] [“?” - 37%] [“*” - 00]

(34) a. Há estudante cada na sala. [“✓” - 15%] [“?” - 85%] [“*” - 00]

b. Cada estudante há na sala. [“✓” - 13%] [“?” - 87%] [“*” - 00]

Os exemplos em (33) e (34) mostram que a realização de *cada*, no PM, parece ser aceitável ao ocorrer em contextos que exijam sintagmas indefinidos em posição de complemento do verbo *haver* e verifica-se uma grande hesitação em (34), completamente agramaticais no PE. Contudo, em PE, apenas (33 b.) é aceitável. O resto dos exemplos

¹⁴ Veja-se no capítulo III.

não são aceitáveis devido ao caráter de definitude que os quantificadores universais possuem, incluindo o quantificador *cada*.

(ii) Em contextos de ocorrência de predicados coletivos, como *reunir-se*, com o quantificador universal *cada* regista-se grande percentagem de agramaticalidade quando o nome não é coletivo (cf. 35 a. e 35 c.). Pelo contrário, a aceitabilidade ocorre quando o nome é coletivo. No entanto, tal facto não altera o caráter distributivo do quantificador *cada*.

(35) a. Cada familiar reuniu-se. [“✓” - 7%] [? - 35%] [* - 58%]

b. Cada família reuniu-se. [“✓” - 89%] [? - 11%] [* - 00]

c. Cada militar forma um grupo grande. [“✓” - 8%] [? - 39%] [* - 53%]

d. Cada exército forma um grupo grande. [“✓” - 75%] [? - 25%] [* - 00]

(iii) Há realização de *cada* com alguns numerais e DI. Confrontem-se os exemplos (36) e (37).

(36) Em cada três mulheres uma sofre violência doméstica. (*Sociedade, @Verdade, 17 de Fevereiro*)

(37) Cada um dos Deputados defende interesses dos cidadãos. (*Corpus Moçambula*)

Em (36) e (37), verifica-se que o quantificador *cada*, à semelhança do PE, pode coocorrer com numerais (cf. (36)) e com DI¹⁵ (cf. (37)). O exemplo (36) mostra que o quantificador “cada” pode ocupar a posição interna de uma construção partitiva¹⁶ enquanto em (37), “cada” ocupa uma construção partitiva externa¹⁷. Esta possibilidade de combinar com numerais e com indefinidos faz com que “cada” se distinga dos demais quantificadores universais.

(iv) existe a realização de quantificador “cada” em alguns contextos que permitem a construção de flutuação mas sem alterar a interpretação semântica¹⁸. Veja-se o exemplo (38).

¹⁵ Determinante Indefinido.

¹⁶ Sobre este assunto confronte Peres (2013).

¹⁷ *Apud* Peres 2013.

¹⁸ Veja-se sobre o assunto Leal (2006).

(38) a. Cada juiz atirou uma culpa ao arguido. (*Política, @Verdade, 21 de Fevereiro*)

b. O juiz cada atirou uma culpa ao arguido.

(v) Há aceitabilidade, em grande percentagem, de realização do quantificador “cada” com itens de polaridade negativa. Veja-se o exemplo (39).

(39) a. Nem cada estudante leu um poema. [“✓” - 71%] [“?” - 28%] [* - 00]

b. Cada estudante nem leu um poema.¹⁹ [“✓” - 68%] [“?” - 32%] [* - 00]

O exemplo (39) mostra que os sujeitos inquiridos aceitam a realização de *cada* com itens de polaridade negativa. Diversamente, porém, esta realização, particularmente (39 a.) não é aceitável no PE. Esta particularidade também distingue este quantificador dos outros quantificadores universais, já que os outros quantificadores podem coocorrer com itens de polaridade negativa (cf. 40).

(40) a. Nem ambos os estudantes leram um poema.

b. Nem todos os estudantes leram um poema.

c. Nem qualquer estudante leu um poema.

(vi) Há aceitação da realização do quantificador “cada” em contextos genéricos. Confronte-se o exemplo (41).

(41) Cada leão tem uma juba. [“✓” - 79%] [“?” - 21%] [* - 00]

O exemplo (41) mostra que os sujeitos falantes do PM inquiridos consideram aceitável a realização de *cada* sobre um conjunto pré-construído que possa ser interpretado como genérico.

(vii) Há realização de “cada” sobre um conjunto virtual modificado por uma oração relativa no modo conjuntivo. Veja-se o exemplo (42).

(42) Cada pessoa que viole os princípios é punida²⁰. (*Corpus Moçambula*)

¹⁹ Admite-se que a forma negativa nesta frase não afeta o quantificador *cada*.

²⁰ Este exemplo também foi usado no inquérito - “cada” (em anexo) para testar se os sujeitos inquiridos, falantes do PM aceitam-na.

O exemplo (42) mostra que, em alguns *corpora* do PM (*Corpus Moçambula*), o quantificador *cada* pode operar sobre um conjunto virtual modificado por uma oração relativa no modo conjuntivo.

4.2.2.4 “Qualquer” no PM

Os resultados obtidos através da tarefa de juízos de aceitabilidade e outros dados extraídos de jornais de notícias *online* mostram que:

(i) há aceitabilidade, em grande percentagem, do operador “qualquer” em contextos de efeito de definitude. Vejam-se os exemplos (43).

- (43) a. Havia qualquer livro na biblioteca. [“✓” - 82%] [? - 18%] [* - 00]
b. Qualquer livro havia na biblioteca. [“✓” - 79%] [? - 21%] [* - 00]
c. Um livro qualquer havia na biblioteca. [“✓” - 67%] [? - 33%] [* - 00]

Em (43), verifica-se que os sujeitos falantes do PM inquiridos parecem realizar aceitavelmente o operador *qualquer* em contextos que exijam sintagmas não definidos. Devido ao seu valor de definitude, uma propriedade caracterizadora de quantificadores universais, esta possibilidade não é aceitável para o PE, à semelhança do Espanhol.

(ii) há ocorrência de quantificador “qualquer” em estruturas diversificadas com valores distintos. Confrontem-se os exemplos (44), (45) e (46).

- (44) a. Qualquer jogador é sujeito a críticas. (*Desporto, @Verdade, 03 de Fevereiro*)
b. As eleições de Outubro passado foram marcadas pela vitória estrondosa da Frelimo e seu candidato que qualquer outro partido [...]. (*Política, @Verdade, 07 de Janeiro*)
c. Um cidadão qualquer teria denunciado corrupção nas escolas públicas. (*Corpus Moçambula*)

- (45) a. Não existe qualquer líquido nas reservas [...]. (*Sociedade, @Verdade, 15 de Fevereiro*) (*nenhum líquido*)
b. A Frelimo não tem qualquer dúvida sobre os factos de Muxúnguè. (*Sociedade, @Verdade, 7 de Janeiro*) (*nenhuma dúvida*)
c. Os parlamentares vão propor quaisquer medidas de assistência às vítimas de inundações [...]. (*Corpus Moçambula*)

(46) a. Eles estão sempre a criticar qualquer proposta desse partido (*Política, @Verdade, 9 de Janeiro*)

Os exemplos em (44)-(46) mostram que, no PM, à semelhança do PE, o quantificador *qualquer* está associado a valores diversificados de quantificação nominal. Em (44), *qualquer* exibe uma leitura de “escolha livre” legitimada pelos seguintes contextos (cf. Mória (1992): genericidade em (44 a.), comparação em (44 b.) e operadores de eventualidade²¹ (44 c.).

Os exemplos em (45) partilham a interpretação de valor existencial. Nestes exemplos o que é relevante, como se pode ver, são os contextos de ocorrência de *qualquer* associado a palavras negativas. Note-se que a frase em (45 c.) parece ser de difícil interpretação por falantes do PE, mas para falantes do PM, parece ter uma leitura equivalente *algumas*.

(iii) há aceitabilidade, em grande percentagem, do quantificador “qualquer” com valor de “escolha livre” em contextos que exijam generalizações, normalmente determinados pelo presente do indicativo dos predicativos verbais. Veja-se o exemplo (47).

(47) a. Qualquer livro é interessante. [“✓” - 98%] [? - 2%] [* - 00]

O exemplo (47) mostra que os sujeitos falantes do PM inquiridos aceitam a realização de *qualquer* em contextos genéricos.

(iv) não há aceitabilidade de “qualquer”, em grande percentagem, com artigo indefinido em posição pré e pós nominal com valor de incógnita. Atentem-se no exemplo seguinte.

(48) a. Já um qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores. [“✓” - 13%] [? - 14%] [* - 83%] (*não me lembro quem...*)

b. Já um empresário qualquer me tinha atualizado sobre subida de valores. [“✓” - 8%] [? - 10%] [* - 82%] (*não me lembro quem...*)

c. Um já qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores. [“✓” - 00] [? - 8%] [* - 92%] (*não me lembro quem...*)

Em (48), os dados mostram que os sujeitos inquiridos parecem não aceitar a realização de “qualquer” com artigo indefinido com valor de incógnita. Ao contrário do

²¹ Termo usado em Mória (1992) para referir possibilidade condicional.

PM, alguns destes exemplos podem ser aceitáveis com interpretações como as que se encontram em itálico, de acordo com Peres (2013:799).

(v) há ocorrência do quantificador “qualquer” com o a expressão de modificação “outro(a)”, em estruturas diferentes e com ou sem indefinido, à semelhança do PE. Vejam-se os exemplos (49).

(49) a. A oposição exigiu um qualquer outro argumento válido sobre acordo de desmilitarização das Forças Armadas da Renamo. (*Política, @Verdade, 6 de Janeiro*)

b. O Governo moçambicano adotou uma outra medida política qualquer sobre descentralização administrativa [...]. (*Sociedade, @Verdade, 6 de Fevereiro*)

c. Algumas associações do norte do país pedem qualquer outro apoio financeiro para fins agrícola. (*Sociedade, @Verdade, 6 de Janeiro*)

(vi) há ocorrência de paráfrase de construções com “qualquer” por meio de estruturas oracionais intercaladas com o valor de equivalência, à semelhança do PE. Veja-se o exemplo seguinte.

(50) a. Um funcionário do Aparelho do Estado, qualquer que ele seja, pode aderir aos serviços de Letsego. (*Publicidade, @Verdade, 23 de Janeiro*)

(vii) há aceitabilidade, em grande percentagem, do quantificador “qualquer” em sintagmas não específicos, à semelhança do PE. Vejam-se os exemplos seguintes.

(51) a. Qualquer princípio será criticado. [“✓” - 99%] [? - 1%] [* - 00]

b. Um princípio qualquer será criticado. [“✓” - 93%] [? - 7%] [* - 00]

(viii) há grande hesitação relativamente ao quantificador “qualquer” DD’s. Vejam-se os seguintes exemplos.

(52)²² a. Qualquer o livro é interessante. [“✓” - 7%] [? - 70%] [* - 23%]

b. Qualquer este livro é interessante. [“✓” - 17%] [? - 63%] [* - 20%]

²² Admite-se a possibilidade de falta de domínio de uso deste quantificador, já que os dados mostram, de alguma forma, pouca percentagem relativa à aceitabilidade pelos sujeitos falantes do PM inquiridos.

Os dados em (52 a. e b.) mostram que os sujeitos inquiridos parecem hesitar em construções nas quais *qualquer* ocorre com determinantes definidos. Uma possibilidade estranha tal como PE.

Dada a complexidade deste quantificador, com diferentes valores: universal, existencial e escolha livre, é de supor que os sujeitos falantes do PM inquiridos tenham dificuldades de interpretação de *qualquer*.

4.3 Síntese do Capítulo

Os dados analisados que foram obtidos através da tarefa de produção provocada e de juízos de aceitabilidade de um conjunto de 100 sujeitos falantes do PM inquiridos, assim como outros dados recolhidos em jornais de notícias *online* permitiram-nos adiantar algumas hipóteses sobre a realização dos quantificadores universais em PM, tendo em conta os fenómenos encontrados e analisados comparativamente aos do PE e ainda algumas particularidades de *todo* e *todos* para o PB. Neste contexto, podemos verificar que os falantes do PM realizam quantificadores universais em posições e contextos diversificados obedecendo, deste modo, a um tipo de padrão para cada quantificador, à exceção de *todo* e *todos* que parecem obedecer ambos a um padrão paralelo.

a) Em posição pré-nominal, à semelhança de *todo* no PB, *todo* e *todos* ocorrem preferencialmente com nomes sem determinante (*todo/todos* + NP). Em segundo lugar, os sujeitos inquiridos parecem também realizar *todo* e *todos* em posição pós – nominal (DD (...) *todo/todos*). Em terceiro lugar, à semelhança de *todo* e *todos* no PE, verifica-se que os sujeitos inquiridos realizam a quantificação de *todo* e *todos* em posição pré-nominal com DD's (*todo/todos*+DD). Apesar da pouca percentagem, os dados mostram ainda que os sujeitos inquiridos também realizam *todo* e *todos* em posição pós-verbal.

b) Em posição pré-nominal, os sujeitos inquiridos parecem realizar preferencialmente o quantificador *ambos* associado a um DD (*Ambos* + DD) em oposição de *todo/todos* que parecem ser realizados com nomes sem determinante. Em segundo lugar, à semelhança de *todo* e *todos*, os sujeitos inquiridos parecem optar pela realização de *ambos* em posição pós – nominal, adjacentes aos DD's (DD (...) *ambos*), ao contrário do PE. Em terceiro lugar, verifica-se que os sujeitos inquiridos realizam *ambos* em

posição pós-verbal. Em quarto lugar, nota-se igualmente realização de *ambos* precedido de DD (DD (...) Ambos) Por último, identificam-se poucos registos da ocorrência do quantificador *ambos* associado a um NP (Ambos+NP). Olhando para os dados do *corpus* verifica-se que o uso de *ambos* é muito semelhante ao PE, revelando provavelmente pouco uso deste quantificador tendo em conta os muitos casos de hesitação quanto às construções.

c) Os sujeitos inquiridos parecem realizar preferencialmente a quantificação com *cada* em posição pré nominal associada a um NP, à semelhança de *cada* no PE. Igualmente, nota-se que o quantificador *cada* é realizado em posição pós-verbal, em contextos diferenciados. Em frases complexas, verifica-se que os sujeitos inquiridos realizam a quantificação com *cada* em posição pós-verbal associado aos DD's e em frases simples parece ser associado a um NP.

d) O quantificador *qualquer* parece ser realizado em três posições. Sendo a pré-nominal realizada preferencialmente quando associado a um NP, à semelhança de *qualquer* no PE. Em segundo lugar, *qualquer* é realizado em posição pós-nominal em contextos de (DI+NP+ Qualquer) e em contextos de (DI+ Qualquer+Modificador). Nota-se ainda a realização do quantificador *qualquer* em posição pós-verbal.

Finalmente, os resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade permitiram-nos verificar que os sujeitos inquiridos perante as possibilidades de *aceitabilidade*, de *hesitação ou indecisão* e de *estranheza* manifestam em algumas construções uma grande hesitação relativa ao uso destes quantificadores.

Conclusões

Neste trabalho procurou-se analisar a realização de quantificadores universais (*todo, todos, ambos, cada e qualquer*) no PM, comparando-os com os do PE e em alguns casos do PB. Para tal, para além da introdução em que se apresenta a motivação para o presente estudo e se tecem algumas considerações sobre a situação do PM, a tese para tal apresenta quatro capítulos. No primeiro capítulo faz-se uma apresentação geral sobre quantificação e quantificadores. No capítulo II descreve-se a metodologia utilizada para a recolha dos dados que constituem o *corpus* utilizado neste estudo. O capítulo III destina-se a apresentar, baseado na literatura consultada, as principais características e contextos de utilização destes quantificadores no PE e em alguns casos do PB. No capítulo IV procede-se a análise dos dados obtidos do PM, propondo algumas generalizações sobre os quantificadores universais no PM. Finalmente apresentam-se as conclusões.

A análise dos resultados, a partir das tarefas de produção provocada e de juízos de aceitabilidade e de outros dados extraídos de jornais de notícias *online*, permitiu-nos identificar que, no PM, de um modo geral:

(i) há realização de quantificadores universais em posições e contextos diversificados obedecendo, deste modo, a um padrão diferente para cada quantificador, à exceção de *todo* e *todos* que parecem obedecer a um padrão semelhante nos contextos em que são realizados, embora se comportem diferentemente em contextos de definitude.

(ii) *todo* e *todos* ocorrem preferencialmente com NP em posição do sujeito, à semelhança de *todo* do PB.

(iii) há realização de *ambos* associado preferencialmente a um DD em oposição a *todo* e *todos* que parecem se associar a NP.

(iv) Relativamente a *cada* é de salientar a sua aceitabilidade em contextos de definitude tal como acontece com *todos* mas não com *todo*.

(v) Nalguns casos, verifica-se que os sujeitos falantes do PM inquiridos manifestam, em grande percentagem, *hesitação ou indecisão* relativamente a certas construções com os quantificadores considerados. Conforme vimos no capítulo IV, os quantificadores universais (*todo, todos, cada, ambos e qualquer*) diferenciam-se entre si quanto ao grau de hesitação que os inquiridos manifestam relativamente a certas construções. É de

salientar em particular o quantificador *qualquer*. Tal deve-se provavelmente à sua complexidade como notámos nos capítulos III e IV.

Como dissemos atrás, o estudo permitiu chegar à conclusão de que, nesta variedade do Português, os falantes realizam quantificadores universais *todo* e *todos* associados preferencialmente a NP, diferentemente de *todo* o e *todos* os no PE. Este fenómeno corrobora, em parte, o que Gonçalves e Stroud (1998) sugerem ao estudar o *corpus* do Português Oral de Maputo (POM) e Rego (2000), ao comparar o PE com línguas do Centro de Moçambique, que considera que há uma forte tendência de omissão de artigos. No entanto, isso não se verifica com *ambos*, embora, como dissemos, seja um quantificador pouco utilizado. Consideramos por isso, que este problema merece um estudo mais aprofundado. Esta observação não põe em causa a hipótese de que a ausência de artigo associada aos quantificadores *todo* e *todos* se pode dever ao facto de em Moçambique se falarem muitas línguas que pertencem a família bantu que não têm artigos, sendo assim possível uma interferência das estruturas dessas línguas sobre o Português. Para além disso, acreditamos que está cada vez mais generalizado o uso dos quantificadores *todo* e *todos* sem determinante definido no discurso oral dos falantes do PM.

De acordo com juízos de aceitabilidade do autor do presente trabalho, como falante do PM, é possível ouvir com grande frequência construções do tipo (*todo/todos*+ NP/NP's)) na oralidade. Estas construções diferem de (*todo* + DD) / (*todos* + DD's) do PE na medida em que, como se pode verificar ao longo deste trabalho, os quantificadores universais (*todo* e *todos*) em posição de sujeito, surgem sempre anteposto a um DD para o PE. Segundo Peres (2013:789), para o PE, *todo* o, quando aparece na sua posição canónica, cria ambiguidade entre:

- (i) uma leitura de contagem, em que se quantifica universalmente sobre o conjunto de entidades relevantes no contexto (equivalente a *todos os* lexicalmente);
- (ii) uma leitura de medição, em que se remete para a totalidade de uma determinada entidade e sobre ela se predica. As construções com *todos*, geralmente rementem-nos para uma leitura de quantificação de contagem.

Desta feita, acreditamos que no PM, *todo/todos*+NP parecem admitir uma leitura não distinta quando combinados com predicados coletivos e distributivos (cf. exemplos (12)-(15) do capítulo IV). Ou seja, a leitura de contagem. Entretanto, nota-se um

paralelismo com o PB relativamente à realização de *todo* em posição de sujeito frásico (*todo*+NP), (equivalente a *todos os* lexicalmente). Peres (2013:789) considera que *Todo*+NP no PB apenas admite uma leitura de quantificação de contagem. Em PM, a leitura mereológica também é possível, em particular quando o quantificador surge em posição pós nominal (DD (...) *todo*).

A realização de *ambos* associado preferencialmente a um DD (*Ambos*+DD) em oposição a *todo* e *todos* que parecem se associar a NP, permite-nos concluir que este fenómeno tem a ver com o facto de *ambos* ser um quantificador pouco usado no PM. Em consequência disso, verifica-se que os falantes desta variedade ainda preservam algumas propriedades sintaticamente contextualizadas quanto ao uso deste, diferentemente de *todo* e *todos*, que pela ocorrência frequente nos discursos dos falantes do PM, tendem a sofrer uma variação (sintática, morfológica, semântica...) Veja-se o quadro seguinte de distribuição comparativa de *todo* e *todos* e *ambos* em alguns *corpora* do PM.

Quadro (xi): Distribuição comparativa de *todo/todos* e *ambos* em alguns *corpora* do PM

Quantificador	Número de ocorrências em <i>Corpora</i>	
	Moçambula ²³	Jornais de notícias <i>online</i> ²⁴
Ambos	1	7
Todo	31	178
Todos	65	210

Relativamente ao fenómeno de *hesitação ou indecisão* de algumas construções em que são realizados os quantificadores universais (*todo, todos, cada, ambos* e *qualquer*) quando associados a algumas propriedades semânticas, concluímos que se deve, em parte, ao fator *conhecimento linguístico*, em que os falantes do PM evidenciam algum afastamento em relação à norma padrão da gramática da língua de ensino, o Português Europeu (PE). Como resultado, verificam-se em alguns casos uma aceitabilidade inesperada e noutros casos uma indecisão fortemente marcada ou até alguma estranheza em contextos em que isso não ocorre no PE.

De acordo com Brito (2007:6), há fatores externos e fatores internos que fazem com que os falantes do PM evidenciem hesitações e oscilações nos seus enunciados.

²³ Dados atualizados até ao dia 8 de Maio de 2015 as 08:30:39.

²⁴ Dados extraídos de Jornais de notícias *online*, em particular o Jornal @Verdade, numa amostra de 15 edições referentes à primeira quinzena de Abril de 2015.

Gradualmente vão-se notando alterações linguísticas, nomeadamente na Fonologia, na Morfologia, no Léxico e na Sintaxe e muito provavelmente na Semântica para uma “variante em formação”, que alguns autores chamam “Português de Moçambique”.

Relativamente ao facto de quase não existirem estudos sistemáticos sobre a quantificação e quantificadores universais no PM, em parte sentimos ter cumprido com as metas principais propostas no presente trabalho. Igualmente, acreditamos que o presente trabalho se apresenta como um contributo inicial para o enriquecimento dos estudos semânticos sobre a quantificação e quantificadores universais do Português de Moçambique, reconhecendo que há ainda muito para discutir e aprofundar sobre a quantificação em geral e quantificadores universais no PM, não só relação destes com outros quantificadores mas também no que se refere à sua relação com as línguas moçambicanas da família bantu.

Referências bibliográficas

- ALVES, A.T. (1993) “Introdução à Teoria dos Quantificadores Generalizados”.
Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa, nº4/Maio, pp.65-82.
- BARWISE, J. & COOPER, R. (1981) “Generalized Quantifiers and Natural Language”.
Linguistics and Philosophy 4, pp.159-219. citado em Leal (2009).
- BOSQUE, I. (1999) “El Nombre Común”, in Bosque, I. e Demonte, V. (ogs) V.
Gramática Descriptiva de la Lengua Española, vol.1, cap.1. Madrid: Espasa.
- BOŠKOVIĆ, Ž. (2004) “Be careful where you float your quantifiers”. *Natural Language and Linguistic Theory*, pp. 681-742.
- BRITO, A. M. (2006-2007) “Guião VI - A situação linguística em Moçambique”,
Mestrado de Estudos Africanos - Linguística Africana, FLUP.
- BRITO, A. M. (2006) “Categorias Sintáticas” in Mateus, Maria Helena Mira et al.
Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho (7ª edição).
- CANÇADO, M. (2006) “O quantificador tudo no PB - The quantifier “tudo” in Brazilian Portuguese”. *Revista Letras*, Curitiba, N. 70, P. 157-182, SET./DEZ. Editora UFPR.
- CARLSON, G. (1977) “A Unified Analysis of the English Bare Plural”. *Linguistics and Philosophy*, 1, pp.413-456, citado em Raposo (2013).
- CHIERCHIA, G. (1998) “Plurality of Mass Nouns and the Notion of Semantic Parameter”. In. Rothstein, S. (ed.), *Events and Grammar*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, pp.53-104, citado em Leal (2009).
- CHIERCHIA, G.; MCCONNELL-GINET, S. (1990) *An Introduction to Semantics*. MIT Cambridge/ Massachusetts, citado em Peres (2013).
- CUMBANE, R. M. M. (2008) *As Construções de Duplo Objeto em Xitshwa—Repercussões em Falantes do Português Língua Não Materna*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Lisboa.
- CUNHA, C e CINTRA, L. L (1984). *Gramática do Português contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (2013) *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa (20ª edição).

- CUNHA, L.F. (2006) “Iteração, Frequência e Habitualidade: Algumas Reflexões”. In *Actas del VII Congrès de Lingüística General*. Barcelona, Universidade de Barcelona, disponível em <http://geocities.com/luisfilipecunha/iter.htm>
- CUNHA, L.F., A. LEAL & P. SILVANO (2008a) “Some Issues on Quantification in Consecutive Clauses”. In *Verbum – Revue de Linguistique*. Presses Universitaires de Nancy.
- CUNHA, L.F., A. LEAL & P. SILVANO (2008b) “Consecutive Sentences in European Portuguese: a Quantificational Approach”. In *Actas del VIII Congreso de Lingüística General*. Madrid, Departamento de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Autónoma de Madrid, disponível em <http://elvira.illf.uam.es/clg8/actas/pdf/paperCLG62.pdf>
- DOETJES, J. (1997) “Quantifiers and Selection”. *Tese de Doutoramento*, Universidade de Leiden.
- DUARTE, I. (2009) “Desenvolvimento Sintático e Escolarização”. Ms. Conferência apresentada na Escola Superior de Educação de Leiria.
- DUARTE, I. e OLIVEIRA, F. (2006) “Referência Nominal” in Mateus, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (7ª edição).
- ENÇ, Muvet (1991) «The Semantic of Specificity», LI 22, pp. 1-25. (citado em Sánchez López 1999).
- ESCANDELL VIDAL, M.V. (2004) *Fundamentos de Semântica Composicional*. Barcelona, Editorial Ariel.
- FIRMINO, G. A. (2002) “Questão Linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique”. Maputo. Promédia.
- FILIP, H. (1999) *Aspect, Eventuality Types and Nominal Reference*. New York, Garland Publishing, Inc, citado em Leal (2009).
- GOLDSMITH, J. e E. Woisetschlaeger (1980) "The semantics of positive any", in *Cahiers Linguistiques d'Ottawa*.1980.9, citado em Mória (1992)
- GOMES, A. P. Q. (2004) “Todo”, “cada” e “qualquer”: exigências sobre a denotação nominal e a verbal. Dissertação (Mestrado em Linguística). DL/FFLCH/USP.
- GOMES, A. P. Q. (2009) O efeito grau máximo nos domínios. Tese de Doutorado. USP (no prelo).

- GONÇALVES, P. (2013). “O Português em África”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) Gramática do Português, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp. 157-178.
- GONÇALVES, P. (2010) *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GONÇALVES, P. (1999) “Genesis of Languages in Multilingual Settings”: The Case of Mozambican African Portuguese. Ms: Univ. Eduardo Mondlane.
- GONÇALVES, P. (1998) “Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios”, Volume III. Perpétua, G & STROUD, C. (orgs). Panorama do Português oral de Maputo, INDE.
- GONÇALVES, P. (1997 [2000]) “Tipologia de erro do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico”. In STROUD, C. e GONÇALVES, P. (Orgs.), Panorama do Português Oral de Maputo. Vol. II. Maputo, INDE.
- GUTHRIE, M. (2001) *The classification of the bantu languages*. London: OUP, 1948.
- HAUGEN, E. (2001) “Dialeto, Língua, Nação”. In BAGNO, M. (org.) *Norma linguística*. São Paulo. Layola.
- HEINE, B. e NURSE, D. (2000) “African languages: an introduction”. Cambridge. CUP, citado em Zamparoni (2009).
- KRIFKA, M. (2004) “Bare NP’s: Kind-referring, Indefinites, Both or Neither?” (disponível em http://www.cssp.cnrs.fr/eiss5/krifka/index_en.html).
- KRIFKA, M. et alii (1995) “Genericity: An Introduction”. In. Carlson, G & F. Pelletier (orgs.), *The Generic Book*. Chicago, The University of Chicago Press, pp.1-124.
- KRIFKA, M. (1995) “Common Nouns: A Contrastive Analysis of Chinese and English”. In. Carlson, G & F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*. Chicago, The University of Chicago Press, pp.398-411, citado em Raposo (2013).
- LACA, B. (1999) “Presencia y ausencia de determinante”. In. Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid, Espasa, pp.891-928.
- LACA, B. & TASMOWSKI, L. (1996) “Indéfini et Quantification”. In. *Recherches Linguistiques de Vincennes* 25. Presses Universitaires de Vincennes, pp.107-128.

- LEAL, A. (2009) *Semântica Aspectual e Nominal: Contributo das Expressões Nominais Para a Construção Aspectual das Frases*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, disponível em <http://www.academia.edu/1881287/>
- LEAL, A. (2006) “Cada vez mais/menos: comparative construction or quantification over eventualities?”. In. *Actes du Colloque La Quantification et ses Domaines*. Presses Universitaires de Caen, Collection "Syntaxe et Sémantique”.
- LEONETTI, M. (2007) *Los Cuantificadores*. Cuadernos de Lengua Española. Madrid, Arco Libros.
- LEONETTI, M. (1999a) *Los Determinantes*. Cuadernos de Lengua Española. Madrid, Arco Libros.
- LEONETTI, M. (1999b) “El artículo”. In. Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid, Espasa, pp.787-890.
- LINDONDE, L. M (2002) *As relativas locativas e outras construções aparentadas, introduzidas pelos morfemas “onde” e “em que” no Português de Moçambique*, Dissertação de Mestrado, FLUP.
- LOPES, A. C. M. (1993) “Sobre a Referência Nominal Genérica”. *Discursos*, 4, pp.115-134.
- LOPES, A. J. (2004) *A batalha das línguas. Perspetivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária.
- MARÍN, F. (1999) “Los cuantificadores: Los numerales”. In. Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid, Espasa, pp. 1189-1208.
- MARQUES, R. (2003) *Para uma Semântica das Construções Comparativas em Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- MARQUES, R. (1993) “Processos de Quantificação e Construções Partitivas”. *Discursos*, 4, pp.83-114.
- MARQUES, R. (1992) “Sobre o Conceito de Construção Partitiva”. *Cadernos de Semântica 2*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M. H. M., CARDEIRA, E. (2007) *Norma e Variação*, Editorial Caminho.
- MIGUEL, M. e RAPOSO, E. B. P. (2013) “Determinantes”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp.819-879.

- MÓIA, T. (1993) “Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais” in *Discursos*, 4. pp. 37-63.
- MÓIA, T. (1992) “Aspectos da Semântica do Operador Qualquer” in *Cadernos de Semântica 5*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Artigo também disponível em <http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/index.html>)
- MÜLLER, A. (2002) “The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese”. *Probus* 14, pp.279-298, citado em Gomes (2004).
- MÜLLER, A. & OLIVEIRA, F. (2004) “Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3, pp.9-36, disponível em <http://web.letras.up.pt/id/projctos/3%20C%20LING3/3-3.htm>
- MÜLLER, A., NEGRÃO, E. V. e GOMES, A. P. Q. (2007) “Todo em Contextos Coletivos e Distributivos” in *D.E.L.T.A.*, 23:1 (71-95).
- NEGRÃO, E. V. (2002) “Distributividade e Genericidade nos Sintagmas Introduzidos por “Cada” e “Todo” ”. *Revista do GEL*. Número especial, 2002. pp. 187-204.
- NELIMO. (1989) *I Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas Moçambicanas*, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane.
- NEVES, M. H. M. (2000) *Gramática de Usos do Português*, São Paulo, Editora UNESP.
- NGUNGA, A. (2012) “Interferências de Línguas Moçambicanas no Português falado em Moçambique”. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Série: Letras e Ciências Sociais Volume 1, Moçambique, 2012: pp. 7-20.
- NGUNGA, A. (2004) *Introdução à Linguística Bantu*. Imprensa Universitária: Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.
- NGUNGA et al., (2010) “Educação Bilingue na Província de Gaza: Avaliação de um modelo de ensino”. Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.
- OLIVEIRA, F. (1996) “Semântica”. In FARIA, I. H., DUARTE, I., GOUVEIA, C. A. M. (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, SA., pp. 333 -379.
- OLIVEIRA, F. (1998) “Fras Genéricas: Algumas Especificidades do Português”. In *Seminários de Linguística 2*. Faro: Universidade do Algarve – UCEH, pp.5-19.

- OLIVEIRA, F. (2004) “Bare Nouns in European and Brazilian Portuguese”. In: *Actas VI Congreso de Lingüística General*. Santiago de Compostela, Arco Libros, S.L., pp. 2207-2216.
- OLIVEIRA, F. (2013) “Tipos de Quantificadores”. In: *Seminários de Temas de Semântica I*. Porto: Universidade do Porto – FLUP, pp.1-2.
- OLIVEIRA, F. & CUNHA, L.F. (2003) “Termos de Espécie e Tipos de Predicados”. In: *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*. Porto, CLUP, pp.57-78.
- PERES, J. (2013) “Semântica do Sintagma Nominal”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp. 735-813.
- PERES, J. (1992) “Questões de Semântica Nominal”. *Cadernos de Semântica*, 1, Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa.
- PERES, J. (1987) “Para uma Semântica Formal da Quantificação Nominal Não-Massiva”. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- PERES, J & BRANCO, A. (1989) “O Todo e as suas Partes como Objectos de Referência”. In: *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp.187-199.
- PEREIRA, D. (2006) *O essencial sobre a língua portuguesa: crioulos de base portugues*. Lisboa. Caminho.
- PIRES, R. O. (2005) “Qualquer e o Conceito de Livre-Escolha” in *D.E.L.T.A.*, 21:2, 2005 (251-277).
- PIRES, R. O. (2003a) “O Menino Tá Todo Triste: Uma Reflexão Sobre a Quantificação Universal no PB” in *Revista Letras*, Curitiba, nº 61, pp. 191-210. Editora UFPR.
- PIRES, R. O. (2003b) “Some Remarks on Todo in Brazilian Portuguese” in *Revista de Letras*, Curitiba, n.60, pp. 363-384, jul./dez. 2003. Editora UFPR.
- QUINE, W. O. (1960) *Word and Object*. Cambridge: MIT Press, citado em Bosque (1999).
- RAPOSO, E. B. P. (2013) “Pronomes”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp.883-918.
- RAPOSO, E. B. P. e MIGUEL, M. (2013) “Introdução ao Sintagma Nominal”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp.703-731.
- SAEED, John I. (2003) *Semantics*. Oxford: Blackwell (Second Edition).

- SÁNCHEZ LÓPEZ, C. (1999) “Los Cuantificadores: Clases de Cuantificadores y Estructuras Cuantificativas”. In: Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid, Espasa, pp.1025-1127.
- SILVA, C. (2003) “Ensino monolíngue e o insucesso escolar em Moçambique: escolarização bilingue melhorará também o ensino de português”. In *Aprender juntos*. Maputo: CELP.
- SILVA, F. (2005) “Quantificação na língua e no discurso: o caso de parte em português” in Rio-Torto, G., Figueiredo M. O., Fátima S. (orgs). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- SITOE, S.J. e NHAMUENDE, P.J. (2013) *Moçambicanismos: para um léxico de usos do português moçambicano*. Luanda: Editora Letras.
- SPORTICHE, D. (1988) “A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure”. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass. n. 19, p. 425-449, disponível em <http://bobaljik.uconn.edu/324/sportiche88.pdf>
- TEIXEIRA J. (2014) *Como Funcionam As Línguas?: Uma iniciação às ciências da Linguagem*. Edições Húmus, Impressão Papelmunde, SNG, Lda..
- VENDLER, Z. (1957) “Verbs and Times”. *Philosophical Review*, 56, pp.143-160, disponível em <http://www.labri.fr/perso/moot/talks/Aspect.pdf>
- VICENTE, G. (2013) “Numerais”. In RAPOSO, E.B.P. *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. pp.922-946.
- VICENTE, H. da S. G. (2006) *O quantificador flutuante todo no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília.
- VILELA, M. (1995) “Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática”. Coimbra. Almeida.
- ZAMPARONI, V. D. (2009) “Colonialismo, jornalismo, militância e apropriação da língua portuguesa em Moçambique nas décadas iniciais do século XX”. In GALVES, C.
- ZAMPARONI, V. D. (1998) *Entre narros e mulungos: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c.1890-c.1940*. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo.

Corpora

1. [CP] Corpus Moçambula, disponível em <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=MOCAMBULA>
2. *Corpus* PPOM – Corpus do Projeto Panorama do Português Oral de Maputo (não disponível em online)
3. Jornal@Verdade, disponível em <http://www.verdade.co.mz/download>

ANEXOS

I. Inquérito Sociolinguístico

Caro informante,

Havendo necessidade de recolha de dados linguísticos dos falantes da variedade moçambicana do Português sobre os contextos de ocorrência de quantificadores universais, para fins de investigação em Linguística, elaborámos o presente inquérito. Assim, pedimos a sua atenção e colaboração para responder com clareza e objetividade às perguntas que lhe são colocadas.

1.2 Idade _____ Sexo _____

1.3 Naturalidade _____

1.4 Nível de escolaridade _____

1.5 Qual foi a 1ª língua que aprendeu a falar? _____

1.6 a. Que língua (s) usa para comunicar em casa com a família? _____

1.6 b. Que língua (s) usa para comunicar com os amigos? _____

1.7 Que Língua(s) moçambicana(s) fala? _____

1.8 Que Língua(s) moçambicana(s) compreende? _____

1.1 Resultado dos dados sobre o inquérito sociolinguístico

Variável Independente		Número	Percentagem (%)
Género	Masculino	50	50%
	Feminino	50	50%
Idade	18 - 24	31	31%
	25 - 45	53	53%
	+45	16	16%
Nível de escolaridade	12º Ano	100	100%
Naturalidade	Norte de Moçambique		
	Nampula	7	7%
	Cabo Delgado	1	1%
	Niassa	5	5%
	Centro de Moçambique		
	Tete	5	5%
	Manica	4	4%
	Sofala	11	11%
	Zambézia	10	10%
	Sul de Moçambique		
	Maputo	29	29%
Gaza	13	13%	

	Inhambane	15	15%
Língua materna	Língua Portuguesa	21	21%
	Língua Bantu	79	79%
Língua de uso corrente	Família e Amigos		
	Língua Portuguesa	Família	39 39%
		Amigos	77 77%
	Língua(s) Bantu	Família	61 61%
Amigos		33 33%	
Línguas moçambicanas faladas	Xichangana	60	60%
	Cisena	20	20%
	Emakhuwa	10	10%
	Outras línguas	10	10%
Línguas moçambicanas compreendidas	Xichangana	60	60%
	Cisena	20	20%
	Emakhuwa	10	10%
	Outras línguas	10	10%

II. “TODOS”

2.1 Tarefa de produção provocada do PM

A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério.

Frases simples

(1) (meninos, um poema, os, todos, escreveram)

(2) (O Pedro, doces, os, imediatamente, todos, comeu)

(3) (amam, a Maria, todos, os alunos)

(4) (chegam, os, tempos, verão, todos, de, turistas)

(5) (foram, os, ao teatro, todos, alunos)

(6) (direitos, todos, funcionários, os, consideram, os)

(7) (desporto, contestam, todos, a, adeptos, derrota, do, os)

(8) (O, livros, Pedro, dias, os, todos, compra).

(9) (de, lei da Reforma, beneficiaram, os, todos, a, deputados)

(10) (livros, esses, comprou, João, o, todos)

(11) (todos os alunos lancham ao intervalo)

(12) (a paz, todos, querem, moçambicanos, os)

(13) (ensaia, os, todos, Pedro, O, Domingos)

Frases Complexas

(14) (assaltos, em Maputo, premeditados, todos, foram, os, que decorreram)

(15) (estudos, quando, todos, há, os, interessantes, são, novidades)

(16) (esgotaram, de, gosto, livros, os, que, todos)

(17) (turistas, Moçambique, os, divertiram-se, todos, viajaram, que, a)

(18) (festival, ganhou, participantes, o, todos, disseram, filme, o, que, os).

(19) (os, prometeram, no, moçambicanos, que, dia, votar, Todos, Outubro, 15, de, iam)

(20) (equipados, municipais, mercados, estão, reabilitados, todos, e, os)

(21) (campos, lavrados, agrícolas, todos, e, irrigados, os, forma)

2.1.1 Resultados da tarefa de produção provocada

(1) (meninos, um poema, os, todos, escreveram)

- a. Todos meninos escreveram um poema [37]
- b. Os meninos todos escreveram um poema [27]
- c. Todos os meninos escreveram um poema [22]
- d. Os meninos escreveram todos um poema [14]

(2) (seminaristas, um santuário, todos, visitaram, os)

- a. Todos seminaristas visitaram um santuário [39]
- b. Os seminaristas todos visitaram um santuário [27]
- c. Todos os seminaristas visitaram um santuário [22]
- d. Os seminaristas visitaram todos um santuário [12]

(3) (amam, a Maria, todos, os alunos)

- a. Todos alunos amam a Maria [38]
- b. Os alunos todos amam a Maria [33]
- c. Todos os alunos amam a Maria [19]
- d. Os alunos amam todos a Maria [10]

(4) (chegam, os, tempos, verão, todos, de, turistas).

- a. Todos tempos de verão chegam turistas [38]
- b. Os tempos todos de verão chegam turistas [31]
- c. Todos os tempos de verão chegam turistas [24]
- d. Os tempos de verão todos chegam turistas [7]

(5) (foram, os, ao teatro, todos, alunos)

- a. Todos alunos foram ao teatro [42]
- b. Os alunos todos foram ao teatro [30]
- c. Todos os alunos foram ao teatro [17]

- d. Os alunos foram todos ao teatro [11]
- (6) (direitos, todos, funcionários, os, consideram, os)
- Todos funcionários consideram seus direitos [39]
 - Os funcionários todos consideram seus direitos [31]
 - Todos os funcionários consideram seus direitos [18]
 - Os funcionários consideram todos seus direitos [12]
- (7) (desporto, contestam, todos, a, adeptos, derrota, do, os).
- Todos adeptos do desporto contestam a derrota [44]
 - Os adeptos todos do desporto contestam a derrota [30]
 - Todos os adeptos do desporto contestam a derrota [16]
 - Os adeptos do desporto contestam todos a derrota [10]
- (8) (O, livros, Pedro, dias, os, todos, compra).
- O Pedro compra livros todos dias [39]
 - O Pedro compra livros os dias todos [31]
 - O Pedro compra livros todos os dias [30]
- (9) (de, lei da Reforma, beneficiaram, os, todos, a, deputados)
- Todos deputados beneficiaram da Lei da Reforma [39]
 - Os deputados todos beneficiaram da Lei da Reforma [29]
 - Todos os deputados beneficiaram da Lei da Reforma [19]
 - Os deputados beneficiaram todos da Lei da Reforma [13]
- (10) (com, seus alunos, se, preocupam, professores, os, todos,)
- Todos professores preocupam-se com seus alunos [34]
 - Os professores todos preocupam-se com seus alunos [29]
 - Todos os professores preocupam-se com seus alunos [21]
 - Os professores preocupam-se todos com seus alunos [16]
- (11) (todos os alunos lancham ao intervalo)
- Todos alunos lancham ao intervalo [40]
 - Os alunos todos lancham ao intervalo [32]
 - Todos os alunos lancham ao intervalo [17]
 - Os alunos lancham todos ao intervalo [11]
- (12) (a paz, todos, querem, moçambicanos, os)
- Todos moçambicanos querem a paz [39]
 - Os moçambicanos todos querem a paz [30]
 - Todos os moçambicanos querem a paz [19]
 - Os moçambicanos querem todos a paz [12]
- (13) (ensaia, os, todos, Pedro, O, Domingos)
- O Pedro ensaia todos Domingos [42]
 - O Pedro ensaia os Domingos todos [30]
 - O Pedro ensaia todos os Domingos [28]
- (14) (assaltos, em Maputo, premeditados, todos, foram, os, que decorreram)
- Todos assaltos que decorrem em Maputo foram premeditados [39]
 - Os assaltos todos que decorrem em Maputo foram premeditados [30]
 - Todos os assaltos que decorrem em Maputo foram premeditados [23]
 - Os assaltos que decorrem em Maputo foram todos premeditados [8]
- (15) (estudos, quando, todos, há, os, interessantes, são, novidades)
- Todos estudos são interessantes quando há novidades [38]
 - Os estudos todos são interessantes quando há novidades [30]
 - Todos os estudos são interessantes quando há novidades [18]
 - Os estudos são todos interessantes quando há novidades [14]

- (16) (esgotaram, de, gosto, livros, os, que, todos)
- Todos livros que gosto esgotaram [35]
 - Os livros todos que gosto esgotaram [27]
 - Todos os livros que gosto esgotaram [22]
 - Os livros de que gosto todos esgotaram [16]
- (17) (turistas, Moçambique, os, divertiram-se, todos, viajaram, que, a)
- Todos turistas que viajaram a Moçambique se divertiram [40]
 - Os turistas todos que viajaram a Moçambique se divertiram [30]
 - Todos os turistas que viajaram a Moçambique se divertiram [20]
 - Os turistas que viajaram todos a Moçambique se divertiram [10]
- (18) (festival, ganhou, participantes, o, todos, disseram, filme, o, que, os).
- Todos participantes disseram que o filme ganhou o festival [39]
 - Os participantes todos disseram que o filme ganhou o festival [30]
 - Todos os participantes disseram que o filme ganhou o festival [20]
 - Os participantes disseram todos que o filme ganhou o festival [11]
- (19) (os, prometeram, no, moçambicanos, que, dia, votar, Todos, Outubro, 15, de, iam)
- Todos moçambicanos prometeram que iam votar no dia 15 de Outubro [39]
 - Os moçambicanos todos prometeram que iam votar no dia 15 de Outubro [30]
 - Todos os moçambicanos prometeram que iam votar no dia 15 de Outubro [18]
 - Os moçambicanos prometeram todos que iam votar no dia 15 de Outubro [13]
- (20) (equipados, municipais, mercados, estão, reabilitados, todos, e, os)
- Todos mercados municipais estão reabilitados e equipados [41]
 - Os mercados municipais todos estão reabilitados e equipados [27]
 - Todos os mercados municipais estão reabilitados e equipados [20]
 - Os mercados municipais estão todos reabilitados e equipados [12]
- (21) (campos, lavrados, agrícolas, todos, e, irrigados, os, forma)
- Todos campos agrícolas foram lavrados e irrigados [42]
 - Todos os campos agrícolas foram lavrados e irrigados [28]
 - Todo os campos agrícolas todos foram lavrados e irrigados [17]
 - Os campos agrícolas foram todos lavrados e irrigados [13]

2.2 Tarefa de juízos de aceitabilidade do PM

Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “” (inaceitável e agramatical).*

- (1) a. Os homens adoram todos o desporto ()
 b. Todos os homens adoram o desporto ()
 c. Adoram todos o desporto os homens ()
 d. Todos homens adoram o desporto ()
- (2) a. Todos livros são numerosos ()
 b. Os livros todos são numerosos ()
 c. Todos os livros são numerosos ()
 d. Os livros são todos numerosos ()
 e. Todos os livros são interessantes ()
- (3) a. Todos empresários pareciam indecisos ()
 b. Os empresários todos pareciam indecisos ()
 c. Todos os empresários pareciam indecisos ()
 d. Os empresários pareciam todos indecisos ()

- (4) a. Todos arguidos estavam de acordo com a sentença ()
b. Os arguidos todos estavam de acordo com a sentença ()
c. Os arguidos estavam todos de acordo com a sentença ()
d. Todos os arguidos estavam de acordo com a sentença ()
- (5) a. Todos jogadores se arrependeram pela decisão da FIFA ()
b. Os jogadores todos se arrependeram pela decisão da FIFA ()
c. Os jogadores arrependeram-se todos pela decisão da FIFA ()
d. Todos os jogadores são mortais ()
- (6) a. Os dois anos todos foram de sacrifício ()
b. Todos dois anos foram de sacrifício ()
c. Os dois todos anos foram de sacrifício ()
d. Todos os anos foram de sacrifício ()
- (7) a. Aqueles campos todos serão guarnecidos ()
b. Aqueles campos serão todos guarnecidos ()
c. Aqueles campos serão guarnecidos todos ()
d. Todos aqueles campos serão guarnecidos ()
- (8) a. Todos campos serão guarnecidos ()
b. Os campos todos serão guarnecidos ()
c. Todos os campos serão guarnecidos ()
d. Os campos serão todos guarnecidos ()
e. Os campos serão guarnecidos todos ()
- (9) a. Todos eles (os campos) serão guarnecidos ()
b. Eles (os campos) serão guarnecidos ()
c. Eles (os campos) todos serão guarnecidos ()
d. Eles (os campos) serão todos guarnecidos ()
- (10) a. Havia todos os livros na biblioteca ()
b. Todos os livros havia na biblioteca ()
c. Os livros todos havia na biblioteca ()
d. Na biblioteca os livros todos havia ()
e. Todos os livros estão na biblioteca ()
f. Os livros todos estão na biblioteca ()
- (11) a. Todos ouros são extraídos em Moçambique ()
b. Os ouros são extraídos todos em Moçambique ()
c. Todos os ouros são extraídos em Moçambique ()
d. Os ouros todos são extraídos em Moçambique ()
e. Todos os vinhos de origem portuguesa são exportados com sucesso ()
- (12) a. Todos cafés dessa cidade são diferentes ()
b. Os cafés todos dessa cidade são diferentes ()
c. Todos os cafés dessa cidade são diferentes ()
d. Os cafés dessa cidade são todos diferentes ()

2.2.1 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade

Juízo de aceitabilidade	Frases										
	1 a.	1 b.	1 c.	1 d.	2 a.	2 b.	2 c.	2 d.	2 e.		
“√” (bem formada)	59%	43%	35%	16%	69%	49%	34%	28%	59%		
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	41%	57%	65%	84%	31%	51%	66%	72%	41%		
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Juízo de aceitabilidade	3 a.	3 b.	3 c.	3 d.				4 a.	4 b.	4 c.	
“√” (bem formada)			75%	59%	39%	25%			73%	52%	41%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)			25%	41%	61%	75%			27%	48%	59%
“*” (inaceitável e agramatical)			-	-	-	-			-	-	-
Juízo de aceitabilidade	4 d.	5 a.	5 b.	5 c.	5 d.		6 a.	6 b.	6 c.	6 d.	
“√” (bem formada)	30%		72%	60%	45%	33%		60%	45%	39%	27%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	70%		82%	40%	55%	67%		40%	55%	61%	73%
“*” (inaceitável e agramatical)	-		-	-	-	-		-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	7 a.	7 b.	7 c.	7 d.	8 a.	8 b.	8 c.	8 d.	8 e.	9 a.	9 b.
“√” (bem formada)	86%	83%	69%	39%	60%	52%	47%	33%	29%	89%	60%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	14%	17%	31%	61%	40%	48%	53%	67%	71%	11%	40%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	9 c.	9 d.	10 a.	10 b.	10 c.	10 d.	10 e.	10 f.		11 a.	
“√” (bem formada)	47%	39%	78%	59%	45%	33%	19%	59%		11%	
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	53%	61%	22%	41%	55%	67%	81%	41%		89%	
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-		-	
Juízo de aceitabilidade	11 b.	11 c.	11 d.	11 e.		12 a.	12 b.	12 c.	12 d.		
“√” (bem formada)	-	-	-	69%		40%	42%	31%	29%		
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	-	-	-	31%		60%	58%	69%	71%		
“*” (inaceitável e agramatical)	100%	100%	100%	-		-	-	-	-		
Juízo de	13 a.	13 b.	13 c.	13 d.							

aceitabilidade				
“✓” (bem formada)	88%	79%	47%	42%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	12%	21%	53%	58%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-

III. “TODO”

3.1 Tarefa de produção provocada do PM

A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério.

(1) (tem, todo, diversas, o, funcionalidades, computador)

(2) (se, preocupa, problema, mundo, o, de, todo, o, ébola, com)

(3) (segredos, quarto, conserva, todo, o)

(4) (atuais, incorpora, os, jornal, todo, temas, o)

(5) (reserva, todo, verão, surpresas, o)

(6) (o, crianças, brinquedo, diverte, todo)

(7) (povo, eleições, todo, contra, o, legislativas, das, protesta)

(8) (o, adora, todo, futebol, o, homem)

(9) (todo, espatifado, o, ficou, carro)

(10) (faz, todo, compras, mês, o, ela)

(11) (um, emprego, todo, procura, ano, o, ela)

Frases complexas

(12) (trabalho, todo, necessite, que, o, força, é, de, duro)

(13) (tem, e, ano, altas, todo, baixas, o)

(14) (recorre, ser, houver, humano, todo, à, problemas, o, quando, justiça, problemas)

3.1.1 Resultados da tarefa de produção provocada

(1) (tem, todo, diversas, o, funcionalidades, computador)

a. Todo computador tem diversas funcionalidades [35]

b. O computador todo tem diversas funcionalidades [29]

- c. Todo o computador tem diversas funcionalidades [20]
 - d. O computador tem todo diversas funcionalidades [16]
- (2) (se, preocupa, problema, mundo, o, de, todo, o, ébola, com)
- a. Todo mundo preocupa-se com o problema de ébola [35]
 - b. O mundo todo preocupa-se com o problema de ébola [29]
 - c. Todo o mundo preocupa-se com o problema de ébola [20]
 - d. O mundo preocupa-se todo com o problema de ébola [16]
- (3) (segredos, quarto, conserva, todo, o).
- a. Todo quarto conserva segredos [36]
 - b. O quarto todo conserva segredos [30]
 - c. Todo o quarto conserva segredos [20]
 - d. O quarto conserva todo segredos [17]
- (4) (atuais, incorpora, os, jornal, todo, temas, o)
- a. Todo jornal incorpora os temas atuais [38]
 - b. O jornal todo incorpora os temas atuais [32]
 - c. Todo o jornal incorpora os temas atuais [17]
 - d. O jornal incorpora todo os temas atuais [13]
- (5) (reserva, todo, verão, surpresas, o)
- a. Todo verão reserva surpresas [38]
 - b. O verão todo reserva surpresas [30]
 - c. Todo o verão reserva surpresas [20]
 - d. O verão reserva todo surpresas [12]
- (6) (o, crianças, brinquedo, diverte, todo).
- a. Todo brinquedo diverte crianças [37]
 - b. O brinquedo todo diverte crianças [33]
 - c. Todo o brinquedo diverte crianças [20]
 - d. O brinquedo diverte todo crianças [10]
- (7) (povo, eleições, todo, contra, o, legislativas, das, protesta).
- a. Todo povo protesta contra os resultados das eleições legislativas [38]
 - b. O povo todo protesta contra os resultados das eleições legislativas [33]
 - c. Todo o povo protesta contra os resultados das eleições legislativas [19]
 - d. O povo protesta todo contra os resultados das eleições legislativas [10]
- (8) (o, adora, todo, futebol, o, homem)
- a. Todo homem adora o futebol [42]
 - b. O homem todo adora o futebol [25]
 - c. Todo o homem adora o futebol [19]
 - d. O homem adora todo o futebol [15]
- (9) (todo, espatifado, o, ficou, carro)
- a. Todo carro ficou espatifado [35]
 - b. O carro ficou todo espatifado [30]
 - c. O carro todo ficou espatifado [21]
 - d. Todo o carro ficou espatifado [14]
- (10) (faz, todo, compras, mês, o, ela)
- a. Todo mês ela faz compras [39]
 - b. Ela faz compras o mês todo [27]
 - c. Todo o mês ela faz compras [18]
 - d. Ela faz compras todo o mês [16]
- (11) (um, emprego, todo, procura, ano, o, ela)
- a. Todo ano ela procura um emprego [38]
 - b. Ela procura um emprego o ano todo [29]
 - c. Todo o ano ela procura um emprego [17]

d. Ela procura um emprego todo o ano [16]

Frases complexas

- (12) (trabalho, todo, necessite, que, o, força, é, de, fatigante)
- Todo trabalho que necessite de auxílio é fatigante [37]
 - O trabalho todo que necessite de auxílio é fatigante [30]
 - Todo o trabalho que necessite de auxílio é fatigante [20]
 - O trabalho que necessite todo de auxílio é fatigante [13]
- (13) (tem, e, ano, altas, todo, baixas, o)
- Todo ano tem altas e baixas [40]
 - O ano todo tem altas e baixas [30]
 - Todo o ano tem altas e baixas [20]
 - O ano tem todo altas e baixas [10]
- (14) (recorre, ser, houver, humano, todo, à, problemas, o, quando, justiça, problemas)
- Todo ser humano recorre à justiça quando houver problemas [36]
 - O ser humano todo recorre à justiça quando houver problemas [31]
 - Todo o ser humano recorre à justiça quando houver problemas [20]
 - O ser humano recorre todo à justiça quando houver problemas [13]

3.2 Tarefa de juízos de aceitabilidade do PM

Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “” (inaceitável e agramatical).*

- (1) a. Todo o jogador teve um bom desempenho ()
b. O jogador todo teve um bom desempenho ()
c. O jogador teve todo um bom desempenho ()
d. Todo o jogador que teve um bom desempenho foi premiado ()
- (2) a. Todo aquele campo será guarnecido ()
b. Aquele campo todo será guarnecido ()
c. Aquele campo será todo guarnecido ()
d. Todo campo aquele será guarnecido ()
- (3) a. Todo campo será guarnecido ()
b. Campo todo será guarnecido ()
c. Todo o campo será guarnecido ()
d. O campo todo será guarnecido ()
e. O campo será todo guarnecido ()
- (4) a. Todo ele (o campo) será guarnecido ()
b. Ele (o campo) todo será guarnecido ()
c. Ele (o campo) será todo guarnecido ()
- (5) a. Havia todo o livro na biblioteca ()
b. Todo o livro havia na biblioteca ()
c. O livro todo havia na biblioteca ()
d. Na biblioteca o livro todo havia ()
e. Todo o livro está disponível na biblioteca ()
f. O livro todo está disponível na biblioteca ()
g. O livro está disponível todo na biblioteca ()
- (6) a. Todo animal bovino tem 4 patas ()
b. O animal todo bovino tem 4 patas ()
c. O animal bovino todo tem 4 patas ()
d. O animal bovino tem todo 4 patas ()
e. Todo o animal bovino tem 4 patas ()

- (7) a. Todo livro é interessante ()
b. O livro todo é interessante ()
c. Todo o livro é interessante ()
d. O livro é todo interessante ()
- (8) a. Todo livro deve ser lido ()
b. O livro todo deve ser lido ()
c. Todo o livro deve ser lido ()
d. O livro deve ser todo lido ()
e. O livro deve ser lido todo ()
- (9) a. Todo ouro é extraído em Moçambique ()
b. O ouro é extraído todo em Moçambique ()
c. Todo o ouro é extraído em Moçambique ()
d. O ouro todo é extraído em Moçambique ()
e. O ouro é extraído em Moçambique ()
- (10) a. Todo café dessa cidade é diferente ()
b. O café todo dessa cidade é diferente ()
c. Todo o café dessa cidade é diferente ()
d. O café dessa cidade é todo diferente ()
- (11) a. Todo aluno se reuniu com o seu orientador ()
b. O aluno todo se reuniu com o seu orientador ()
c. Todo o aluno se reuniu com o seu orientador ()
d. O aluno reuniu-se todo com o seu orientador ()
e. O aluno fez um teste ()
- (12) a. Todo empresário pareceu-se indeciso ()
b. O empresário todo pareceu-se indeciso ()
c. Todo o empresário pareceu-se indeciso ()
d. O empresário pareceu-se todo indeciso ()
e. O empresário pareceu-se indeciso ()
- (13) a. Todo arguido estava de acordo com a sentença ()
b. O arguido todo estava de acordo com a sentença ()
c. O arguido estava todo de acordo com a sentença ()
d. Todo o arguido estava de acordo com a sentença ()
e. O arguido estava de acordo com a sentença ()
- (14) a. Todo televisor é pesado ()
b. O televisor todo é pesado ()
c. Todo o televisor é pesado ()
d. O televisor é todo pesado ()
e. Todo o televisor ficou raspado ()
- (15) a. Todo estudante se reuniu na biblioteca ()
b. O estudante todo se reuniu na biblioteca ()
c. Todo o estudante se reuniu na biblioteca ()
d. O estudante reuniu-se todo na biblioteca ()
e. Todo o estudante chega à biblioteca ()
- (16) a. Todo estudante chegou à biblioteca ()
b. O estudante todo chegou à biblioteca ()
c. O estudante chegou todo à biblioteca ()
d. Todo o estudante chegou à biblioteca ()
e. Todo estudante de Ciências de Comunicação chegou à biblioteca ()

“duvidoso”)											
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	65%	-	-	-	-	-	60%	-	-
Juízo de aceitabilidade	13 b.	13 c.	13 d.	13 e.	14 e.	14 a.	14 b.	14 c.	14 d.	15 a.	15 b.
“✓” (bem formada)	67%	43%	22%	22%	100%	89%	76%	59%	19%	29%	11%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	33%	57%	78%	-	-	11%	24%	41%	20%	71%	23%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	78%	-	-	-	-	61%	-	66%
Juízo de aceitabilidade	15 c.	15 d.	15 e.	16 a.	16 b.	16 c.	16 d.	16 e.	16 f.	16 g.	16 i.
“✓” (bem formada)	3%	-	100%	77%	59%	33%	10%	70%	39%	62%	37%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	18%	5%	-	23%	41%	67%	18%	30%	61%	38%	63%
“*” (inaceitável e agramatical)	79%	95%	-	-	-	-	72%	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	16 j.										
“✓” (bem formada)	5%										
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	17%										
“*” (inaceitável e agramatical)	78%										

IV. “AMBOS”

4.1 Tarefa de produção provocada do PM

A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério.

Frases simples

(1) (filhos, na, nasceram, ambos, madrugada, os)

(2) (se, partidos, os, ambos, confrontaram)

(3) (os, brilharam, clubes, ambos)

(4) (têm, casos, dias, os, contados, ambos)

(5) (ébola, ambos, se, países, queixam, os, de)

(6) (adesão, concertos, público, do, terão, ambos, os)

(7) (alheamento, os, funcionários, contra, ambos, serviços, dos, protestavam)

(8) (personagens, os, fantásticos, ambos, forma, em apresentações)

(9) (os, obedeceram, tributos, ambos, um, critério)

(10) (foram, anos, de, ambos, desafios, os)

(11) (estudantes, os, direitos, ambos, seus, defenderam,)

(12) (fazem, um, jornalistas, ambos, os, sucesso)

Frases complexas

(13) (Moçambique, reconhecem, um, analistas, os, ambos, é, que, democrático, país)

(14) (os, acidente, provocaram, um, quando, condutores, ambos, chovia)

(15) (frequentavam, estudantes, o, que, curso, os, ambos, de, Linguística, ganharam, um, prémio, Nobel)

(16) (seus, ambos, e, financiadores, os pesquisadores, mereceram, um, reconhecimento)

4.1.1 Resultados da tarefa de produção provocada

(1) (filhos, na, nasceram, ambos, madrugada, os)

- a. Ambos os filhos nasceram na madrugada [36]
- b. Os ambos filhos nasceram na madrugada [24]
- c. Os filhos nasceram ambos na madrugada [22]
- d. Os filhos ambos nasceram na madrugada [15]
- e. Ambos filhos nasceram na madrugada [3]

(2) (se, partidos, os, ambos, confrontaram)

- a. Ambos os partidos confrontaram-se [42]
- b. Os ambos partidos confrontaram-se [20]
- c. Os partidos confrontaram-se ambos [18]
- d. Os partidos ambos confrontaram-se [16]
- e. Ambos partidos confrontaram-se [4]

(3) (os, brilharam, clubes, ambos)

- a. Ambos os clubes brilharam [47]
- b. Os ambos clubes brilharam [20]
- c. Os clubes brilharam ambos [15]
- d. Os clubes ambos brilharam [15]
- e. Ambos clubes brilharam [3]

(4) (têm, casos, dias, os, contados, ambos).

- a. Ambos os casos têm dias contados [38]
- b. Os ambos casos têm dias contados [29]
- c. Os casos têm ambos dias contados [17]
- d. Os casos ambos têm dias contados [12]
- e. Ambos casos têm dias contados [4]

(5) (ébola, ambos, se, países, queixam, os, de)

- a. Ambos os países queixam-se de ébola [33]
- b. Os ambos países queixam-se de ébola [28]
- c. Os países queixam-se ambos de ébola [20]
- d. Os países ambos queixam-se de ébola [15]

- e. Ambos países queixam-se de ébola [4]
- (6) (adesão, concertos, público, do, terão, ambos, os)
- Ambos os concertos terão adesão do público [36]
 - Os ambos concertos terão adesão do público [25]
 - Os concertos terão ambos adesão do público [23]
 - Os concertos ambos terão adesão do público [13]
 - Ambos concertos terão adesão do público [3]
- (7) (alheamento, os, funcionários, contra, ambos, serviços, dos, protestavam)
- Ambos os funcionários protestavam contra alheamento dos serviços [40]
 - Os ambos funcionários protestavam contra alheamento dos serviços [27]
 - Os funcionários protestavam ambos contra alheamento dos serviços [16]
 - Os funcionários ambos protestavam contra alheamento dos serviços [12]
 - Ambos funcionários protestavam contra alheamento dos serviços [5]
- (8) (personagens, os, fantásticos, ambos, foram, em, apresentações)
- Ambos os personagens foram fantásticos em apresentações [34]
 - Os ambos personagens foram fantásticos em apresentações [27]
 - Os personagens foram ambos fantásticos em apresentações [19]
 - Os personagens ambos foram fantásticos em apresentações [16]
 - Ambos personagens foram fantásticos em apresentações [4]
- (9) (os, obedeceram, tributos, ambos, um, critério)
- Ambos os tributos obedeceram um critério [43]
 - Os ambos tributos obedeceram um critério [25]
 - Os tributos obedeceram ambos um critério [17]
 - Os tributos ambos obedeceram um critério [11]
 - Ambos tributos obedeceram um critério [4]
- (10) (foram, anos, de, ambos, desafios, os)
- Ambos os anos foram de desafios [44]
 - Os ambos anos foram de desafios [23]
 - Os anos foram ambos de desafios [16]
 - Os anos ambos foram de desafios [13]
 - Ambos anos foram de desafios [4]
- (11) (estudantes, os, direitos, ambos, seus, defenderam,)
- Ambos os estudantes defenderam seus direitos [42]
 - Os estudantes ambos defenderam seus direitos [21]
 - Os estudantes defenderam ambos seus direitos [19]
 - Os ambos estudantes defenderam seus direitos [16]
 - Ambos estudantes defenderam seus direitos [2]
- (12) (fazem, um, jornalistas, ambos, os, sucesso)
- Ambos os jornalistas fazem um sucesso [39]
 - Os ambos jornalistas fazem um sucesso [18]
 - Os jornalistas fazem ambos um sucesso [27]
 - Os jornalistas ambos fazem um sucesso [14]
 - Ambos jornalistas fazem um sucesso [2]

Frases complexas

- (13) (Moçambique, reconhecem, um, analistas, os, ambos, é, que, democrático, país)
- Ambos os analistas reconhecem que Moçambique é um país democrático [43]
 - Os ambos analistas reconhecem que Moçambique é um país democrático [20]
 - Os analistas reconhecem ambos que Moçambique é um país democrático [17]
 - Os analistas ambos reconhecem que Moçambique é um país democrático [15]
 - Ambos analistas reconhecem que Moçambique é um país democrático [5]

- (14) (os, acidente, provocaram, um, quando, condutores, ambos, chovia)
- Ambos os condutores provocaram um acidente quando chovia [35]
 - Os ambos condutores provocaram um acidente quando chovia [20]
 - Os condutores provocaram ambos um acidente quando chovia [17]
 - Os condutores ambos provocaram um acidente quando chovia [15]
 - Ambos condutores provocaram um acidente quando chovia [13]
- (15) (frequentavam, estudantes, o, que, curso, os, ambos, de, Linguística, ganharam, um, prêmio, Nobel)
- Ambos os estudantes que frequentavam o curso de Linguística ganharam um prêmio Nobel [36]
 - Os ambos estudantes que frequentavam o curso de Linguística ganharam um prêmio Nobel [19]
 - Os estudantes que frequentavam ambos o curso de Linguística ganharam um prêmio Nobel [20]
 - Os estudantes ambos que frequentavam o curso de Linguística ganharam um prêmio Nobel [17]
 - Ambos estudantes que frequentavam o curso de Linguística ganharam um prêmio Nobel [8]
- (16) (seus, ambos, e, financiadores, os pesquisadores, mereceram, um, reconhecimento)
- Ambos os pesquisadores e seus financiadores mereceram um reconhecimento [37]
 - Os ambos pesquisadores e seus financiadores mereceram um reconhecimento [22]
 - Os pesquisadores e seus financiadores mereceram ambos um reconhecimento [21]
 - Os pesquisadores ambos e seus financiadores mereceram um reconhecimento [18]
 - Ambos pesquisadores e seus financiadores mereceram um reconhecimento [2]

4.2. Tarefa de juízos de aceitabilidade do PM

Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “” (inaceitável e agramatical).*

- (1) a. Ambos os dirigentes se reuniram na manhã de hoje ()
 b. Os ambos dirigentes se reuniram na manhã de hoje ()
 c. Os dirigentes reuniram-se ambos na manhã de hoje ()
 d. Os dirigentes ambos se reuniram na manhã de hoje ()
 e. Ambos dirigentes se reuniram na manhã de hoje ()
 f. Ambos os dirigentes defenderam o aumento salarial na manhã de hoje ()
 g. Os ambos dirigentes defenderam o aumento salarial na manhã de hoje ()
 i. Os dirigentes defenderam ambos o aumento salarial na manhã de hoje ()
- (2) a. Havia ambos os estudantes na sala de aulas ()
 b. Os estudantes havia ambos na sala de aulas ()
 c. Ambos os estudantes estiveram na sala de aulas ()
 d. Os estudantes estiveram ambos na sala de aulas ()
- (3) a. Tem homens e mulheres concorrendo à vaga ()
 b. Há homens e mulheres concorrendo à vaga ()
 c. Tem momentos em que nos sentimos desanimados ()
 d. Há momentos em que nos sentimos desanimados ()
 e. Na cidade tem pessoas de vários estatutos ()
 f. Na cidade há pessoas de vários estatutos ()
- (4) a. Ambos os princípios serão analisados ()
 b. Os ambos princípios serão analisados ()
 c. Ambos os princípios académicos serão analisados ()
 d. Os ambos princípios académicos serão analisados ()
 e. Os princípios ambos académicos serão analisados ()
 f. Os princípios académicos serão analisados ambos ()
- (5) a. Ambos esses meninos padecem de anemia aguda ()
 b. Esses meninos padecem ambos de anemia aguda ()
 c. Esses ambos meninos padecem de anemia aguda ()

- (6) a. Ambos eles (os meninos) padecem de anemia aguda ()
 b. Eles (os meninos) padecem ambos de anemia aguda ()
 c. Eles ambos (os meninos) padecem de anemia aguda ()

4.2.1 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade

Juízo de aceitabilidade	Frases										
	1 a.	1 b.	1 c.	1 d.	1 e.	1 f.	1 g.	1 i.			
“✓” (bem formada)	79%	67%	53%	46%	39%	88%	66%	55%			
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	21%	33%	47%	54%	61%	22%	34%	45%			
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-			
Juízo de aceitabilidade	2 a.	2 b.	2 c.	2 d.	3 a.	3 b.	3 c.	3 d.	3 e.		
“✓” (bem formada)			9%	11%	98%	89%	80%	49%	77%	47%	79%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)			30%	37%	2%	11%	20%	51%	23%	53%	21%
“*” (inaceitável e agramatical)			61%	52%	-	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	3 f.	4 a.	4 b.	4 c.	4 d.	4 e.	4 f.	5 a.	5 b.	5 c.	6 a.
“✓” (bem formada)	46%	31%	23%	89%	72%	58%	53%	76%	52%	9%	73%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	54%	52%	58%	11%	28%	42%	47%	24%	48%	20%	27%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	17%	19%	-	-	-	-	-	-	71%	-
Juízo de aceitabilidade	6 b.	6 c.									
“✓” (bem formada)	59%	11%									
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	41%	10%									
“*” (inaceitável e agramatical)	-	79%									

V. “CADA”

5.1 Tarefa de produção provocada do PM

A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério.

Frases simples

(1) (um, comeu, cada, gelado, menino)

(2) (duas, estudante, maçãs, cada, comeu)

(3) (teste, cada, fez, estudante, um)

(4) (pasta, mil, custa, meticais, cada)

(5) (criança(s), destas, uma, é, feliz, cada)

Frases complexas

(6) (estudante, que, dos, excursão, cada, satisfeito, na, ficou, estava)

(7) (realidade, uma, cidade, e, residentes, cada, diferente, seus, têm)

(8) (certeza, uma, mulheres, cada, tem, a, destas, de, que, a, violência, doméstica, reduziu)

5.1.1 Resultados da tarefa de produção provocada

(1) (um, comeu, cada, gelado, menino)

- a. Cada menino comeu um gelado [38]
- b. Um menino comeu cada gelado [28]
- c. Cada um menino comeu gelado [20]
- d. Cada um gelado comeu menino [14]

(2) (uma, estudante, maçã, cada, comeu)

- a. Cada estudante comeu uma maçã [40]
- b. Uma estudante comeu cada maçã [27]
- c. Cada uma estudante comeu maçã [19]
- d. Cada uma maçã comeu estudante [14]

(3) (teste, cada, fez, estudante, um)

- a. Cada estudante fez um teste [30]
- b. Um estudante fez cada teste [28]
- c. Cada um estudante fez teste [25]
- d. Cada um teste fez estudante [17]

(4) (pasta, mil, custa, meticais, cada)

- a. Cada pasta custa mil meticais [40]
- b. Custa cada pasta mil meticais [35]
- c. Cada mil meticais custa pasta [25]

(5) (crianças, destas, uma, é, feliz, cada)

- a. Cada criança destas uma é feliz [41]
- b. Uma destas crianças é cada feliz [35]
- c. Cada uma destas crianças é feliz [15]

Frases complexas

(6) (estudante, que, dos, excursão, cada, satisfeito, na, ficou, estava)

- a. Cada estudante que estava na excursão ficou satisfeito [49]
- b. Estudante que estava cada na excursão ficou satisfeito [32]
- c. Estudante cada que estava na excursão ficou satisfeito [19]

(7) (realidade, uma, cidade, e, residentes, cada, diferente, seus, têm)

- a. Cada cidade e seus residentes têm uma realidade diferente [53]
- b. Cidade e seus residentes têm cada uma realidade diferente [32]
- c. Cidade e seus residentes cada têm uma realidade diferente [15]

(8) (certeza, uma, mulheres, cada, tem, a, destas, de, que, a, violência, doméstica, reduziu)

- a. Cada mulheres destas uma tem a certeza de que a violência doméstica reduziu [45]
- b. Uma destas mulheres tem cada a certeza de que a violência doméstica reduziu [31]
- c. Uma destas mulheres cada tem a certeza de que a violência doméstica reduziu [24]

5.2 Tarefa de juízos de aceitabilidade do PM

Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical).

- (1) O menino leu dois romances.
 - a. Cada era interessante ()
 - b. Cada um era interessante ()
 - c. Cada romance era interessante ()
- (2) a. Há cada estudante na sala ()
 - b. Há cada estudante! ()
 - c. Há estudante cada na sala ()
 - d. Cada estudante há na sala ()
- (3) a. Cada a criança comeu duas maçãs ()
 - b. Cada criança comeu duas maçãs ()
 - c. Comeu duas maçãs cada a criança ()
- (4) a. Cada familiar reuniu-se ()
 - b. Cada família reuniu-se ()
 - c. Cada militar forma um grupo grande ()
 - d. Cada exército forma um grupo grande ()
- (5) Um de cada três estudantes fez o teste de semântica ()
- (6) Cada um destes três estudantes fez o teste de semântica ()
- (7) a. Nem cada estudante leu um poema ()
 - b. Cada estudante nem leu um poema ()
 - c. Nem estudante cada leu um poema ()
 - d. Cada estudante leu um poema ()
- (8) a. Cada leão tem uma juba ()
 - b. Cada leão teve cuidados de especialistas diferentes ()
- (9) a. Cada pessoa que viole os princípios é punida ()
 - b. Pessoa que viole cada os princípios é punida ()
 - c. Cada pessoa deve respeitar os princípios ()

5.2.1 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade

Juízo de aceitabilidade	Frases											
	1 a.	1 b.	1 c.	2 a.	2 b.	2 c.	2 d.	3 a.	3 b.	3 c.	4 a.	
“✓” (bem formada)	-	11%	85%	71%	63%	15%	13%	16%	90%	-	7%	
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	83%	89%	15%	29%	37%	85%	86%	10%	10%	-	35%	
“*” (inaceitável e agramatical)	17%	-	-	-	-	-	-	74%	-	100%	58%	
Juízo de aceitabilidade	4 b.	4 c.	4 d.	5 a.	6 a.	7 a.	7 b.	7 c.	7 d.	8 a.	8 b.	
“✓” (bem formada)	89%	8%	75%	71%	69%	71%	68%	51%	97%	79%	67%	
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	11%	39%	25%	29%	31%	29%	32%	49%	3%	21%	33%	
“*” (inaceitável e agramatical)	-	53%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Juízo de	9 a.	9 b.	9 c.									

aceitabilidade			
“√” (bem formada)	89%	59%	98%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	19%	41%	2%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-

VI. “QUALQUER”

5.1 Tarefa de produção provocada do PM

A partir dos elementos linguísticos que se encontram entre parênteses, formule uma frase correta ao seu critério.

Frases simples

(1) (fraude, uma, qualquer, denunciar, cidadão, pode)

(2) (moderna, tem, cidade, suas, qualquer, regras)

(3) (rigoroso, país, qualquer, é)

(4) (impactos, qualquer, tem, punitiva, medida)

(5) (válido, qualquer, apoio, é)

(6) (seu, qualquer, tem, estratégico, ministério, plano)

Frases complexas

(7) (que, omissão, a desrespeitar, qualquer, ou ação, venha, os princípios da moralidade é punível)

(8) (sociedade, que, económico, beneficie, índice, qualquer, a, é, bem-vindo)

(9) (equilibrada, qualquer, fazem, exercício, alimentação, e, físico, uma, o bem-estar)

6.1.1 Resultados da tarefa de produção provocada

- (1) (um, fraude, uma, qualquer, denunciar, cidadão, pode)
- Um qualquer cidadão pode denunciar uma fraude [61]
 - Um cidadão qualquer pode denunciar uma fraude [39]
- (2) (moderna, tem, cidade, suas, qualquer, regras, uma)
- Qualquer cidade moderna tem suas regras [42]
 - Cidade moderna qualquer tem suas regras [33]
 - Cidade qualquer moderna tem suas regras [25]
- (3) (rigoroso, país, qualquer, é, um)
- Qualquer país é rigoroso [69]
 - País qualquer é rigoroso [31]
- (4) (consequências, qualquer, tem, punitiva, medida, uma)
- Qualquer medida punitiva tem consequências [49]
 - Medida punitiva qualquer tem consequências [30]
 - Medida qualquer punitiva tem consequências [21]

- (5) (válido, qualquer, apoio, é, um)
 a. Qualquer apoio é válido [64]
 b. Apoio qualquer é válido [36]
- (6) (seu, qualquer, tem, estratégico, ministério, plano, uma)
 a. Qualquer ministério tem seu plano estratégico [50]
 b. Ministério qualquer tem seu plano estratégico [40]
 c. Ministério tem qualquer seu plano estratégico [18]

Frases complexas

- (7) (que, omissão, a desrespeitar, qualquer, ou ação, venha, os princípios da moralidade é punível)
 a. Qualquer omissão ou ação que venha a desrespeitar os princípios da moralidade é punível [40]
 b. Omissão ou ação qualquer que venha a desrespeitar os princípios da moralidade é punível [35]
 c. Omissão ou ação que qualquer venha a desrespeitar os princípios da moralidade é punível [25]
- (8) (sociedade, que, económico, beneficie, índice, qualquer, a, é, bem-vindo)
 a. Qualquer índice económico que beneficie a sociedade é bem-vindo [42]
 b. Índice económico qualquer que beneficie a sociedade é bem-vindo [30]
 c. Índice económico que qualquer beneficie a sociedade é bem-vindo [20]
 d. Índice qualquer económico que beneficie a sociedade é bem-vindo [8]
- (9) (equilibrada, qualquer, fazem, exercício, alimentação, e, físico, uma, o bem-estar)
 a. Qualquer exercício físico e uma alimentação equilibrada fazem o bem-estar [40]
 b. Exercício físico qualquer e uma alimentação equilibrada fazem o bem-estar [29]
 c. Exercício físico e uma alimentação equilibrada fazem qualquer o bem-estar [19]
 d. Exercício qualquer físico e uma alimentação equilibrada fazem o bem-estar [12]

6.2 Tarefa de juízos de aceitabilidade do PM

Imagine que as frases que se seguem ocorrem sem pausas, teste o seu juízo de aceitabilidade relativamente às mesmas, marcando-as com “✓” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “” (inaceitável e agramatical).*

- (1) a. Havia qualquer livro na biblioteca ()
 b. Qualquer livro havia na biblioteca ()
 c. O livro qualquer havia na biblioteca ()
- (2) a. Qualquer cidadão é sujeito à críticas ()
 b. Cidadão qualquer é sujeito à críticas ()
- (3) a. O professor compra livro qualquer interessante ()
 b. O professor compra qualquer livro interessante ()
 c. O professor compra qualquer interessante livro ()
- (4) a. O Pedro precisa de comprar qualquer livro de Mia Couto ()
 b. O Pedro precisa de comprar livro qualquer de Mia Couto ()
 c. O Pedro ainda não comprou qualquer livro de Mia Couto ()
 d. O Pedro ainda não compro livro qualquer de Mia Couto ()
 e. Se venderes qualquer livro de Mia Couto, inclua-me na lista dos interessados ()
 f. Se venderes livro qualquer de Mia Couto, inclua-me na lista dos interessados ()
 g. Podes excluir da promoção qualquer livro de Mia Couto ()
 i. Podes excluir da promoção livro qualquer de Mia Couto ()
 j. Exclua da promoção qualquer livro de Mia Couto ()
 k. Exclua da promoção livro qualquer de Mia Couto ()
- (5) a. Os vizinhos não têm qualquer desconfiança ()
 b. Os vizinhos não têm desconfiança qualquer ()
 c. A piada não tem qualquer humor ()
 d. A piada não tem humor qualquer ()

- (6) a. A oposição terá quaisquer razões de enfraquecer? ()
b. A oposição terá razões quaisquer de enfraquecer? ()
c. Não vejo qualquer alternativa de colmatar a problemática ()
d. Não vejo alternativa qualquer de colmatar a problemática ()
- (7) a. Já qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores ()
b. Já empresário qualquer me tinha atualizado sobre subida de valores ()
c. A Maria já comprou qualquer livro de Paulina Chiziane ()
d. A Maria já comprou livro qualquer de Paulina Chiziane ()
e. A Maria já qualquer livro comprou de Paulina Chiziane ()
f. A Maria já livro qualquer comprou de Paulina Chiziane ()
- (8) a. O Presidente da República não homologa qualquer lei ()
b. O Presidente da República não homologa lei qualquer ()
- (9) a. Ela é poeta qualquer ()
b. Ela é qualquer poeta ()
c. Ela é uma poeta qualquer ()
d. Ela é qualquer uma poeta ()
e. Ela não é candidata qualquer ()
f. Ela não é uma candidata qualquer ()
g. Ela não é qualquer uma candidata ()
- (10) a. Qualquer estudante chegou à biblioteca ()
b. Estudante qualquer chegou à biblioteca ()
c. Qualquer estudante de Ciências de Comunicação chegou à biblioteca ()
d. Estudante qualquer de Ciências de Comunicação chegou à biblioteca ()
e. Qualquer estudante chega à biblioteca ()
- (11) a. Qualquer criança tem direito à educação ()
b. Uma criança qualquer tem direito à educação ()
c. Criança qualquer tem direito à educação ()
d. Uma qualquer criança tem direito à educação ()
- (12) a. O estudante lê qualquer livro interessante ()
b. O estudante lê um qualquer livro interessante ()
c. O estudante lê um livro interessante qualquer ()
d. O estudante lê um livro qualquer interessante ()
- (13) a. Já qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores ()
b. Já um qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores ()
c. Já um empresário qualquer me tinha atualizado sobre subida de valores ()
d. Um Já qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores ()
- (14) a. Podes excluir da promoção duas quaisquer obras de Mia Couto ()
b. Podes excluir da promoção duas obras quaisquer de Mia Couto ()
c. Podes excluir da promoção duas obras quaisquer de Mia Couto ()
- (15) a. Interessa-me um qualquer outro título académico dessa área ()
b. Interessa-me um outro título académico qualquer dessa área ()
c. Interessa-me qualquer um outro título académico dessa área ()
d. Interessa-me um outro título qualquer académico dessa área ()
- (16) a. Qualquer estudante pode denunciar uma corrupção ()
b. Um estudante, qualquer que ele seja, pode denunciar uma corrupção ()
c. Um estudante, seja (ele) quem for, pode denunciar uma corrupção ()
d. Um estudante, que qualquer ele seja, pode denunciar uma corrupção ()
e. Um estudante, quem seja (ele) for, pode denunciar uma corrupção ()

- (17) a. Já qualquer empresário me tinha atualizado sobre subida de valores (*não me lembro que é*) ()
 b. Já me tinha atualizado sobre subida de valores não sei quem ()
 c. A Maria já comprou qualquer livro de Paulina Chiziane (*não sabe qual*) ()
 d. A Maria já comprou não sabe que livro de Paulina Chiziane ()
- (18) a. Qualquer princípio será criticado ()
 b. Princípio será qualquer criticado ()
- (19) a. Qualquer o livro é interessante ()
 b. Qualquer este livro é interessante ()
 c. Qualquer livro é interessante ()

6.2.1 Resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade

Juízo de aceitabilidade	Frases										
	1 a.	1 b.	1 c.	2 a.	2 b.	3 a.	3 b.	3 c.	4 a.	4 b.	4 c.
“√” (bem formada)	88%	79%	67%	98%	95%	73%	89%	59%	99%	98%	98%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	18%	21%	33%	2%	5%	27%	11%	41%	1%	2%	2%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	4 d.	4 e.	4 f.	4 g.	4 i.	4 j.	4 k.	5 a.	5 b.	5 c.	5 d.
“√” (bem formada)	99%	100%	99%	96%	95%	99%	97%	99%	99%	100%	98%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	1%	-	1%	4%	5%	1%	3%	1%	1%	-	2%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	6 a.	6 b.	6 c.	6 d.	7 a.	7 b.	7 c.	7 d.	7 e.	7 f.	8 a.
“√” (bem formada)	90%	68%	99%	98%	98%	96%	95%	99%	11%	5%	100%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	10%	32%	1%	2%	2%	4%	5%	1%	23%	7%	-
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	66%	88%	-
Juízo de aceitabilidade	8 b.	9 a.	9 b.	9 c.	9 d.	9 e.	9 f.	9 g.	10 a.	10 b.	10 c.
“√” (bem formada)	98%	63%	65%	98%	12%	71%	83%	68%	72%	69%	78%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	2%	33%	35%	2%	18%	29%	17%	32%	28%	31%	22%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	70	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	10 d.	10 e.	11 a.	11 b.	11 c.	11 d.	12 a.	12 b.	12 c.	12 d.	13 a.
“√” (bem formada)	71%	91%	95%	100%	67%	78%	98%	96%	87%	65%	88%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	29%	9%	5%	-	23%	22%	2%	4%	13%	35%	12%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	13 b.	13 c.	13 d.	14 a.	14 b.	14 c.	15 a.	15 b.	15 c.	15 d.	16 a.
“√” (bem formada)	13%	8%	-	88%	82%	23%	90%	87%	76%	73%	98%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	14%	10%	8%	12%	18%	8%	10%	13%	24%	27%	2%
“*” (inaceitável e agramatical)	83%	82%	92%	-	-	69%	-	-	-	-	-
Juízo de aceitabilidade	16 b.	16 c.	16 d.	16 e.	17 a.	17 b.	17 c.	17 d.	18 a.	18 b.	19 a.
“√” (bem formada)	92%	89%	80%	62%	89%	77%	97%	-	99%	93%	7%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	8%	11%	20%	38%	11%	23%	3%	13%	1%	7%	70%
“*” (inaceitável e agramatical)	-	-	-	-	-	-	-	87%	-	-	3%
Juízo de aceitabilidade	19 b.	19 c.									

“√” (bem formada)	17%	98%
“?” (pouco natural ou “duvidoso”)	63%	2%
“*” (inaceitável e agramatical)	23%	-
